



A mãe que desistiu do céu

Este é um livro fácil de ser lido. Escolhi textos de fundo ou filosofia moral que o leitor pudesse apreciar diretamente, sem nenhum comprometimento de outra ordem. No entanto, vinculei-os a um dado tema que ensejasse depois uma abordagem, estudo e reflexões. Daí que de cada enfoque nasça um “Tema para Reflexões” e, para exemplificar, formulo perguntas que a estimulem. Desta forma, pretendi converter uma prosaica colocação em perguntas e respostas, método que didaticamente Allan Kardec preferiu para a sua obra de codificação basilar “O Livro dos Espíritos”. Sócrates e Platão, que o missionário de Lião projeta na abertura de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, como precursores da Doutrina Espírita, também usavam maiêutica como aquela que se opunha a aprender decorando, mas, por força da necessidade de saber.

Vejo o público lendo pilhas de livros espíritas, sem que se detenha Lêem e passam. Não voltam atrás, nem mesmo para uma releitura. Noutros casos, temos aqueles que lêem muito, mas não se desbordam dessa leitura, procurando conhecer aquilo que outros disseram, vindo a se tornar incapacitados para as explicações, pois, o estudante do Espiritismo tem de ser trabalhado num sentido máis largo, em que possa esclarecer, com raciocínio próprio, mas, na medida da cultura e do obstáculo oposto pelo perguntador.

Livro desprezioso, vazado na linguagem comum de todo dia, é apenas uma contribuição à mensagem do Cristo, retrabalhada pelos seus prepostos na sagrada missão de dar ao mundo de hoje uma tradução dos seus ensinamentos.

Campinas, na chegada da Primavera de 1987

M. B. Tamassia

O autor

1 - A MÃE QUE DESISTIU DO CÉU-

Se soubéssemos respeitar o sentimento materno, não erraríamos tanto durante a nossa existência, pois que todo e qualquer insucesso e desventura que nos

ferem, ferem, em maior grau, nossa mãe.

Têm sido as mães dos presidiários as figuras mais comoventes deste triste desvão da vida, a que damos o nome de cárcere. Nas audiências do Conselho Carcerário de Campinas, onde servimos muitos anos, as mães dos encarcerados sempre nos impressionaram sobremaneira.

Desde o momento em que o seu filho é detido e indiciado, a mãe começa a sofrer, como se lhe tivessem lancetando o coração. Quando então o Juiz da Vara Criminal exara nos autos o despacho condenatório, ela começa a morrer. Entra em agonia.

O pano de boca do palco judiciário esconde, atrás da ribalta, e longe dos olhos do público, um drama familiar que vai se prolongar por largos anos, e às vezes para sempre, no qual os figurantes são criaturas inocentes que não infringiram lei alguma: a esposa, os filhos menores, o pai e a mãe do delinqüente. Nos quadros da *via crucis* poderão faltar todos, mas, nunca a mãe.

Com que tenacidade, suportando toda sorte de humilhações, ela, tão frágil, pleiteia, justifica, explica, perambula pelos corredores do Palácio da Justiça, ou batendo à porta da cadeia, enfrenta leoninamente guardas, carcereiros, delegados, escrivães, a fim de conseguir um benefício para o seu filho ou um amparo. Nenhum advogado melhor, mais eficiente, a tal ponto que mães simplórias, e até analfabetas, com o perpassar do tempo, acabam entendendo de prisão albergue, domiciliar, livramento condicional, reunificação de processos, anistia ou perempção. Algumas sabem de cor inúmeros artigos do Código Penal!

Uma velhinha surrada e mofda, a quem perguntei se morava longe, respondeu-me: “Não. Moro pertinho da cadeia, apenas vinte quilômetros daqui.” E de que forma a senhora vai e vem? “Vou a pé. Somos pobres.”

Olhei bem para ela. Era mãe de um presidiário e a imagem da desolação. Pálida, anêmica e encarquilhada, vinha todos os dias, mesmo que fosse para ficar sentada na escadaria externa da cadeia.

Quando, nesse emaranhado processual, os protagonistas vacilam, na fase preparatória, a mãe nunca o faz: “O meu filho é bom, muito bom mesmo...”

No olhar destas mães, há tanta grandeza, quanto naquele de Jesus, virando-se para Dimas, o bom ladrão. “Não há dor igual à minha dor”, teria exclamado Maria diante do filho supliciado. E acredito piamente que teria sofrido muito menos, se fosse ela a condenada ao madeiro infamante.

Ah! nossas mães, simples ou doudas, ricas ou pobres, vestindo andrajos ou arminhos! Mesmo depois que os seus olhos carnis se fecham com a morte, continuam no Além a velar por nós. Nas notícias que chegam à Terra, através das mensagens recebidas por Chico Xavier, os mortos contam que uma santa lhes apareceu no portal da vida, para recebê-los com muito amor, e era simplesmente a sua mãe que partira antes.

Registra J. Doillet, na obra “Que é um Santo?”, o fato de que, desde o tempo do Império Romano, nas catacumbas, os vivos se dirigiam às mães, no epítáfio, pedindo para que elas, no Além, os protegessem na Terra. Assim, alinha tais evocações, entre as quais esta: “Mãe Ercflia, que te foste, intercede por nós...”

Uma passagem é bem conhecida, acerca de certa mãe que, tendo morrido em santidade, foi conduzida ao Céu e recebida carinhosamente pela comunidade espiritual. Pelo tanto que lutara em vida, com nobreza e abnegação, colocaram-na em lugar aprazível, florido, cheio de encanto, musicalidade e conforto, cercada de almas angélicas, solícitas em servi-la. Ela no entanto, se revelou inquieta e logo mostrou a razão, perguntando ansiosa: “Onde se encontra o meu filho Ditinho, que morreu bem antes do que eu?”

O Guia espiritual, esclareceu-a: “Ele está nas zonas inferiores purgatorias.”

- “Então - disse a mãe - me perdoem. Não posso ficar aqui no Céu e meu filho no inferno. Vou-me embora para ajudá-lo. Coitado do Ditinho, ele deve estar precisando de mim.”

TEMA PARA REFLEXÕES: Amor: Materno - Paterno - Filial - à Pátria - à Humanidade - a Deus - a toda criação. Amor afeição - Amor procriativo - Amor sexo.

QUE NOS SUGERE O DESVELADO E PROFUNDO AMOR MATERNO, POR SINAL, ACENTUADO EM TODOS OS ANIMAIS?

- Que se trata de uma força útil unitiva na natureza, desde a atração dos átomos para formar a molécula, a das moléculas formando células, das células compondo órgãos e órgãos constituindo o espécime e os espécimes, entre si, formando o grupo, ou a família, dando continuidade à vida. Conforme o ser progride evolutivamente, o amor se transubstancia, sutaliza-se, enche maior espaço, até todo o espaço, como é o amor de Jesus Cristo. Os ensaios rudimentares de sexo no reino animal se transformam no Amor Transcendente franciscano e, maior ainda, nos Espíritos co-criadores com o Pai, que se dão de todo, e inteiro, na missão coadjuvante de dirigir e, de certo modo, conviver com as esferas, as inumeráveis casas planetárias, espalhadas pelo Universo.

QUE REPRESENTA O DESAMOR?

- A quebra da unidade, gerando assim a desarmonia. O desamor decompõe o lar, desfaz os laços afetivos familiares, afeta a nação e faz perecer parte da humanidade de maneira ignominiosa. O exemplo mais chocante de desamor é o uso da fissão nuclear para fins guerreiros. Aliás, tão somente desintegrando a matéria inadvertidamente, desequilibramos o mundo físico criado por Deus para suporte do Espírito. Sempre que o homem substitui o amor pela crueldade, está destruindo a criação e infringindo gravemente a Lei de Amor.

E O SUICÍDIO, COMO ENFOCÁ-LO?

- O homem não tem o direito de destruir nem mesmo o seu corpo, pois que este não é obra sua. Quando se suicida, contraria a lei da vida; contrapõe-se bruscamente ao processo vital e mental, desorganizando o seu próprio ser; pratica ato de vandalismo no templo sagrado, onde mora a sua própria alma. Daí que tenha de pagar um preço alto de dor, salvo raras exceções, por este ato que, no fundo, é de rebeldia à Lei do Amor Divino, que quer-nos com vida, até onde devamos tê-la naturalmente, em aprendizagem. Toda a vida exuberante que nos rodeia e vibra fisiologicamente dentro de nós, permitindo-nos ser um ente pessoalizado faz parte de um Amplo Projeto do Supremo Arquiteto Universal; e todo obstáculo criado a tal projeto significa uma força adversa, prejudicial e anti-evolutiva.

2 - OS LENÇOS BRANCOS

Certa ocasião, no Além, se promoveu reunião de espíritos que haviam se dedicado ao mister de servir a humanidade pelas sendas do trabalho mediúnico, da caridade e da orientação espiritual.

Havia, no conclave, atmosfera de expectativa, pois, um iluminado irmão orador viria de esferas mais altas. A assembléia era composta de espíritos desenfaixados da carne e de outros, que tinham sido levados para ali, durante o sono.

Eis que, como um nimbo de luz, o Grande Visitante desce no meio do anfiteatro, mas conserva-se silencioso. Não se pronuncia sobre tema algum, deixando a assistência perplexa, já que esperavam, deste mestre, abordagem de temas importantes e transcendentais. Depois de algum tempo, começou a mover os braços, como um caçador de borboletas, e apanhar, no ar, lenços brancos. Depois de recolhê-los, jogava-os em direção ao auditório. Os lenços, porém, subiam a pique e, no alto, se tornavam bioluminescentes, como retalhos de ectoplasma luminoso, que desciam direcionados para a cabeça dos presentes, penetrando-lhes o corpo perispiritual. Todos, um por um, foram se acendendo como se fossem lâmpioes belgas tocados por uma mecha. Por fim, cada irmão, cuja tônica dominante, em sua vida carnal ou espiritual, era do serviço à humanidade, se converteu em verdadeiro bojo de luz.

“Que é isto? - murmurou a Irmã Veneranda, diretora dos trabalhos. Por acaso, trata-se de um espetáculo de prestidigitação?”

A palavra do Emissário divino quebrou o silêncio, esclarecendo:

“Estes lenços brancos são o símbolo da mensagem que trago do nosso Mestre Jesus, destinada a todos os que o servem na seara do bem, na disseminação da luz e da consolação. Principalmente, e mais ainda, aos que fazem tal sacrifício, suportando o vilipêndio e a incompreensão, por parte da humanidade.

“Os lenços brancos, que em vos mostro, são aqueles com os quais enxugastes as lágrimas dos desesperados; dos que estavam à beira do suicídio e, com a vossa palavra, os segurastes e os reerguestes, fazendo com que continuassem a viver em vida abundante; dos que tinham o lar

derruldo pela discórdia, e lhes destes as palavras próprias vossas ou inspiradas, de tal forma, que o fogo na lareira persistisse aquecendo e iluminando-os; daqueles que tinham angústia no coração e a tirastes; dos que perderam os seus filhos e buscavam-nos na campã gélida e lhes destes a certeza da continuidade da vida no Além, permitindo-lhes sentir o hálito quente e a palavra confortadora dos seus mortos queridos; daqueles que não acreditavam em mais nada, mas, conseguistes vivificar-lhes a fé em alguma coisa, numa existencia- lidade mais ampla no Universo; daqueles que reconstruíram, graças a vós, o Cristo desaparecido na voragem do materia- lismo ou da pátina do tempo e das deformações feitas na sua figura pelos homens; daqueles aos quais, sofridos e la- nhados, conseguistes estender uma taça, não com o sangue de Jesus, e considerada sagrada, mas, com misteriosos fluidos de amor, refrigerantes e curativos; dos que, desenganados pela medicina terrena, conseguistes-lhes um medicamento fabricado nas retortas do coração do Mestre ou nos arcanos indevassáveis do Criador; daqueles que mesmo incuráveis, mercê de débitos cármicos, destes-lhes tão grande suplemento de força e reserva espiritual, que passaram, dali por diante, a sofrer sorrindo; daqueles deserdados da sorte que reunistes num lugar, tratastes dos mesmos e dos seus filhos, destes-lhes sopa, abraçastes tais criaturas como se fossem amigos e parentes próximos; daqueles que, sem paz, a receberam de vós; dos que, condenados, confinados em ergástulos como feras e mergulhados na solidão, sem qualquer outro afeto para litigar- lhes o 'profundo sentido de desolação, visitastes, levastes-lhes agasalhos e cuidastes dos seus filhos. Eis, pois, meus irmãos, os *lenços brancos* que Jesus vos mostra e vos dá, para que não vos desanimeis em vossas lutas, pois que Ele andou pelo mundo, teve os seus pés em ferida, foi lancetado pela ingratidão, atacado pelos doutores da Lei e, por esta razão, vos entende em vossas tarefas, que os presunçosos desdenham. Ele sabe que, muitas e muitas vezes, vos sentireis frustrados à vista dos parcos resultados da colheita em relação à sementeira e do indisfarçável riso mofino daqueles que não obtiveram resultados rápidos, julgando estivessemos administrando o pátio dos milagres.

“Assim Ele quer que, quando vos sentireis fraquejar, vos lembreis dos *lenços brancos* com os quais enxugastes tantas lágrimas e, por certo as vossas, também, o serão pelo Senhor.

TEMA PARA REFLEXÕES: O prazer de servir - O serviço remunerado. - Obcecação pelo lucro - Importância de um trabalho não retribuído. POR QUE DAR TANTA IMPORTÂNCIA AO SERVIÇO AO PRÓXIMO NÃO REMUNERADO?

- É característico do movimento espírita brasileiro este afã de servir ao próximo, sem remuneração, o que causa estranheza a outros povos. Mas, não devem nos estranhar, pois, o trabalho, para ganhar a vida ou enriquecer materialmente, tem a sua paga, que é o dinheiro. Assim, o homem trabalha, e o faz com fito naquilo que vai ganhar. O ganho é o seu objetivo, e não o que faz e a quem está servindo. Daí provêm muitos males à humanidade que caminha permanentemente em guerra dentro de si mesma. Se um produto dá lucro, produzem-no, caso contrário, embora a ausência provoque a morte de muitos, deixam de fabricá-lo. Se a fabricação de armas enriquece a empresa e cria divisas para a nação, incrementam-na, e poderão até ser exportadas para nações com as quais se encontre em beligerância. Uma pessoa pobre, indigente, pode morrer às portas de um hospital, caso não tenha recursos. Na cadeia se encontram muitos presos que já cumpriram a pena, mas não possuem meios para contratar advogados. Crianças carentes crescem no analfabetismo e outros não prosseguem no estudo, embora talentosos, porque os seus pais não ganham o suficiente para lhes pagar a mensalidade dos colégios.

Como o objetivo primacial do Espiritismo é exercitar os bons pendores do espírito, levando-o ao crescimento espiritual, estimula esse tipo de trabalho caritativo. Todo homem, entrando por esse caminho, aprende o que poucos povos aprenderam: ligar o seu esforço à satisfação do beneficiado. Tornamo-nos mais irmãos daqueles a quem servimos. A fraternidade brota sã desta comunhão efetiva. Prepara-se, aqui, um novo espécime humano para a nova Civilização do III Milênio, na qual os planejamentos públicos se darão, libertos de tais empecos, pois, a regra será a **colaboração**. O hedonismo econômico, aquele princípio de **que “só daremos coisas aos semelhantes, se eles nos derem outras em troca”**, passará a existir como um sonho **mau que se foi**.

3 - OS TAUMATURGOS CONVENCIDOS

Conta-se que num Convento, nas proximidades de Roma, certa freira estava se notabilizando, em virtude dos seus inúmeros dons espirituais, que iam desde a difícil profecia até às curas mais assombrosas. Premido pelo alarde que se fazia em torno da futura santa, o Papa pediu a Felipe de Neri que visitasse a religiosa e, da entrevista, lhe fizesse um relatório confidencial.

Montado em sua mula, confiado na misericórdia do Pai, lá se foi São Felipe, por fmvios e penosos caminhos, chegando ao convento mais roto do que já andava e completamente moído de cansaço. Apresentou-se à abadessa e solicitou que fizesse vir à sua presença a famosa irmã milagrei- ra. O santo pediu-lhe que o ajudasse a tirar as botas que se encontravam encharcadas e cheias de lama, com o que, pe- remptoriamente, e mui amuada, a taumaturga não concordou. Estava habituada a considerações especiais dos visitantes e salamaleques de toda a sorte. Como poderia, ela, tão cheia de graças, descer do altar em que tinha se colocado? O famoso santo nada mais pediu nem perguntou. Montou o seu animal e regressou a Roma, onde confidenciou ao Papa:

“Nada existe com o que se preocupar. Não há milagres, naquele convento, porque ali não existe humildade”.

Também fui levado, certa ocasião, a conhecer as maravilhas de um senhor, de grande nome nos meios espíritas que, em São Paulo, estava fazendo paralíticos andarem e cegos enxergarem. O enorme salão, situado no Brás, estava apinhado de gente das mais longínquas plagas do Brasil. Como um ator, o taumaturgo pôs-se diante daquele heterogêneo público a realçar logo os seus altos feitos, as suas qualidades missionárias e o fazia como um camelô disposto a impingir o seu produto a qualquer preço. Acelerava o seu gramofone laringeo, imprimindo-lhe rotações que iam de 33 a 330 por minuto, segundo devéssemos entender ou não o que dizia. Gesticulava, bradava, acusava os perseguidores, santificava-se a si próprio. Às tantas, apontava para a platéia e dizia, decisivo: “Você al...” E lá se levantava alguém camba- leante. A assistência vibrava, balbuciando locuções com alta carga de misticismo: “Um coxo tinha andado.”

Quando me perguntaram, depois, que eu achava daquilo, tive de confessar que não achava nada que valesse a pena. Para mim, aquele médium e líder espírita era demasiado convencido de si mesmo, para que pudesse realizar alguma coisa de real, no sutil reino da manifestação da luz e dos seus efeitos em nome de Cristo, que o mesmo usava demasiado. E, de fato, não se aguentou muito no altar.

A humildade é marca distintiva aposta em toda ovelha do Senhor. Jesus aponta-a centenas de vezes na sua Via, chegando a anunciar que, numa certa altura da evolução espiritual, os exaltados seriam humilhados. Quando, então, se trata de pedir força ao Alto, mostra-nos dois homens que se dirigiam ao altar, um fariseu orgulhoso, convencido da sua graça e outro publicano humilde, sendo a prece deste a preferida por Deus. Nas estórias da carochinha, quando um jovem herói deva tirar da boca de um dragão a chave com que abrirá a torneira do Elixir da Longa Vida, para o velho rei moribundo, exige-se dele, denodo e coragem. Nas “Histórias das Almas” sucede que, mais do que coragem o Alto exige do herói muita humildade.

Possivelmente, no Tratado de Psicologia Celeste, editado no mundo espiritual, a chamada humildade representa o mais consagrado heroísmo, pelo fato de ser início de renúncia de si mesmo, em benefício de uma coletividade, a parte se integrando no Todo, o indivfduo deixando-se atrair para Deus, consumindo o seu egolatrismo para a Fraternidade Universal.

TEMA PARA REFLEXÕES: Humildade - Para os romanos era fraqueza - Jesus tornou-a uma virtude - A prepotência é força do orgulho. POR QUE JESUS ENFATIZOU TANTO A HUMILDADE?

- Pelo fato de que representa evolução espiritual. O humilde já venceu o amor próprio, a vaidade, o egoísmo e, portanto, como a cobra, deixou cair a sua casca que o impedia de ver a verdade e sentir amor. Uma das propriedades da humildade é a aceitação. Sujeitando-se a tantas provas insuperáveis, humildemente toma, como Jesus, a sua cruz e se- gue-o. Até para aprender, temos de ser humildes. Todavia, não confundamos este estado elevado de alma, com aqueles que apenas aparentam humildade, mas que não o são verdadeiramente, pois, se revelam submissos e servís, por conveniência, e em todas as situações mantêm-se a salvo, sem opinar, participar ou conviver.

4 - A AMBIÇÃO DE TARPÉIA

Quando os romanos se encantaram pelas sabinas, acharam de bom alvitre raptá-las, o que levaram a cabo com tão grande êxito, que se tomou no maior rapto de mulheres praticado por um povo.

As sabinas, carregadas nos ombros musculosos dos hercúleos romanos, não protestaram; pelo contrário, parece que gostaram, mas os sabinos ergueram brados aos céus e juraram vingança, por tão humilhante afronta. E Tácio, comandante sabino, à frente de poderoso contingente, marchou contra Roma, mas foi obrigado a se deter diante das fortificações de difícil assédio.

Dentro da cidadela de Roma morava uma jovem chamada Tarpéia, muito bela e vaidosa, portadora de tanto charme que a levava a conquistar até mesmo o amor de Rô-mulo, rei de Roma.

A jovem possuía, no entanto, ambição incontida. E isto fez com que cobiçasse os braceletes de ouro que os sabinos traziam em profusão no braço esquerdo. Propôs-se, então, a trair Roma, desde que os sabinos, ao adentrarem na cidade, lhe entregassem tudo o que carregassem no braço esquerdo. Assim, ela abriu as portas de Roma ao exército inimigo.

O comandante Tácio ordenou que a sua soldadesca, em fila, cumprisse a promessa. Ao passar junto a Tarpéia, atiravam-lhe tudo o que traziam naquele braço: braceletes, enfeites, até mesmo os seus pesados escudos de guerra, com o que ela não contava

Tarpéia, desta forma, foi soterrada por tantos objetos na maioria de ouro, acabando por morrer sufocada, de maneira tão estúpida e inglória donde ter aquele lugar se chamado Tarpéia, nos antigos tempos.

A história de Tarpéia se parece com a de muitas mulheres que se deixam fascinar por um tipo de vida brilhante e de destaque social, como artistas que devem, por profissão, desfilar na ribalta. Necessitam estar em dia com a moda, in-defectivamente presentes em mil e uma reuniões, assinar a freqüência em balneários que lhes poderão dar nota elevada, enfim, movimentarem-se de um lado para outro, incessantemente, tudo tão depressa, tão entrecortado de telefonemas, contactos, providências, que a vida se lhes toma verdadeira sarabanda. Conforme se elevam em prestígio, os que começam a romper os baluartes da sociedade entregam-lhes os seus sonhos, aspirações, devaneios para que sejam transformados em pedestais. Quando dão por fê, estão praticamente mortas como Tarpéia. Não são os objetos que podem nos sufocar, mas, muito mais do que estes, aquelas preocupações de servir, acolher, acompanhar, aplaudir, sair, com ou sem vontade, para estes ou aqueles lugares. Deixam de ser pessoas em si mesmas, para se tomarem adornos e iscas de empreendimentos e demonstrações de evidência.

Perdem aquela sensibilidade diante do que seja simpies e trivial, que, no entanto, constituem o legítimo tesouro da vida: a carícia de uma criança, o afago de uma irmã, a presença carinhosa e descontraída da mãe, do pai, dos irmãos, o colóquio, sem ênfase, com o esposo. Não lhes chamarão a atenção as peripécias de um cão vira-lata, o desabrochar de uma flor, tampouco o deleite de colhê-la e colocá-la num vaso. Faltar-lhe-á o abraço de um velho amigo de infância, que continuou pobre, mas que poderia despertar-lhe lembranças de ternura singela e pura. Não poderá vadear um ribeirinho de águas cristalinas, fluindo frescor sobre um lago, batendo os pés nus, como observa Lyn Yuntang, em "Importância de Viveri". As próprias fotos antigas, tão interessantes, dos seus progenitores e parentes, fazendo um piquenique, à sombra esparramada de uma figueira, viverão longe dos olhos, nos fundos das caixas, para que ninguém as veja. A própria refeição com os seus, o feijão com arroz, a farinha de mandioca, o doce de cidra, uma galinha perdida bicando por baixo das mesas o farelo de pão, aqueles sons de vida de animais, dos insetos que povoam o bosque adjacente, tudo desfeito. Mais tarde, com varizes nas pernas, e a idade avançando, sentirá tédio. Nem os netos, hoje homens espa-daudos, teve tempo de beijar.

Dizia-nos Gilmar, uma entidade espiritual que nos trazia do Além muita poesia e moral: "Usai pérolas, usai pérolas, pois que elas são opalinas contas refletindo a beleza celeste; mas não esqueçais do humilde barbantino do amor, que as sustenta juntas, fazendo delas um colar."

TEMA PARA REFLEXÕES: Ambição - Ambição desmedida gera a incompatibilidade de convivência - Leva à guerra - Até aos genocídios. PORVENTURA TODA AMBIÇÃO EXPRESSA DEFORMAÇÃO DE CARÁTER E EGOCENTRISMO PERNICIOSO?

- Temos aqui de tomar por medida o ensino, como norma geral, difundido por Allan Kardec: "o que prejudica é o abuso e não o uso." Evidente que todo ser humano necessita ter uma ambição dosada para que possa sobreviver no espaço social em que se encontra. A este propósito, Gide dizia que mesmo Francisco de Assis tinha a ambição de alcançar o céu. Por conseguinte, temos de indagar do ambicioso que é que está ambicionando e até onde espera chegar. Há ambições de elevado significado e nobreza, como aquela de Simón Bolívar que, sacrificando todos os seus bens e conforto, lutou e conseguiu a independência de várias nações da América Latina. Não é maravilhoso que um Grupo Espírita pobre ambicione construir uma creche, e o faça? Mas, também, neste sentido de benemerência, importa avaliar e pesar se essa ambição não se coloca insaciável, sempre mais e mais, tornando-se apenas uma vaidade dissimulada, para se revelar a maior entre os irmãos da seara.

Falta absoluta de ambição é dasafirmação. Poderá tratar-se de preguiça e comodismo. Enquanto vivermos na Terra, a nossa individualidade necessita possuir um núcleo, que é o ego, que a sustente de pé. O problema se parece com o da Pátria; seria melhor que não existissem pátrias, mas, são indispensáveis como construções provisórias de unidade superior ao indivíduo, e que o leva a abdições de si mesmo, paulatinamente, no decurso do progresso do Espírito. Assim como o patriotismo exacerbado leva a nação a guerras, também, no homem, a ambição desmedida, descontrolada, egolátrica chega a converter um cidadão em Inimigo nº 1 de um povo. Quando tivermos o necessário para nós e a nossa família, bom é que nos adestremos a pôr um limite à nossa ambição de posse. Reservemos um cantinho de nós mesmos e da vida, para nos refazer.

5 - AS FLORES QUE NÃO MURCHAM

A jovem Lynn Yougman, estudante do Groucher College, em Baltimore, adoeceu gravemente atacada de polio-mielite bulbar, o que a levou em busca do ministro da sua Igreja, que tinha a fama de realizar prodigiosas curas pela fé.

Não obstante todo o empenho do reverendo curador, a meiga e delicada Lynn faleceu. O insucesso chocou sobremaneira o ministro, que se sentiu frustrado, pois parecia que Deus não lhe ouvira as preces e que, assim, se Ele não atendera aos apelos do seu amor àquela criaturinha necessitada, a culpa possivelmente seria sua, a de não estar em graça com o Alto ou não ser dotado do dom de curar, como todos julgavam que ele fosse.

O humilde ministro procurou, no entanto, a médium Olga Worrall, mundialmente famosa que, embora atendesse na Igreja Metodista, tinha ípúmeros dons psíquicos, entre os quais, o de "ver espíritos", e ela lhe disse: "Vejo uma jovem a seu lado, sorrindo. É alta, loira, de olhos azuis. Pede que eu lhe diga que o seu nome é Lynn e que o senhor deixe de sofrer sem razão. Diz-lhe, também, que o senhor não cometeu nenhuma falta em relação a ela. Não lhe foi possível curar-lhe o corpo, mas curou-lhe o espírito."

Depois de uma pausa, a médium exclamou: "Estranho! Ela agora está se inclinando e beijando-o na testa, ao tempo que me pede para transmitir-lhe o seguinte recado: 'Diga ao reverendo que estou retribuindo o seu beijo'."

Quando esta última frase foi pronunciada, o ministro deu um pulo do sofá, em que se acomodara: "Isto é demais para mim! Ela está me retribuindo um beijo que, de fato, lhe dei, no mais absoluto segredo. Só eu e Deus sabíamos disto!"

O fato acontecera no Hospital, onde a moça fora internada e colocada num pulmão de aço, em virtude do seu estado gravíssimo. O reverendo, naquela hora, contristado e comovido, levado por reverente piedade cristã, aproximou-se furtivamente e deu um beijo paternal naquela figurinha lívida e já desfalecida. Agora, Lynn vinha do Além para demonstrar a sua gratidão. Guardara, para sempre, mesmo noutra vida, a gratidão, que é apanágio dos seres evoluídos.

As flores, que colocamos num vaso de porcelana, fenecem, mas, não as que semeamos em outro coração. Ishtar, deusa fenícia, diz em "Temas do Amor Imortal", de nossa autoria: "Os que me construíram altares marmóreos ou movimentaram maquinalmente os turibulos de incenso não ficaram no meu livro branco; registrei, com gratidão, os que afagaram e beijaram, por mim, os desvalidos."

A delicada passagem de Lynn não nos põe, tão somente, diante de uma incontestável verdade: a de que, se somos imortais, se existe a sobrevivência da alma, esta deverá continuar com a sua individualidade, ao menos, naquilo substancial, como os verdadeiros afetos que alimentam o coração.

Quando o famoso pregador do Senado americano, Peter Marshal, faleceu, de repente, a sua esposa Catherine ficou desesperada. Sentia-se atirada pela janela, caindo no abismo. A vida, sem Peter, apavorava-a. Não sabia fazer nada. Faltava-lhe até o instinto natural de sobrevivência. Eis que um dia ouviu uma voz falar-lhe ao ouvido: "Catherine, não penses em mim como morto." Daí, por diante, sentia a sua presença e, certa ocasião, em sonho, foi ter com o seu amado Peter. Ele, tranqüilo, cuidava de extenso e maravilhoso roseiral. Veio-lhe ao encontro, como era seu hábito, esfregando-lhe o nariz no nariz. E disse a Catherine: "Sabe de uma coisa?! Até eu mesmo, pregador e estudioso, não estava preparado para entender a vida além da sepultura."

Catherine, agora confortada, descobriu com a ajuda de Peter uma vocação: a das letras, e se tornou a festejada escritora que conhecemos, autora do *best-seller*: "Ninguém está só™"

E ninguém está mesmo.

TEMA PARA REFLEXÕES: Amparo - caridade - sustentação. Na natureza a árvore é amparada pela terra. A Terra pelo Sol. O fraco deve ser amparado pelo forte.

ATÉ ONDE SE TORNA CLARO QUE O SER HUMANO É AMPARADO NA VIDA TERRENA E, TAMBÉM, NO PÓS-MORTE?

- Na Terra, está claro o fato de que, antes de nascermos, já nossos pais estavam de braços abertos para nos receber e amparar. A agricultura, a indústria, o comércio produziram bens de que necessitávamos, a começar pelos cueiros, fraldas, mamadeiras, medicamentos e agasalhos. Vida afora, milhares e milhares de pessoas estiveram trabalhando para que vivéssemos. Devíamos prestar mais atenção nesta realidade. Que pão comeríamos, em que teto nos recolheríamos, que água beberíamos, não fossem principalmente estes homens que trabalham duro e com firmeza em seus campos, oficinas e escritórios? Deveríamos criar o "Dia de Graças ao Trabalho dos Nossos Semelhantes."

Deus é nosso Pai, e nos criou, como tudo de que é feito o Cosmos. Colocou em cada um de nós o amor para que seguremos uns nas mãos dos outros. Do mais insignificante ser humano até Deus, existe uma corrente, na qual nos colocamos como elos; logo, não existe nenhum elo que esteja desligado e sem amparo, de maneira absoluta. O que existe é diferença no volume e na qualidade do amparo. Um homem que na Terra só se preocupou consigo mesmo, naturalmente, no Além, poderá sentir-se só. O que deu muito de si terá gerado muita simpatia, e recebe-lo-ão festivamente.

Na verdade, o homem cresce e se expande na medida em que se projeta no coração do próximo; e a semeadura serve concomitantemente para esta vida e a outra, atuando como somatório neste e noutro mundo.

6 - A CONCHA "ASA DE ANJO"

Quando uma pessoa se sentia deprimida ou desesperada, não sabendo onde e em que se agarrar, procurava Mr. Ken. Dele se irradiava serenidade e segurança tal, que mesmo não dizendo nada, somente ouvindo, pacificava a alma do semelhante e dava ao mesmo condições de prosseguir na jornada.

Um dia, o renomado escritor e moralista Arthur Gordon perguntou-lhe: "De que maneira você consegue afastar as preocupações da gente? Como alcança isto?" Ao que respondeu, fazendo um aceno para que o acompanhasse. Tirou da gaveta uma velha caixa de papelão e, acendendo o seu cachimbo, começou a contar: "Por volta de 1929, eu tinha sorte demais; em tudo que arriscava saía ganhando, e vencias todas as paradas, do que resultou o excesso de confiança em mim mesmo e exagerado alto conceito acerca da minha pessoa. E foi a audácia que me levou à ruína, quando a Bolsa de Nova Iorque estourou. Fiquei absolutamente sem nada, a pão e banana, como se diz na gíria. Não conhecendo outro tipo de ligação senão o narcisista, não nutrindo nenhum afeto à minha esposa, tendo-a apenas como objeto de sustentação da aparência social, não encontrei em que me segurar. Comecei a beber, para fugir à realidade. Quanto mais bebia, ao voltar do efeito alcoólico, me sentia mais miserável e sem salvação. Olhava-me no espelho e me achava irreconhecível. Sem crença alguma, entendi que só tinha uma saída: suicidar-me. Era madrugada, e um temporal revolvia o mar, tornando-o furioso. Resolvi nadar assim mesmo, até onde dessem as minhas forças e, depois, me abandonaria à morte. Eis que, dirigindo-me à praia, desviei-me por um caminho ermo onde as ondas chegavam ainda mansas. Eis que, pisando na areia, encontro uma corcha. Era uma concha comum, como tantas outras, opalina, estriada, graciosa, mas, tão delicada e frágil, que fiquei espantado em vê-la, ali, perto dos meus pés, ainda inteiriça e perfeita, sem nenhum quebraquinho. Comecei a me perguntar a razão pela qual aquela concha tão fininha chegara à praia, no meio de costões, onde as ondas se dilaceravam, lançando espuma pela boca, a quinze metros de altura! De que profundezas e distâncias teria vindo? Uma voz sutil interior parecia explicar-me: A concha não havia lutado contra aquela tormenta passageira. Não se ergueu quixotescamente contra a violência de iradas águas, capazes de virar um navio. Contrapor-se seria insânia. Aceitou o jogo, amaneirou-se, deixou-se levar. E, imitando hábil surfista cavalgou a onda, utilizou a sua gigantesca força a seu favor, até que enfraquecida, exânime, sem condições de violentar ninguém, ela mesma a depositou delicadamente naquele lugar mais resguardado da procela."

Mr. Ken ajeitou o fumo e tirou uma baforada do cachimbo, tendo a fumaça se enovelado ao seu redor. Depois da pausa, continuou: "Desisti de praticar o gesto tresloucado e covarde de um suicida. A concha estava me dando uma lição, e devia aproveitá-la. O meu país estava arrostando uma tempestade econômica tão grande, quanto aquela que açoitava o litoral. Naquele momento, edifícios gigantescos da indústria e do comércio estavam ruindo. No meu ramo, que era o acionário, todas as grandes fortunas aplicadas em ações, não valiam a tinta e a composição empregadas na confecção dos títulos. Eu não estava só. Milhões de homens deveriam estar se debatendo e esperando um novo dia. Eu não ajudaria ninguém com o meu gesto desatinado, nem a pátria, a família ou a mim mesmo. A conchinha tão delicada, agora, se me representava a arca da salvação. Não da espécie, mas do Espírito. Entrei nela, não me afligi com mais nada, e assim fiquei suspenso nas águas do dilúvio até que ressurgisse o sol. E, de fato, passou a tormenta, o mercado de ações foi voltando à normalidade, e eu com a longa experiência no ramo, não tive dificuldade para me colocar, outra vez, bem na vida."

"Ele depositou o cachimbo na mesinha ao lado, levantou-se, e, como se estivesse praticando um ato religioso, abriu a caixa, e me mostrou, dentro de um escrínio, a pequena concha opalina, realmente leve, como se pudesse voar, a um sopro do vento. Com muita unção, virou-se para mim, e disse: 'Eu chamo esta concha pelo nome de *Asa de Anjo*.'"

Quantas Asas de Anjo, Deus espalha pelo mundo para tirar-nos da agonia do coração, do rebaixamento, da miséria, da dor, sem que os nossos olhos vejam, nossos ouvidos interiores ouçam, e sem que arranjemos um cantinho para reflexões e outro para orar, agradecendo-O.

TEMA PARA REFLEXÕES: A Esperança - Homem algum viveria sem ela - Temos de aprender a depositar Esperança na Sabedoria Divina que, a longo prazo, nos levará a um estado de felicidade.

COMO E ONDE COLOCAR A ESPERANÇA?

- Vivemos e, em cada minuto de vida vivida, a Esperança se fortalece ou fenece em nosso coração. Ela lateja em nós. Quando não se realizam nossos anseios, temos impressão de que nunca mais haveremos de esperar. No entanto, como o Sol, que se põe, volta a aparecer no horizonte, penetrando como um raiolinho luminoso pelas frestas da porta, assim, acontece conosco. É um dos maravilhosos dons com que Deus preveu o homem. Ninguém conseguiria sobreviver, diante de provas difíceis, sem Esperança. Ela é como a primavera da alma que enverdece as macegas secas da paisagem.

QUE AMPLITUDE DEVEMOS DAR À ESPERANÇA?

E DE QUE FORMA O ESPIRITISMO AUXILIA O HOMEM?

- O Espiritismo ajuda muito pelo fato de abrir a visão do homem para outras dimensões. Quanto maior a janela, maior é a amplitude alcançada pela nossa vista. Assim, o espírita aprende a esperar com menos açoitamento ou ansiedade. Não se torna revoltado, pelo fato de não ter

sido atendido prontamente pelo Alto. Ele sabe que Deus é também Lei, e a Lei possui artigos e parágrafos e que, muitas vezes, o suplicante tem de satisfazer algumas exigências, antes de lhe chegar aquilo que desejou. Noutros casos, sabe que é ainda uma criança e que aquilo que pede pode não ser-lhe o bem desejável para sua felicidade ou evolução. Amadurecido, acaba por adquirir uma Esperança definitiva que se cruza com a confiança em Deus, convindo que tudo deverá, por fim, dar certo, apenas variando o tempo em que isto sucederá e a forma como lhe advirá o socorro ou o sucesso.

7 - A PROVIDÊNCIA DIVINA

Conta-se que o Mahatma Gandhi, viajando em sua missão de paz, nas cercanias de Mysore, durante o percurso, na zona rural, parava aqui e ali, cavaqueando com aqueles humildes trabalhadores tostados de sol e caleja- dos na faina agrícola. Todavia, tinham tais campônios uma aura de maravilhosa serenidade diluída em todo ser, a tal ponto que isto levou Gandhi a indagar “Quem é o feliz Príncipe ou Governador desta região?” Ao que, em coro responderam: “Não sabemos e nunca nos preocupou isto. Sabemos apenas que existe um Governo porque, para nós, são oportunas e suficientes as suas providências.”

Gandhi enalteceu-os, e aproveitou para fazer uma digressão luminosa: “Se o conhecimento destas humildes criaturas é tão limitado que chegam a ignorar quem é o seu governante, nada podendo me informar acerca da sua identidade, eu que sou infinitamente menor em relação a Deus, não é de admirar que não possa dar explicações quanto a Ele. Sinto-me na mesma posição dos campônios. Como eles simplesmente sentem a presença do governo, também eu sinto a presença de Deus. Posso apenas afirmar que, peio visto, Ele é sumamente bom!”

Ninguém, de fato, pode definir Deus, pois que importaria em restringi-lo, colocando-o dentro de conceitos puramente humanos que, na opinião de Bergson, foram convertidos em palavras e frases para designar coisas materiais. Mas, e isto é sumamente importante, que nos acostumemos a sentir a sua presença na Governadoria do Mundo. Se os gigantes estelares não fogem às suas órbitas e, das galáxias a um minúsculo inseto, ambos da mesma forma permanecem ancabrestados e dóceis às leis universais, por que seríamos nós os trânsfugas? Tudo nos diz, sem palavras, que o Condutor do Mundo é seguro, sabe de onde viemos e para onde vamos. Temos de ser possuídos por uma convicção plena de que chegaremos a destinos felizes, mesmo que sejamos récalcitrantes.

E por que, também, deixaríamos de confiar nos pre- postos do Pai? De plano a plano, nas infinitas moradas, Ele tem necessidade de se reduzir à dimensão própria para que se tome útil aos seus filhos. Se a energia nos chegasse diretamente da Usina Maior, talvez nos queimasse pela alta potência. Por esta razão, no plano material, se colocam nas ruas os transformadores, para que aquela energia colossal possa tornar-se luz em nossa lâmpada. Cada um de nós, no gênero humano, pode mediunizar essa Força e retransmiti-la, ao irmão, perfeitamente dosada à sua cura, ao seu equilíbrio, à sua felicidade. Recebemos, e estamos sempre recebendo, e importa que doemos, como transmissores, sem o que estaremos prejudicando o Plano Celeste para iluminação e trabalho do Mundo. Quem, na Terra, supor que lhe é permitido ser egoísta, gastando toda dádiva divina consigo próprio, está redondamente enganado, porque ele simplesmente se queimará como um charuto reduzindo-se a cinza inutilmente. Quando, por esta razão, criaturas torturadas na existência julgam-se totalmente perdidas, já que a ciência humana não consegue resolver-lhes o problema psíquico ou físico, costume dizer-lhes que ainda existe esperança, pois, as consideráveis Forças Superiores comandam a própria Vida Universal e a vida de cada um de nós é fragmento dessa soberba totalidade. E ninguém deixará de receber um acréscimo de poder para a própria cura e a felicidade aspirada, desde que se ponha em sintonia com o Mais Alto, limpando-se das impurezas e vibrando ao tom maior das grandiosas sinfonias divinas.

O socorro lhes advirá. A Providência não faltará, às vezes, ou quase sempre, pelas mãos de uma pessoa humilde ou uma entidade espiritual revestida de simplicidade. “Os homens de boa vontade são braços da Providência* - ensina André Luiz.

TEMA PARA REFLEXÕES: Providência divina - Diferença entre providência e milagre - Não esperamos, hoje, que o maná caia rio deserto. QUE DEVEMOS ENTENDER POR PROVIDÊNCIA DIVINA?

- É o conjunto de soluções que Deus estabeleceu para resolver os problemas da criação. O sal na água do mar é fruto de uma providência, sem a qual a água se corromperia e todos os seres da crosta planetária morreriam. Assim, também, a rotação da Terra em tomo de si mesma, ou a sua translação em tomo do Sol, pois, se ela parasse, em pouco tempo a humanidade pereceria queimada ou enregelada. O feto humano fica bem resguardado, e defendido de qualquer choque, dentro de um saco de placenta cheio de líquido tépido! Nosso coração bate o tempo inteiro, bombeando sangue pela extensa malha das artérias, carregando oxigênio e irrigando o corpo todo e até mesmo o cérebro, com prodigiosa precisão, através de capilares que, se entupissem ou rompessem, poderíamos ser levados à morte repentina

E COMO SE COMPORTA O HOMEM DIANTE DESTA PROVIDÊNCIA PROVIDORA?

- Como diante de tudo no Cçsmos que sucede em perfeita ordem e silêncio: não nota. É acordado apenas nos momentos de crise no seu organismo, a que chamamos doença. Geralmente esta é acompanhada de dor. Então o homem volta-se para si mesmo, e lhe vêm à mente momentos das mais profundas reflexões, acerca do ser, do destino e da dor.

Nesta eventualidade, em que nos sintamos em perigo ou que necessitemos de auxílio de emergência confiamos que, mercê da misericórdia divina, façamos jus a uma “providência” pessoal e especial. É em virtude dessa expectativa que as religiões descem aos apelos, às prosternações, ao cumprimento de rituais, gerando mil e uma formas de intercâmbio e oferendas. Nem por isto, deixa de se constituir isto um ato religioso, pois é a linguagem dos simples e de meios de que se valem, a seu alcance.

Não podemos medir Deus e estabelecer os limites de sua ação, em resposta aos pedidos dos homens. Faltar- nos-ia humildade. Quem conhece os desígnios do Alto?

André Luiz nos conta uma passagem que viveu em missão de desligamento na Crosta Planetária, junto a uma senhora de idade, mas muito virtuosa, de nome Albina, cujo quadro clínico era o de que inelutavelmente desencarnaria. No entanto, a equipe recebeu ordens de mobilizar todos os recursos para que a paciente se restabelecesse. Nem tinham acabado de ministrar-lhe o tratamento, eis que Albina, uma quase moribunda volta a si, ensejando júbilo dos seus que lhe cercam o leito. André Luiz desejou saber que intercessão poderosa lhe causara alteração no curso natural da desen- camação. Eis que adentra o quarto da paciente um menino chamado Joãozinho e este beija-lhe as faces e as mãos. Traz nos lábios palavras animadoras, chamando-a “vovó”, com muita ternura. O Assistente da Equipe, apontando-o obtempéra: “A súplica dessa criança alcançou-nos a colônia espiritual e modificou-nos o roteiro. Não é neto consangüíneo da doente, embora se considere tal. É órfão que lhe abandonaram à porta, após o nascimento. Não obstante a prova, Joãozinho é grande e abnegado servo de Jesus, reencarnado em missão do Evangelho. Tem largos créditos na retaguarda Ligado à família de Albina, há alguns séculos, torna ao seio de criaturas muito amadas, a caminho do serviço apostólico do porvir.”¹

QUAL É O CONCEITO DE PROVIDÊNCIA?

- Antigamente, o crente esperava tudo de Deus. Hoje, principal mente, o Espiritismo faz-nos saber que os próprios homens são os braços da Providência. Quando uma criança tem fome, os Espíritos que cobrem todas as áreas, buscam um homem de boa vontade e este lhe providencia a alimentação. Temos de servir a Deus através do serviço ao nosso irmão.

8 - A OUTRA FACE DO HOMEM

Alguns veteranos da I Guerra Mundial, que tinham lutado ombro a ombro, em várias frentes de batalha, tomaram por norma se reunir em data certa, depois do armistício. Era um reencontro cordial e festivo. O lugar escolhido, para tal fim, era a mansão de um deles, Jules Grandin,

¹ O “Obreiros da Vida Eterna”, Francisco C. Xavier, André Luiz, Ed. FEB, Cap. 11 e17.

que possuía excelentes condições financeiras.

Ali estavam os veteranos em torno do opulento anfitrião, e este lhes mostrava uma moeda de ouro de grande valor numismático pela sua raridade, quando esta lhe cai da mão e desaparece por encanto!

Jules Grandin não quis dar a moeda como perdida e, por consenso geral, deliberou-se que todos os presentes fossem revistados. Por certo, ela seria encontrada na algibeira de algum esperto, ou, de modo diferente, a turma ficaria livre de uma permanente suspeita, que lhes estragaria a reunião.

Lebeau, outro veterano que ali estava de roupa surrada e ar ensimesmado, não concordou que o revistassem. Foi o único a protestar com veemência. Logo, todos entenderam: “Ele, sem dúvida, havia surrupiado a moeda.”

Nunca mais, em outras reuniões sucessivas dos veteranos, tornaram a ver Lebeau. “Lebeau, um ladrão. Lebeau, um ladrão!”

Um dia, Jules Grandin resolveu fazer uma reforma na sua vivenda e eis que numa fresta do assoalho, rente à parede, encontra a sua preciosa moeda! Fica amargurado com a injustiça que praticara com o velho companheiro e imediatamente procura Lebeu, para pedir-lhe desculpas. Ao mesmo tempo, pergunta: “Por que, caro Lebeau, não te deixas te revistar?” “Queres saber mesmo? Vou contar-te: - Na ocasião, a minha família estava passando fome. Não tinha cêdea de pão para dar aos meus filhinhos. Participando, como veterano, de uma mesa tão farta, tive a infeliz idéia de esconder restos de comida debaixo da camisa, para levar-lhes! Terni que, na revista, o meu segredo fosse exposto.”

As aparências podem enganar-nos, daí que não devamos ajuizar afoitamente, dando prêmios e castigos, por fã ou por nefas, a todas as criaturas colocadas ao alcance de nossa língua. Jesus toma Maria de Magdala e a coloca entre seus íntimos. Ele sentiu, de pronto, e avaliou o toque de vinte e quatro quilates daquele coração de mulher que o vulgo tomava como a de uma perdida e corrupta. Zaqueu era execrado cobrador de impostos, que se regalava e enriquecia, graças aos pesados tributos exigidos pelo Império Romano de seus irmãos de raça. No entanto, o Divino Mestre não precisou nem mesmo do seu convite para ir à sua casa. Ele sabia quão diferente era um homem por fora e aquilo que estava no seu interior, às vezes oculto como uma reserva au-rífera. Contava, a propósito, a parábola dos dois fiéis, um fariseu vaidoso, certo de que diante do altar a sua prece tinha subido valor, outro um publicano comum, muito humilde que pedia até desculpas ao Pai pela sua insignificância. No entanto, é a presença deste humilde que comove o Pai, e não a do fariseu. A tiara não qualifica ninguém para o verdadeiro céu, tanto assim, que na hora derradeira Jesus leva, com ele, o ladrão arrependido aos páramos superiores.

A todo momento Jesus repetia: “Não julgueis...” - “Estais viciados a somente ver o argueiro no olho do vizinho, mas, não em vós próprios” - “Sois como os túmulos caiados por fora”

Não existe Doutrina alguma que esteja em condições de embasar os ensinamentos de Jesus neste sentido, como a do Espiritismo. Esta nos permite, através da mediunidade, olhar este e o outro lado da rua, esta e outras moradas da Casa do Pai. Todos os dias, em trabalhos práticos, estamos verificando pessoas simples, donas de casa, serviçais humildes, funcionários comuns, motoristas, mecânicos cheios de graxa, faxineiras, soldados rasos, na *ressurreição* verdadeira que se dá imediatamente após a morte, a que chamamos desencarnação. Fora da carne, se tornam anjos da guarda, protetores daqueles seus patrões ou chefes enfiados. “Os últimos serão os primeiros” - enunciava Jesus. Para que os homens soubessem de fato, bastaria que lessem os abundantes relatos nas obras espíritas, através das quais compreenderiam que, nesta faixa evolutiva medíocre, em que nos encontramos, ainda não sabemos medir ninguém com os olhos da alma.

TEMA PARA REFLEXÕES: O hábito de mal julgar o próximo - Vemos o argueiro no olho do vizinho - Se formos obrigados a julgar, façamo-lo com muito cuidado.

QUAL É A RAZÃO DE JESUS PREOCUPAR-SE MUITO COM O JULGAMENTO DO PRÓXIMO?

- Pelo fato de termos a tendência de somente ver os defeitos dos outros, enquanto esquecemos os nossos. O certo mesmo seria aproveitarmos o defeito do próximo para nos conscientizar da sua feiúra, a fim de evitarmos fazer o mesmo.

No entanto, gostamos mesmo é de ocultar a nossa pequenez, chamando a atenção dos circunstantes para o nosso mesmo do semelhante, praticando uma escamoteação psicológica. Por outro lado, querendo demonstrar verve, brilho, humorismo, qualidades de um bom papo, colocamos alguém na berlinda, rimos e fazemos rir a todos.

Temos de nos exercitar contra este pendor maléfico, evitando pôr reparos nos outros. O Espiritismo nos ajuda a encontrar o verdadeiro caminho, que é o da compreensão, pois, na senda da evolução, todos nós temos os nossos defeitos e àqueles que se situam em degraus inferiores ao nosso, temos de estender a mão, sem arrogância, disfarçadamente, para que coloquem o pé no patamar superior.

9 - “MALINHA DE PINTURA”

Visitando a Exposição de Trabalhos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e detendo-me na oficina de cerâmica e porcelana, sob a direção da emérita profa lida Tereza M. de Barros, me foi dado apreciar uns versinhos da sua autoria que estão postos assim na parede:

“Peçamos então ao Senhor Que do Céu mude a escritura E permita a nossa entrada Com as malinhas de pintura”

Eu tive um amigo violinista e seresteiro que estava sempre me confidenciando os seus anseios: “Se é para depois da morte, alcançar um Céu, onde nada tenha a fazer, vou pedir a Deus que me dê um lugarzinho mais modesto, onde eu possa estar com o meu violino, numa rua iluminada a lampião a gás, de casas de amplos beirais e avarandadas, dando para jardim florido cheio de jasmims do cabo, exalando doce perfume.”

Isto não é pedir demais, nem de menos: e estamos certos de que existem realmente planos espirituais pictóricos, musicais, artísticos, enfim, onde a motivação principal da existência não é o parecer-se aos ratos trocadores, hedonistas, mas o de desenvolver a criatividade, porque, um dia, teremos também de criar estrelas, planetas, satélites, árvores, flores e frutos, simplesmente com a mente sem cinzel, pincel ou perfuratrizes.

Aquele mesmo violinista faleceu e um dia, através da médium Sílvia Paschoal, pôde voltar para trazer-me uma notícia: “Saiba que o meu vislumbre acerca da vida além do véu, de que lhe falava sempre, era certo. Estou habitando um plano espiritual, onde todos vivemos em função da musicalidade. Não conseguiria transmitir a você e aos meus queridos companheiros de tocatas, as novas e diferentes expressões musicais que aqui são descobertas. O que me deixou perplexo foi aprender certas incríveis relações que existem entre a Música e a Criação! A lenda de Anfion, que erguia muros com a sua lira, tem aqui um certo fundo de realidade. Estou felicíssimo e encantado!

(a) Zeca Cruz.”

Haverá então planos espirituais assim, aos quais podemos entrar com a nossa malinha de pintura?

Certo que sim, pois que a vida seria chocha se as boas inspirações morressem, de vez, amanhã. Tudo que nasce, morre mas renasce em nível mais elevado. Onde haja vida e inteligência não existe entropia, e isto reconheceu o pai da Cibernética, Norbert Wiener.

Não é só a Doutrina Espírita que propaga este ensino. Hoje já o encontramos, se bem velado, em manifestações de padres progressistas da própria Igreja Católica. No “Novo Catecismo para Adultos”, lançado pelo clero holandês, em tomo do qual se levantou, no mundo, muita celeuma, tratando de Arte, os seus autores teólogos, sugerem: “Também, aqui podemos perguntar-nos: o resultado permanente da arte consiste apenas nos frutos do amor? Será que também se eternizarã, no “novo céu e nova terra” algo da própria forma em que agora nascem nesta terra, a ciência e a arte? Pois, se o melhor no homem ressuscita em incorporação, porque também não o melhor em suas criações?”

Extraordinária e corajosa pergunta-sugestão de uma ala do clero tão combatida. Qual a razão pela qual, no aperfeiçoamento da alma, teríamos de ficar simplesmente no cumprimento de um código ético? Fazermos o Bem não é, também, enriquecer a sensibilidade do próximo? Tomando maior, em amplitude, a face do homem, porventura, não cresce, de modo a sentir e compreender Deus melhor?

E o “Novo Catecismo” obtempéra: “Poder-se-ia comparar a vocação e a missão do artista, de certo modo, como sacerdócio: o verdadeiro artista possui o dom de fazer surgir no mundo a luz da verdade e da beleza”

Só de uma coisa não se deu conta aquele catecismo: E que a comunhão entre os planos se estabelecem em intercâmbio de inspirações. Ora

levamos conosco, no pós-morte, ou no desdobramento, a nossa “malinha de pintura”, a que alude a ceramista-poetisa, ora são nossos grandes irmãos dos planos da musicalidade e da pintura, que sopram em nossos ouvidos e enchem de imagens os nossos olhos.

TEMA PARA REFLEXÕES: A arte - o artista - a harmonia - consonância e dissonância. Diferença entre a música e a arte plástica. Deus também é artista.

A ARTE TEM ALGUMA IMPORTÂNCIA NA EVOLUÇÃO ESPIRITUAL DO SER HUMANO?

- Em virtude de um erro de visão, que vem da antigüidade, principalmente da estruturação do Cristianismo, acabaram por conceder o reconhecimento de beatitude apenas àqueles portadores de virtudes cristãs dentro de certos parâmetros, em que se configuram a dedicação, a fé, o amor e a graça perante o Senhor. O céu, pois, seria habitado por espíritos assim, cujos protótipos encontramos nos hagiógrafos.

Poderíamos afirmar que é o Espiritismo aquele que veio tirar o véu de Isis, revelando, em linguagem didática, ao alcance de todos, os mistérios do Céu e da Terra. Assim, ficamos sabendo que o Espírito tem de evoluir em todos os sentidos, na ciência, na tecnologia, na arte, no amor, na literatura, na poesia, na filosofia, na política. E isto é uma verdade que alcançamos através dos colóquios com nossos irmãos que se foram desta vida, bem como em virtude de ilação. Deus é um poliedro de infinitas facetas radiantes, abrangendo todos os dons, saberes e conhecimentos. Tudo que temos vem d'Ele. E o Supra-Sumo, como entendia Platão. Evidente que, se evoluir é “ascendermos” a Ele, temos de imitá-lo. É por esta razão que preconizamos a Educação Integral do Homem.

Se bem que lá no Alto, tocando as fimbrias do Reino Divino, haja o fenômeno de convergência de todas as diversificações, formando uma estria única, contendo todas as multiformidades, eis que, enquanto caminheiros, temos de treinar a juntar tijolos com argamassa para levantar o edifício.

10 - QUE ACHARAM ELES DE JESUS?

Gibran Khalil Gibran, o rutilante bardo-filósofo, tinha plena convicção de que conhecera pessoalmente Jesus em vida progressa. Dizia, então, para que não ignorassem essa realidade, que lhe era substancial: “*Eu o vi lá...*” - “Era jovem, fora de toda idade, e imortal.. Não Deus..”

Existiriam, vivendo ainda na Terra, criaturas que teriam vivido no tempo de Jesus, ouvido as suas palavras e contemplado a sua figura? Na Terra, encarnados, sinceramente eu não sei, embora isto não me viesse causar admiração, pois o que o ser humano se desenvolve vertiginosamente no sentido material, mas muitíssimo lento no caminho da espiritualidade. No entanto, tenho já tido contacto com alguns espíritos desencarnados, que afirmam ter partilhado do convívio do Divino Mestre.

Que impressão esse sobrevivente e testemunha pessoal do maior evento da história da Humanidade teria tido do que se passou e de que forma, naquela época, considerou. Jesus? Ora, talvez a mesma impressão que encontramos, na obra “Jesus, o Filho do Homem”, de Gibran Khalil Gibran. Para um boticário grego, chamado Filemon, Jesus era médico notável e, por isso, lastimava que Ele perdesse tempo “fazendo discursos na praça do mercado”. Para Caifás, Jesus “era um profanador e um corruptor, que visava destruir o templo de Jerusalém e que, por isso, devia morrer”, Joana, mulher do dispenseiro de Herodes, admirava em Jesus a maneira como ele era “amigo das mulheres e conhecia-as como devem ser conhecidas: na doce camaradagem. Era amigo de todas as crianças e tolerante para com as prostitutas”. Para um jovem sacerdote de Cafarnaum, Jesus não passava de “um mágico, um feiticeiro, um homem de enredamento e de trama, que confundia a todos com sortilégios e encantamento. Era um prestidigitador e um enganador. Ele desrespeitava o Sábado para conseguir o apoio dos sem-lei”.

Eis, af, aquilo que deve ter se passado. Não julgemos, pois, que logo o reconheceram, aceitaram os ensinamentos e se rejubilaram.

Npm colóquio psicofônico, através da médium campineira, Sílvia Cruz Paschoal, certa ocasião Túlio, espírito de alto descortino e erudição, disse-nos ter conhecido pessoalmente Jesus. Já, então, naquela época, Túlio era homem de letras. Prestava bastante atenção às palavras de Jesus, mas, como tinha sido educado nas linhas da cultura helênica, tais ensinamentos lhe soavam enigmáticos. Tinha intuição de que aquela Voz enunciava profundas verdades, mas, de que lhe adiantavam, se não conseguia entendê-las? O que, no entanto, mais lhe pesava na alma e o deixava intrigado, era testemunhar que a população rude e atrasada estava pronta para receber tais ensinamentos que, depois, se converteram no Evangelho: “Eu sou um homem de letras e muita coisa me escapa deste Profeta. Que poderão entender estes ignorantes que estão aqui e que não sabem ler, escrever, falar corretamente, apenas adestrados ao pastoreio, ao amanhã da terra e à pesca?” - resmungava ele.

Túlio, então, nos advertiu: “Porque o entenderam com o coração, os simples seguiam-no sem vacilação. Os intelectuais complicados, como eu, ficaram à margem do Caminho, porque buscavam sempre as razões e a lógica nos discursos. Pulando de razão em razão, de explicação em explicação, enredaram-se, confundiram-se, duvidaram e se perderam. Por isto, passados dois milênios, eu, ainda hoje, permaneço aqui, neste vale de sombras, sofrimentos em renovadas experiências. Deixo-vos um conselho: “Não pareis, irmãos, demasiado, para pensar. Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida e tudo se tornará simples se o seguides. Caso contrário, sereis sempre frustrados retardatários no Caminho da Luz.”

A hesitação é aceitável enquanto podemos chamá-la prudência. Todavia, desde que se torne hábito, tolhe o ser, como o próprio instinto de conservação exacerbado. A coragem é uma virtude de que os antigos se vangloriavam e com a qual mediam os próprios deuses.

Indaguei, certa ocasião, ao amigo Demétrio, bem posto na vida, simpático, inteligente, de boa prosa quem, no entanto, tanto, aparecia e desaparecia do nosso convívio espiritual: Você gostou da nossa Doutrina? Apreciou o seu fundamento nas leis de justiça divina? Entendeu a abertura para os espaços sem fim? Encontrou nela a razão profunda da fraternidade entre os homens, os quais se reencarnam, muitas e muitas vezes, em meios diferentes de raça, cor e religião? Percebeu que maravilha é a evolução indefinida do Espírito, através dos patamares nas estrelas e em planos ultrafísicos pluridimensionais? E, sobretudo, sentiu o trabalho porfiado cristão da grei espirita, no amparo a todos os que sofrem? Notou o extraordinário poder consolador dos Espíritos de Luz? Sim! E por que não atravessou para nosso lado da rua e não veio estar conosco?”

A isto, Demétrio respondeu: Tenha paciência, sei que estou em falta, em virtude de minhas ocupações, mas, mês que vem em diante, participarei das suas reuniões tão belas e ricas em ensinamentos; começarei a arregaçar as mangas da camisa e trabalhar firme na seara. E veja lá, quero ainda ser o capitão do time!”

Em relação, a Jesus, não chegou até hoje o dia de Túlio e muito menos o “mês que vem” de Demétrio.

TEMA PARA REFLEXÕES: Hesitação - Dúvida - Falta de determinação.

QUAIS SÃO OS MALEFÍCIOS DA HESITAÇÃO?

— É aquele de um cidadão que concordou em dar uma volta de barco. Logo mais, parou a barca em pleno mar, e com a mão no leme, caiu num estado de profunda hesitação, se continuava o passeio ou não. Sem que desse pela coisa, a correnteza marítima tomou o seu barco e lançou contra as rochas, despedaçando-o.

É certo que devemos ter um momento próprio para tomar um caminho; uma vez deliberado, importa que nos enchamos de coragem, confiança, pensamento positivo, mentalizando o êxito.

São depois de alcançado esse primeiro objetivo, podemos cogitar de um reinício para novos horizontes. O jovem que faz muitos planos, e não se fixa em coisa alguma, é semelhante àquele atirador que vê muitos pombos na mira da sua espingarda e quer acertar em todos, vacila na pontaria e não derruba nenhum.

Em matéria de construir uma obra de benemerência, Emmanuel, ensina-nos: “Não vacile. O mais difícil na obra filantrópica é o primeiro passo, porque outros passos recebem a ajuda tão pronta que o edifício se erguerá como se fosse levantado pelos anjos.”

11-0 BONEZINHO E A VACA

Em Londres vivia um velho e honrado lixeiro chamado Mollygruber, muito benquisto no quarteirão que lhe cabia limpar. Um dia, a sua atenção foi despertada por um menino que se debatia nas águas do lago e se aproximou o mais que pôde, verificando que o garotinho estava se afogando. Várias outras pessoas que passeavam no parque municipal se reuniram, ali, curiosos; no entanto, ninguém se movia para fazer alguma coisa. O velho lixeiro, embora fisicamente derruído, com as suas dores reumáticas, atirou-se na água gelada e com muita dificuldade salvou o menino, trazendo-o à margem. Foi, naquele momento, muito aplaudido e considerado o herói do dia, figurando a sua foto na primeira página de um matutino.

No entanto, pobre do velho, esforçou-se muito além do que lhe teria sido dado fazê-lo, e desfaleceu, tendo sido levado a um hospital. Enquanto isto se passava, a mãe do menino salvo, ao tempo que o cobria de beijos e lágrimas de satisfação, notou que o mesmo estava sem o bonézinho que lhe havia comprado dias atrás. Irritou-se com isto. “Roubaram o bonézinho do meu filho». Não quero saber de nada_ ele estava aqui, à beira do lago com o bonézinho... Faço questão do bonézinho... Esse velho caduco, por certo, encenou tudo isto, apenas para roubar-lhe o bonézinho...”

A mulher não se contentou com isto. Foi atrás da ambulância, adentrou o hospital, dirigiu-se à sala de Pronto Socorro e começou a infemizar todos os médicos e enfermeiros. Queria, a qualquer custo, o bonézinho do garoto e ameaçava todo o mundo. Fizeram-na ver que o velho não tinha condições de falar, prestar declarações alusivas a tal bonézinho. Por fim o Diretor do Hospital lhe deu um ultimato: “Ou a senhora deixa o velho herói em paz ou chamo a Polícia e mando prendê-la.” Só, assim, intimidada, aquela mãe ingrata abandonou a causa, mas, o velho, no dia seguinte, morreu, e os moradores do quarteirão encheram as ruas de flores e dísticos alusivos à gratidão devida a quem tantos anos trabalhara, ali, com tanta dedicação e, por fim, dera a própria vida em troca da de uma criança.

Esta passagem, contada com outras palavras, por Lobsang Rampa, em sua obra “3 Vidas”, serve para identificar estas almas que trazem, nas suas personalidades, insculpida em traços profundos a tendência para a ingratidão. Basta-lhes desapareça um parafuso numa obra, para que se enfureçam. Não sabem ao certo se se perdeu, no meio de tanta bugiganga mas, possuem essa vocação para justiceiros desalmados.

Qualquer pessoa que permaneça algumas horas numa Delegacia de Polícia ficará deprimida diante de tantos delatores e queixosos, que desempenham essa função gratuitamente ou por razões de somenos importância.

Certa ocasião, o dono de uma pequena fábrica de artefatos de couro, cidadão benquisto e honesto, sofreu rigorosa fiscalização por parte da Receita Federal. Tendo o estabelecimento crescido à custa de meio século de trabalho pessoal ingente e porfiado, ele não ligava muito para a escrituração dos seus livros. E a Fiscalização foi direta neste ponto fraco, e anulou-lhe a escrita, e submeteu-o ao sistema de arbitramento dos lucros por muitos anos. O *quantum* apurado assim, acrescido de pesada multa, se elevou à cifra que, para a sua capacidade contributiva, era astronômica. Com isto, tornou-se insolúvel e a sua propriedade foi a leilão. Uma tragédia para a família, e esta foi gerada por uma simples denúncia de um vizinho que não lhe tolerava os cachorros que latiam muito à noite!

Os casos de herança inspirariam, muito, aqueles que andam pesquisando nesta área. Um fazendeiro deixou para os seus herdeiros, esposa e filhos, 50.000 cabeças de gado. O filho mais moço se concentrou de tal maneira na fiscalização da herança que contava até os pés de milho. Por fim, verificou que no arrolamento havia falta de uma vaca. Com essa vaca conseguiu fazer todo mundo infeliz, principalmente a sua mãe, viúva-meira e inventariante. Não perdôou a ninguém por causa de uma vaca, chegando mesmo a distribuir alguns balaços.

TEMA PARA REFLEXÕES: Vilania - avareza - mesquinhez.

QUAL A RELAÇÃO DO HOMEM E SUAS POSSES?

- Diz um provérbio que “o dinheiro foi feito para o homem e não o homem para o dinheiro”. Devemos ser donos dos objetos e não estes, donos de nós. Muitas pessoas ricas perdem a sua existência tomando conta das suas propriedades e negócios, com tanta fixação que esquecem de usufruir as boas amizades, o amor conjugal, a ternura dos filhos, sem se dar a si próprios qualquer direito a um esparecimento. “Onde está o nosso tesouro aí está nosso coração” - preve- niu-nos Jesus.

No pós-morte, via de regra, o Espírito excessivamente ligado à fortuna, continuará preso aos seus negócios, e ficará vagueando na crosta, sem condições de ascender a páramos de mais luz, Foi por esta razão que Jesus também advertiu- nos: “É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico ir ao céu.”

Humberto de Campos (Irmão X) sendo inquirido sobre aquilo que mais prejudicava um desencarnado, logo depois do seu trespasse, respondeu: “Os registros imobiliários, partilhas, avaliações, papéis de contratos particulares de compra e venda, e essa papelada toda que deixou em virtude de morte repentina, cujo significado só o “de cujus” sabe. Estranho ver tais vultos, obcecados, como se vivos fossem, vasculharem os cartórios, e andarem pressurosos pelos corredores do Palácio da Justiça, profundamente chocados e até mesmo enlouquecidos.”

QUE NOS ENSINA ISTO?

- Que aprendamos a nos despojar em vida, pois que, deixar isto para depois da morte, é perigoso para a paz da nossa alma. André Luiz bate muito nesta tecla: que devamos nos desfazer de objetos que não nos têm mais utilidade. O inservível para nós, geralmente, serve para a população pobre. Tudo Serve” é o nome de um departamento do Centro Espírita Allan Kardec, de Campinas, que aceita doação de qualquer coisa que não queiramos mais. Conserta objetos e vende-os para as suas obras sociais, com grande resultado.

Esvaziemos nossos armários, gavetas e despensas para que não ocupem lugar em nosso coração, e esse espaço enchamos com a reverência e simpatia dos nossos irmãos mais necessitados.

12 - REMEXENDO A MOCHILA

Conta-nos Jacob Needleman, em “As Novas Religiões” que um rapaz, estudante de biomédica, buscou o caminho da verdade e da libertação.

Para quaisquer jovens, como ele, tal resolução advem de desejarem orgulhosamente' quebrar vínculos que garantem o patrimônio moral da humanidade, mas que consideram absolutamente convencionais. Têm-se a si mesmo como presas de uma “Sociedade repressiva” à qual todos homens se alienam. A alienação é palavra mágica, insistentemente usada por Marcuse e Freud, para essa conversão à certa rebeldia.

Nosso herói era um jovem comum e alinhou-se na luta contra a alienação: ao patrão, aos pais, às instituições, ao Estado, às religiões opressoras, ao horário, à limpeza diária; tomou-se barbudo como os outros, gadelhudo como Sansão, declarou-se ao lado do “amor livre” e saiu por este mundo afora, sem disciplina, relógio, ou cuidados burgueses. No entanto, estas exterioridades não o satisfaziam. Desejava encontrar preceitos transcendentais para embasar toda essa maravilhosa atitude de *desapego*, firmando-se em alguma sabedoria, o que evidentemente era impossível.

Saiu em busca de um Mestre Perfeito. Em nenhum lugar no mundo se encontram tantos, e tão facilmente, segundo o modo de pensar desta gente, como na Índia Milenar dos profundos mistérios, que os iniciados transmitem de uns a outros. E lá se foi nosso herói à Índia, com o seu gosto e seis vinténs no bolso, carregando a sua mochila. E foi feliz. Conseguiu entrar em contacto com Meher Baba, cognominado “O Pai Compassivo”, o idealizador e construtor da célebre colônia de Meherazad.

Todavia, este jovem *hippie* era norte-americano. Tinha ainda mente bioquímica e raciocínio baseado na cibernética. Assim sendo, levava consigo a mochila cheia das chamadas “cápsulas da realidade” feita de ácido lisérgico, LS.D. puríssimo. Já tinha, pois, o seu método de encontrar a *realidade suprema*, através de drogas. Era via mais direta, simples e efetiva. “Por que - falava de si para consigo mesmo - tanto tempo para chegar ao samadi? Vejam só! Quarenta anos Sidarta Gautama meditou debaixo da árvore *Bodhi*”

Agora se encontrava face a face com o Mestre Mener Baba, no seu próprio ashra/n. Era-lhe uma glória No entanto o Mestre não o apanhou pelas mãos e levou-o a qualquer contemplação extraordinária Não tirou a sua alma da bainha, nem a levou a passear em regiões sublimes. Não o

libertou, como aspirava Pelo contrário, mostrou-se-lhe um homem qualquer, como realmente um “Pai Compassivo”, dizendo-lhe: “Não pretenda o irmão encontrar o que busca, exercitando-se neste *ashram*, em lugar de outro qualquer, tampouco sonhe alcançar béatidão em mosteiros, de que tem notícia Nenhum passo você estará dando, vagabundeando pelo mundo, sem fazer nada. Tampouco julgue que possa elevar-se um centímetro da terra, ingerindo drogas. Só vocês ocidentais, criaturas estranhas, imaginariam encontrar a *realidade inefável* engolindo cápsulas. A droga é uma ilusão dentro de outra ilusão.”

O rapaz já se sentia meio envergonhado de ter penetrado aquele *ashram* com a sua mochila cheia de drogas e, em silêncio, confiava que o Baba, ao menos, lhe indicasse um caminho, pois viera de tão longe! E, realmente, o Baba voltou-se para ele, e o orientou, dando-lhe uma ordem que não esperava “Volte. Volte aos Estados Unidos, ao seu trabalho no hospital. Aquilo de que ainda você necessita, no seu estágio espiritual, é habitar na própria sociedade, respirar o hálito de outras pessoas, permutar com elas o suor e a preocupação, tentando amá-las e compreendê-las.”

O herói da nossa história conta que, diante dos ensinamentos de Meher Baba, voltou aos seus afazeres rotineiros no hospital. Todavia, antes, teve um cuidado; jogou no mar todo o seu estoque de tóxicos.

TEMA PARA REFLEXÕES: Alienação - subordinação - condicionamento. Relação com a liberdade. Impossível a liberdade absoluta num Cosmos organizado. Jesus obedecia ao Pai.

O SER HUMANO É UM ALIENADO?

- Por alienado, no sentido em que desejamos tomar a palavra, ela significa a subordinação e certa sujeição a outras pessoas, principalmente à sociedade, a seus usos, costumes, religião, autoridade, etc. De algumas décadas passadas para cá, a mocidade foi trabalhada por psicólogos e escritores, entre os quais Freud, Marcuse, Sartre que induziram a juventude a crer que toda a angústia lhe advinha de sofrer a repressão constante da sociedade, principalmente dos pais, da pátria, dos governos. Assim, inspirando-se nesta linha, surgiram os movimentos *hippies* de rebeldia à ordem. Não trabalhavam, não se higienizavam, não casavam, não constituíam lar, compunham e tocavam músicas nervosas, andavam barbudos e gadeihudos de um lado para outro e faziam gigantescas concentrações, na mais estranha promiscuidade. Mas, isto não deu certo, embora tivesse produzido alguns efeitos bons, como certas aberturas desejáveis. Não faz muito tempo, uma T.V. brasileira procurou localizar os maiores nomes destes *hippies* e os encontrou, agora, limpinhos, trajados convenientemente, trabalhando em seus escritórios, dirigindo as suas empresas, mandando nos seus empregados, e convivendo com a esposa e seus filhos, como excelentes burgueses.

A ALIENAÇÃO É NATURAL?

A alienação decorre da própria estrutura da vida universal, pois, a ordem se sedimenta em hierarquia. Da areia do Saara às galáxias existe um liame de interdependência. Em primeiro lugar, queiram ou não os niilistas, somos dependentes de Deus, doador da vida, o Grande Pai, de quem somos filhos. Do homem a Deus não existe vácuo espiritual, mas, esse espaço está todo preenchido por expressões, desde o espírito vulgar à mais elevada angelitude, que se coordenam em linhas de mando e obediência.

Isto nós, espíritas, sabemos por experiência, pois os Espíritos para fazerem isto ou aquilo pedem autorização a alguém. Por outro lado, Jesus, a todo momento, dizia cumprir as ordens do Pai.

Na Terra, nossos pais, representam a hierarquia decorrente da paternidade natural e “sobrenatural”; natural pelos genes e “sobrenatural” em decorrência de encargo aceito em nosso plano reencarnatório.

13 - A BONITA HISTORIA DO DEFICIENTE HANK

Henry Viscard Jr., que nos Estados Unidos, se tomou um exemplo vivo no campo da reabilitação de deficientes físicos, dedicando-se de corpo e alma ao mesmo, foi mais tarde considerado uma das mais altas autoridades no assunto.

Conta-nos ele que certa ocasião procurou um financiamento para a instituição que criara, a qual se dedicava a dar trabalho ao deficiente e torná-lo apto para a vida, por si só. Mas, a Diretoria do Banco negou o empréstimo, baseando-se no parecer do assessor de finanças que dizia: ‘O simples fato de que todos os operários da indústria, que o postulante pretende implantar, são *incapacitados*, torna o projeto absolutamente inviável e o fracasso inevitável.’

Henry Viscard Jr. não se conformou com a negativa, e procurou o assessor, autor do parecer, a quem perguntou: O senhor é capaz de cantar uma ópera?’. Ao que o alto funcionário respondeu: De modo algum, estou incapacitado para isto.¹ Muito bem, se o senhor não é capaz de cantar uma ópera, porventura isto significa que o senhor não tenha absolutamente condições para a assessoria, análise de balanço, apreciação de relatórios, dar pareceres?’

Desnecessário é dizer que o dito funcionário caiu em si, e modificou o seu parecer, do que resultou a concessão do financiamento. E, do financiamento, a implantação de uma empresa que se mostrou lucrativa e de grande valor moral.

Felizmente, no campo em que os homens disputam uma infundável partilha, há aqueles que Deus, através da re-encarnação, coloca em liderança, os quais imprimem nos desanimados tão grande revivência, confiança, ardor, sentido de camaradagem, motivação existencial, que fazem o milagre da integração. Homens que não eram nada ontem, e que na opinião de certos assessores não serviriam para nada, revelam-se úteis, capazes, operantes.

Um rapaz de nome Hank havia nascido com cotos de pernas e com braços deformados. As crianças chamavam-no por “homem-macaco”, porque as suas pernas eram tão curtas que as mãos tocavam o chão. No entanto, o médico especialista, Dr. Yanover, dispondo do auxílio de um artesão, lhe construiu pernas de alumínio, com tanto engenho que Hank passou à altura de 1,73 m. Ele já estava trabalhando numa coletoria governamental, mas, vivia sempre pensando nos seus companheiros de infortúnio que não tinham encontrado à sua frente um outro benfeitor igual ao Dr. Yanover. E foi por ter no coração essa gratidão a um homem, que o fizera feliz, que desejava fazer a felicidade dos outros. Demonstrando espírito de luta ímpar, sem desfalecimento, e capaz de somar forças, por fim, instalou a famosa “Abilities Inc.” Com centenas de empregados todos deficientes, em cujas operações se mobilizam milhões de dólares.

Este Hank que, se fosse outro, poderia andar por aí, sem utilidade para si, e muito, menos para os outros, foi considerado pelo “Herald Tribune” de Nova York uma pessoa que se constituía em “história fascinante sobre pessoas extraordinárias, escrita por um homem notável.”

Sobretudo, ergueu ele uma bandeira, a da conscientização acerca da maneira como considerar os deficientes, escrevendo com ênfase: “Vamos conscientizar os homens para que deixem de tutelar os deficientes como se fossem crianças retardadas.”

TEMA PARA REFLEXÕES: O bom ânimo - o desanimado é terreno sáfaro - entusiasmo.

PARA QUE SERVE O BOM ÂNIMO?

- O bom ânimo se assemelha ao sol dentro de nós, que dá vida ao corpo e à alma. Entre os candidatos que se apresentavam a Edison, cognominado o Magno da Luz, este escolhia de preferência aqueles possuidores de bom ânimo, entusiasmo e fé em que alcançariam o objetivo, realizariam o projeto e a empresa teria pleno êxito. Henry Ford, um dos pioneiros da indústria automobilística, dizia preferir um oficial menos experiente, mas, de bom ânimo que aquele pessimista cheio de cursos e currículos.

Quase todas as grandes descobertas e invenções nasceram de homens de bom ânimo. O que levou Colombo a descobrir a América foi essa qualidade. O casal Curie, para descobrir o metal rádio, dotado de intensa radioatividade, chegou a queimar todo o seu mobiliário. Paulo se destacou no apostolado cristão, em virtude do seu excepcional e permanente bom ânimo. Segundo Norman Vicente Peale, a palavra *entusiasmo* é formada pelo vocábulo grego *en* e *theos* (Deus), ou seja, “Deus em nós”. O grande pensador americano Emerson dizia: “Nada de grande jamais foi realizado sem entusiasmo.”

14-0 CÁLICE DE CHUMBO

Às vezes me pergunto a mim mesmo: “Como seria a casa onde Jesus morava em Nazaré? Se, naquela época, vivéssemos em tal lugarejo, que pensaríamos de Maria? Seríamos capazes de ligá-la a um contexto de tão alta transcendência, como a de ser mãe do Emissário Divino?”

Estou certo de que não.

A moradia de Maria devia, ser uma deselegante casa de pedra, como aquelas tantas outras que existiam naquele povoado que, por sua vez, não passava de pequena mancha cinzenta na paisagem multicolorida da Galiléia. Acredito mesmo que não julgaríamos Maria merecedora da nossa visita, amizade, muito menos de qualquer cumprimento mais entusiástico, pela ausência de garbo e trajar-se vulgarmente. José, então, parecer-nos-ia um carpinteiro como outro qualquer e tudo, por ali, nos diria que aquela Nazaré jamais poderia produzir um profeta, nem mesmo de terceira classe.

Se devéssemos andar na companhia de Jesus e das santas mulheres, acolitados por aqueles homens rudes, não nos orgulharíamos disto. Acharíamos-los uns pirados e vadios.

É a distância no tempo que permite à nossa imaginação emoldurar o evento sagrado, singelo e prosaico, com filigranas de beleza ímpar, inspirando, a Murilo, as suas Madonas e enchendo as naves dos templos de inigualável tesouro artístico. Isto foi bom, porque nos trouxe beleza, mas, por outro lado, esse contínuo recondicionamento deturpou a realidade; perdemos o interesse pela simplicidade e pela humildade.

Se fôssemos transportados para Jerusalém de dois mil anos atrás, nenhum de nós aceitaria o convite de Pedro para sentar-se no tosco banco da “Casa do Caminho”, onde os apóstolos, depois da morte de Jesus, pensavam as feridas, alimentavam os párias e pregavam o Evangelho, possivelmente em linguagem rude de pescadores, sem qualquer burilamento.

Tive esta impressão, dias atrás, quando visitei um arrabalde de São Paulo, procurando certa médium que me diziam possuir excelentes faculdades mediúnicas. Fui encontrá-la cozinhando debaixo de um telheiro. Trazia a pele ressequida, cabelos em desalinho, cheirando picumã, mãos ca-lejadas, e envergava um avental puído e desbotado. Enquanto servia o trivial ao marido e filhos, que estavam voltando do trabalho, suarentos e resfolegantes, no galpão aos fundos do quintal, iam se reunindo pobres, ricos e remediados, mas, todos portadores de semblantes amargurados, revelando sofrimento e cansaço. No horário assinalado, ela deixou os cuidados domésticos e a própria louça, para lavá-la depois, e, auxiliada por uma equipe, se entregou ao seu trabalho me-diúnico. Até altas horas da noite, aquela humilde senhora, exerceu o seu ministério sagrado de curar, aconselhar e consolar. No dia seguinte, levantar-se-ia de madrugada para despachar novamente o marido e os filhos, preparando-lhes a marmita. Nenhuma paga, nem mesmo o padronizado muito obrigado.

Quantas destas criaturas abnegadas, vultos expressivos da cristandade, mas anônimos, não existem por aí! Ninguém lhes registrará o nonnie no papiro. Se daqui a milênios vierem os doutores, cronistas e historiógrafos discorrer sobre os mesmos, imaginem com quantas fantasias emoldurarão aquela cozinha, transformando-a em santuário feito de pedrarias cintilantes.

Wallace Leal Rodrigues, em “Remotos Cânticos de Belém” relata que o nobre Sir Launfal deixou a sua família e o conforto do lar abastado, para andejar em busca da taça de ouro, da qual Jesus tinha se servido na Santa Ceia, conhecida pelo nome de Santo Graal. Debalde aquele nobre palmilhou todo o mundo conhecido de então. Quando regressou, estava velho, alquebrado, muito doente e descrente. Não acreditava mais naquela preciosa relíquia. Todavia, sofrendo fome, sede e privação na companhia dos deserdados pequeninos, descobrira o sentido da caridade cristã, que, por sinal, nunca havia praticado com ardor.

Sir Launfal chega de volta ao seu castelo, justamente na noite de Natal. A sua vivenda estava ricamente iluminada, cheia de convivas que se banquetavam. “Como adentrarei nesse ambiente, em estado de deplorável miserabilidade, e esquelético? Por certo não me reconhecerão. Ainda pensam em mim, como um cavaleiro da mais alta linhagem, montando um ginete ricamente ajaezado, quando na verdade tenho andado como andarilho!”

No que titubeava, aproximou-se dele um mendigo e lhe pediu uma esmola. Olhou com atenção e reconheceu-o: “Já sei. Você é aquele mendigo a quem, ao sair de casa, em busca do Santo Graal, dei uma moeda de ouro!” O pedinte julgou-o um marginal qualquer, de miolo mole, mas Sir Launfal foi tomado por uma onda de profundo afeto por aquele homem que, afinal, era-lhe o irmão mais próximo. Abraçou-o e o levou até uma fonte, onde repartiu o único pão que possuía. O mendigo trazia uma velha caneca de chumbo, com a qual apanhou a água cristalina e deu-lhe a beber. Ambos comeram o pão e beberam a água. E, no dia seguinte, os serviçais do Castelo encontraram morto Sir Launfal, cujas forças combatidas não foram suficientes para levá-lo mais adiante, um passo sequer, ficando enregelado, no pórtico da sua vivenda senhorial.

Enterraram aquele miserável desconhecido e assinalaram o lugar com aquela caneca de chumbo, por lhe desconhecem o nome. Estranho quadro! Uma cova e em cima dela uma caneca de chumbo!

Seria de ouro ou de chumbo o cálice utilizado na Santa Ceia?

TEMA PARA REFLEXÕES: Sacralização - Que coisa é sagrada? O abuso da sacralização. Os símbolos e signos pesam nos galhos da árvore de uma religião.

O QUE TORNA CERTAS COISAS OU PESSOAS SAGRADAS?

- A tendência de o homem tornar certas coisas sagradas e outras não, varia segunda a época, a crença reinante, usos e costumes, influências atávicas, etc. Os reis da anti-güidade sempre foram sagrados e no Japão, ainda hoje, o é. Pelo chamado efeito psicológico de simpatia e contágio, eles se revestiam de poderes sobrenaturais e até tinham o dom de curar. As suas vestes andavam cheias de símbolos e signos, geradores de encantamento, o que foi imitado por certas religiões triunfalistas. Todo deus ou Espírito poderoso sacraliza aquilo com o qual entra em contacto (contágio). As igrejas andavam outrora cheias de relíquias sagradas que podiam ser uma tibia, um artelho, até mesmo um prego, como os cravos que supunham ter servido para pregar Jesus na cruz. O tão sagrado e reverenciado Santo Graal, é justamente a taça que Jesus usou na Santa Ceia e na qual José de Arimatéia teria recolhido o seu sangue.

Diz, uma das maiores autoridades mundiais no assunto, J.G. Frazer, na sua obra “O Ramo de Ouro”: “A pessoa divina é ao mesmo tempo uma fonte de risco como de bênção, e não só deve ser protegida como também dela se devem proteger os seus súditos.” A sagrada Arca da Aliança, na qual estavam depositadas as tábuas da Lei de Deus era tão sagrada que, até certa distância, se tomava mortífera. Com ela, os judeus derrubaram os muros de Jericó.

E O ESPIRITISMO QUE ACHA DISTO?

O Espiritismo é a libertação do homem de tais crenças, que se ligam ao primitivismo da espécie humana, em que predominava na religião mais o medo do que o amor. O precitado J.G. Frazer chega a ponderar que “Algumas das velhas leis de Israel são evidentemente tabus selvagens de um tipo familiar, mal disfarçados como mandamentos da divindade.” O Espiritismo veio ao mundo para realizar a importante missão de libertar a religião da superstição, erguendo-a sobre a Fé Raciocinada, como propôs Allan Kardec.

15-0 CARVALHO EMBANDEIRADO DE ESPERANÇA

Um grupo de rapazes e moças resolve fazer uma viagem turística rumo à cálida Flórida, deixando a região fumarenta de Nova Iorque. Meteram-se no ônibus, sempre muito alegres e extrovertidos. Todavia, no ônibus viajava um cidadão, sempre macambúzio e voltado para dentro de si próprio, portanto esquivo, e que não aceitava abrir conversa com ninguém.

Não só calado, mas profundamente triste, contrastando com a alacridade juvenil do ambiente. Mordicava os próprios lábios e parecia em cogitações estranhas.

Uma jovem do grupo, no entanto, conseguiu se aproximar do mesmo e teve ensejo de formular-lhe estas perguntas que todos desejariam fazer, sem que tivessem coragem.

- Qual é o seu nome?
- Vingo.
- Que nome interessante! Você é casado?
- Não sei se sou casado.
- Como pode ser isto?
- Estou saindo de uma penitenciária. Da prisão, escrevi para minha mulher que estaria ausente muito tempo e que, se ela não aguentasse, se os nossos filhos comessem a fazer perguntas, e isto lhe fosse muito doloroso, me esquecesse. Eu compreenderia. "Arranje outro homem" - disse-lhe. Também, acrescentei: "Não precisa escrever mais." E, de fato, ela nunca mais me escreveu.
- E você está voltando para casa?
- E isso mesmo, pois, quando na semana passada me concederam livramento condicional, escrevi à minha mulher de novo. Existe, na entrada da cidade, onde morávamos, um grande carvalho. Se ela ainda me quisesse de volta, deveria amarrar um lenço verde à árvore. Se, pelo contrário, não me desejasse mais, não amarrasse lenço algum.
- Meu Deus! - exclamou a jovem, comovida.

As moças e os rapazes ficaram todos sabendo da história. O ônibus começou a se aproximar da cidade. Todos olhavam pela janela. Por fim, surgiu o frondoso carvalho. Vingo parecia petrificado. De repente, levantou-se e os seus olhos brilharam. O carvalho parecia uma árvore de Natal. Havia nele 20 ou 30 lenços verdes. Era uma mensagem extraordinária de boas vindas. Moças e rapazes se puseram a gritar, chorar e dançar dentro do ônibus. Vingo desceu e se foi ao reencontro do amor e da vida.

Às vezes, vale a pena sofrermos para saber que somos amados. Ou, então, para verificar que os profundos afetos não se extinguem com a adversidade.

Para mim, que acredito ter tido outras existências, segundo o ensino espírita, isto me faz pensar que somos, quase todos, semelhantes a este presidiário. Descemos a este planeta Terra, como "degradados filhos de Eva" e bem pode acontecer que, no regresso, ao transpor o umbral da morte, comecemos a ver carvalhos embandeirados de lenços, saudando-nos em tom de regozijo, colocados pelos entes queridos que partiram antes de nós e daqueles que um dia nos acompanharam até o cais do rio Letes para a difícil viagem da experiência carnal.

TEMA PARA REFLEXÕES: Solidariedade - apoio - esforço conjunto - emanção de força.

QUAL O SIGNIFICADO DA SOLIDARIEDADE E DO SEU MECANISMO?

- A solidariedade é a adesão ao propósito, à ação, ou estado de alma de alguém. Por conseguinte, a solidariedade é valiosa se a pessoa ou entidade, com a qual nos solidarizamos, possui intencionalidade de praticar uma boa ação ou coibir aquela que signifique uma ação má. Muitas vezes, não se trata de ação, mas, de provação, pela qual passa uma pessoa e nos solidarizamos com ela, dando-lhe força para passar pela experiência.

Às vezes quando nos solidarizamos com determinada pessoa, temos, depois, que dar o nosso testemunho. É um adendo importante e que reforça a solidariedade que, de outra forma, poderia ser simplesmente formal e política. Mas, por isso mesmo, a solidariedade expressa em documentos, manifestações públicas, apoio a idéias, deve ser meditada e avaliada, não se deixando levar por impulso impensado, o que se dá muito na juventude, que às vezes leva o jovem a desencaminhar-se e sofrer na estrada do futuro, por atitude generosa.

Noutros casos, a solidariedade é uma contagiante manifestação de alegria, expansão que se propaga em cadeia, à vista de um acontecimento feliz. É signo de evolução, o homem alegrar-se com a alegria do próximo. Mesmo Jesus alegrou-se com a alegria dos convivas nas Bodas de Caná.

16-0 CACHIMBO DA PAZ

Albert Schweitzer conta que dispunha de homens primitivos para auxiliá-lo no Hospital de Lambaréné, no Gabão, interior da África. O sério problema que tinha de enfrentar não era tão só aquele de poucos meios para tratar das enfermidades, mas, o extremo sentido de separatividade que imperava naquelas selvas. "Se peço - diz esse notável médico - a um auxiliar que faça pequeno serviço a outro que não esteja em condições de se levantar da cama, ele só o fará se o doente pertencer à sua tribo. Não sendo da sup tribo, ele me responderá com a maior naturalidade: 'Esse homem não é meu irmão'."

Este estado de separatividade tribal, encontramos na Bíblia, no Deuteronômio, através de cujos preceitos o Povo Eleito não podia misturar-se com qualquer outra raça. Não podia esse povo, numa guerra de conquista, nem mesmo usar os despojos, praticando, então, o *he-rem*, ou seja, a destruição de tudo: "Quando Jeová, teu Deus, te introduzir na Terra a que vais para possuir... então destruirás aquelas nações totalmente... nem terás piedade delas..." "Devorarás todos os povos que Jeová teu Deus te entregar, os teus olhos não terão piedade deles..."

Na fase evolutiva em que estavam, isto lhes parecia a coisa mais natural do mundo. E Albert Schweitzer, Prêmio Nobel da Paz, faz-nos ver que três categorias de progresso são importantes para o homem: progresso no campo do conhecimento e da tecnologia; progresso na socialização e, por fim, progresso no campo da espiritualidade. De todos estes, o mais importante a seu ver é o progresso espiritual. Talvez não significasse, para ele, a palavra espiritual aquela de rótulo religioso, mas, de crescimento e libertação de instintos primários e prejuízos decorrentes do orgulho, da vaidade e da posse.

O atavismo notado naquela gente do Gabão, de separatividade e acentuada memória tribal, até hoje persiste. Mesmo no empenho em praticar a caridade, reunimo-nos em grupos, este espírita, aquele protestante, aquele outro católico, mas, aderimos apenas àqueles que têm a mesma fé religiosa que a nossa. Em algumas instituições, lemos cartazes proibindo-nos de fazer donativos e subscrições a organizações da mesma religião, mas, sem ligação com a nossa.

Quando fazíamos a "Campanha do Quilo", liderados pelo infatigável Nestor Mendes da Rocha, Presidente então do Grupo Espírita "Casa do Caminho", operação que consistia em percorrer bairros, deixando nas casas um saco de papel para que os moradores ali colocassem donativos, muitas vezes, batendo à porta de crente ou seguidor de outra fé, anti-espírita, recebíamos o galardão de palavras ofensivas, e diziam-nos na cara: "Não fazemos caridade para instituições espíritas."

Todavia, encontrávamos aqueles que, pertencentes a credo diferente, entendiam o universalismo do Amór. O cônego Milton Santana, irmão da festejada jornalista campineira Nair Santana Moscoso, pároco da Igreja Nossa Senhora de Fátima, também na terra de Carlos Gomes, espontaneamente vinha ao nosso encontro, quando dirigíamos o Educandário Eurípedes, abrigo de menores órfãos e carentes. Inteligente, culto e de mente aberta, exortava os fiéis da sua igreja: "Hoje o saco de esmola todinho pertence às crianças mantidas pelos nossos irmãos espíritas. E, por esta razão, vocês devem dar em dobro." O apelo sempre foi atendido pelos paroquianos.

TEMA PARA REFLEXÕES: A separatividade - nasce do egocentrismo - somos ilhotas - universalismo.

QUAIS OS PREJUÍZOS DA SEPARATIVIDADE?

- Separatividade quer dizer viver isolado, apartado e desunido. É o que o homem pratica em demasia vivendo no imenso oceano como ilhota. Embora filhos do mesmo Deus, não somos fraternos como deveríamos ser. Um acontecimento trágico que levou à morte milhares de irmãos nos comove muito pouco, menos do que o ferimento que o nosso filhinho fez na perna naquele momento. A perda de um ente querido tem grau superlativo de dor. Mas, pouco sentimos com o sentimento dos outros. Sem nos darmos conta, se somos donos de uma farmácia, ficamos contentes com a gripe ou epidemia que está grassando. Para o nosso filho, a melhor escola para o filho do próximo, nada. "Cada um por si e Deus por todos" - diz o refrão. Puro engano, pois, Deus será nosso, desde que sejamos dos outros. Desde que sejamos brancos, não esquentamos a cabeça pelo fato de estarem matando negros na África do Sul. Os índios americanos foram trucidados em Norte-América e tomaram os

trucidadores heróis, por serem civilizados.

A separatividade nos leva a uma ótica nefasta. Os hunguenotes, protestantes calvinistas, foram dizimados pelos católicos na “Noite de São Bartolomeu”, na França. Inacreditáveis os genocídios praticados, contra o povo judeu, com requinte de crueldade, nos Campos de Concentração, pelos nazistas, ainda recentemente.

Até hoje a separatividade poderá ter sido pouco relevante, mas, doravante, com o imenso poder conquistado pelo homem, importa que contra ela se levantem todas as vozes. Não podemos mais continuar separados, sob pena de uma hecatombe universal. Jesus é o símbolo do Amor, da união, da cooperação, da compreensão, e aceitação de todos os credos, raças e tipos de povos.

DE QUE MANEIRA COMEÇAR UM TRABALHO CONTRA A SEPARATIVIDADE?

- Primeiramente dentro de nós, harmonizando-nos conosco mesmo. Depois, em nossa casa, aceitando as desigualdades de temperamentos; em seguida em nosso local de trabalho, nas associações a que pertencemos. Daí, partiremos para a perfeita união em nosso grupo religioso, nunca levantando bandeira contra alguém, mas, movimento a favor de todos.

17 - APENAS A LUZ DE UM FÓSFORO

James Keller escreveu uma excelente obra: “Você pode melhorar o mundo”. “De que forma?” pergunta o autor; e ele mesmo responde: “acendendo uma vela”. E diz-nos mais, citando um velho provérbio chinês: “É melhor acender uma vela do que atacar as trevas.”

O dito autor é um grande moralista, além de que, fundador do movimento estadunidense conhecido pelo nome de Christopher, no qual pode ingressar qualquer pessoa sem distinção de cor religiosa. A entidade não possui estatuto, tampouco obriga o participante a pagamento de qualquer mensalidade ou taxa. A única exigência é aquela de o cidadão conscientizar-se de que ele possui responsabilidade individual pelo bem comum e, por conseguinte, se dispõe a executar determinada obra comunitária ou se interessar efetivamente pelos problemas da comunidade. Sem dúvida, algo importante, colimado pelo movimento. Um buraco na rua, onde possa cair o carro, matando pessoas, não é problema exclusivo da Secretaria de Obras, mas, de todo cidadão. Assim, no tocante a focos de detritos que ponham em risco a saúde pública. O próprio jardim público nos pertence, e dele devemos zelar.

Geralmente, defrontando-nos com problemas sociais, transferimo-los para outros para que os resolvam, enquanto lavamos as mãos, como Pilatos no credo. Ora acreditamos no Estado Providencial, ora esperamos do céu que faça cair maná ou outros milagres. Imbuimo-nos da idéia de que o mundo não foi feito por nós, de maneira que cada um que se dane. Esquecemo-nos de que estamos navegando na mesma barca. Se ela se afundar, morreremos afogados.

Teilhard de Chardin, jesuíta e paleontobiólogo famoso, provocou escândalo na Igreja Católica, escrevendo: “Cristo está na sovela do sapateiro.” Com isto desejou significar que Deus criou o mundo, mas nós temos de trabalhá-lo e que Jesus, portanto, trabalha com todos os trabalhadores, o pedreiro que ergue a parede, o marceneiro que aplaina a madeira, o torneiro que desbasta o aço, o trabalhador que revolve a terra com a picareta.

No entanto, para que transformemos a massa humana em verdadeira humanidade, importa que despertemos o homem para tais ou quais realidades, através da conscientização. A principal luz dentro de nós, a da consciência, deve ser acesa.

No coliseu de Los Angeles, se reuniram 100.000 membros do movimento Christopher. A noite estava escura como breu. Provocou estado de tensão emocional, quando o promotor do congresso, em voz altissonante, advertiu: “Todas as luzes vão ser apagadas, mas não tenham receio.” E, em seguida, acendendo um fósforo chamou a atenção de todos: “Quepi estiver vendo esta pequenina luz queira exclamar ‘Sim’.” Eis que aquela enorme platéia respondeu “sim”, em uníssono. O mesmo dirigente voltou a se pronunciar “esta pequenina chama equivale ao mais humilde gesto de bondade de um só ser no mundo da indiferença ou da maldade.”

Depois de uma pausa, obtemperou: “Vejam agora o que vai acontecer, se cada um de nós acender um fósforo.”

Eis que cem mil minúsculas chamas banharam de luz o imenso recinto. As trevas se dissiparam. Dal ter concluído: “Onde estejamos, não importa quem sejamos, podemos, sim, melhorar o mundo.”

Sem dúvida, o Himalaia é feito de grãos de argila e o mar de gotículas de água, e assim a iluminação do mundo depende da pequena chama de cada um.

TEMA PARA REFLEXÕES: A Iluminação - ser iluminado - sábio - erudito.

A ILUMINAÇÃO É PALAVRA IMPORTANTE NO SEU SIGNIFICADO ESPIRITUAL?

- Sem dúvida, por iluminado designamos o ser penetrado por luz transcendente, tomando-se resplandecente e clareando o caminho. “Brilhe vossa luz” - diz o Evangelho. Como luzes fracas como de uma lamparina, mas, na escala que vai de nós a Deus, encontraremos criaturas que luzem como lâmpadas elétricas, outras como faróis até àquelas com o potencial de um Sol.

Todavia, no uso corrente, usamos a palavra iluminado para designar aqueles nossos irmãos que se destacam pelo amor, pela sabedoria, principalmente altamente inspirados nas suas palavras faladas e escritas.

A palavra *iluminado* é de grande alcance, pois, podemos ser um cientista, juriconsulte, médico, literato, poeta, filósofo, matemático, de alta qualificação, sem que tenhamos luz alguma.

18 - A NECESSIDADE DE LARGUEZA

Sêneca, curtindo as dores do exílio, escreve à sua mãe Hêlvia, consolando-a dessa desdita repartida: “Aqui, longe dos faustos palacianos, os bens terrenos são obstáculos aos verdadeiros bens, por causa das opiniões falsas e mentirosas que nos fixam; quanto mais compridos pórticos se constroem, quanto mais altas torres se levantam, quanto mais amplos caminhos se abrem, quanto mais monumentais se erguem os tetos das salas de jantar, tanto mais todas essas coisas nos escondem o céu.”

Este controverso pensador, a um tempo palaciano e moralista, atirado à Córsega pelo Imperador Cláudio, descobre no céu, pontilhado de estrelas, um “habitat” de almas maior que aquele da amada Roma dos Césares, e um Templo superior àquele insignificante de Júpiter Capitolino. Por outro lado, naquela inóspita ilha, pôde sentir-se milionário na indigência, percebendo que a riqueza legítima é aquela que carregamos dentro de nós. O “meu”, o “teu”, o “nosso” deve ser unicamente aquela moeda real, na curso forçado da Economia da Espiritualidade Maior, e que podemos carregar nos bolsos da alma. Fora disto, tudo ilusão!

Para o homem prático, uma cascata move-lhe o moinho; para o idealista é uma frase musical na grande sinfonia da Criação, que lhe toca a alma e lhe infunde prazer místico. O primeiro, homem prático, um dia comerá paçoca fabricada pelo seu engenho; o segundo, sonhador, beberá sempre, até noutra existência, nessa fonte retemperadora.

Emerson, cognominado o Buda do Oeste, gostava de fazer longas caminhadas a pé, em Concord. E, neste vagar a esmo, deixava-se penetrar pela excelsitude da natureza. Vendo uma rica mansão, cercada de vasto e florido jardim, exclama: “O jardim não pertence a quem o possui, mas a quem o contempla. Os próprios cuidados administrativos impedem o seu dono de usufruí-lo.” Podia Emerson usufruir a beleza sem pagar preço algum.

Cristo falava, no Monte, às criaturas postadas na planície simbólica e, como antena vibrátil, tinha na voz os mistérios das constelações e a profundidade do seu Amor. “Olhai os lírios dos campos, eles não tecem nem fiam”. A Samaritana, no Poço de Jacó, em linguagem poética, promete-lhe a “água viva”. Adiante, convida os homens à fuga libertadora: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” “Livre-se de suas mantas; livre-se dos seus tesouros; livre-se das suas raças; livre-se dos seus ritos; e livre-se dos seus ódios através do perdão.”

Isto me veio à mente quando li uma monografia de Aldous Huxley, afirmando que, apenas em um ano, os médicos norte-americanos forneceram 48 milhões de receitas de tranquilizantes! O homem paga caro o preço do perfeccionismo e da super-eficiência. Ele é possuído pelas coisas, julgando que as possui. No entanto, um instante de contemplação valer-lhe-ia o reencontro com o seu paraíso perdido.

Um amigo, mineiro de São Sebastião do Paraíso, tendo mudado para Campinas, hoje cidade de um milhão de habitantes, saiu-se tão bem nos seus negócios, os foi ampliando de tal forma que se tornou estressado, advindo-lhe enfermidades psicossomáticas, as mais variadas, as quais estavam acabando com a sua vida. Disse-lhe certa ocasião, condoído do seu estado: “Volte, como antigamente, a cheirar as vacas no curral. Compre um modesto sítio, e coloque nele pequena quantidade de gado leiteiro.” Não demorou muito, e já em outro tom de voz, com muita alegria, convidou-me para todos os dias ir na sua companhia ao curral do sítio que comprara, tomar leite tirado, na hora, da vaca. Daí, por diante, ficou tinindo de saúde.

A um outro, com pronunciada taquicardia, prometi-lhe um remédio: devolvi-lhe a vara de pescar que me dera, alegando que não tinha mais tempo para usá-la “Volte à pescaria” - disse-lhe eu.

Necessitamos de espaço para ser nós mesmos. Por esta razão, ensinava um filósofo - pintor japonês: “Prestem atenção em nossos quadros: a árvore tem os galhos abertos com vãos amplos onde pintamos apenas um ou dois pássaros.”

As circunstâncias nos obrigam a viver na selva de pedras, sofrer a compressão das massas que desequilibram a nossa própria psicofera. Nas celas das cadeias, os seres humanos comprimidos em reduzido espaço, tornam-se feras. Mesmo Jesus, de repente, deixava a turbamulta que o seguia e “subia ao Monte” para orar.

TEMA PARA REFLEXÕES: Largueza - grandeza - mente aberta — alargamento consciencial.

COMO O HOMEM DEVE AVALIAR OS HOMENS, AS SUAS ATITUDES, E, FINALMENTE, O PRÓPRIO MUNDO?

- Ele deve avaliar o mundo com largueza e o homem do mesmo modo. Nascemos dentro de um sistema, da mesma forma que o elétron em torno do núcleo atômico, em nosso aspecto corpóreo. Crescemos muito intelectualmente, mas, continuamos pesados como chumbo por falta de um alargamento consciencial. Viemos do barro e os nossos sonhos são ainda de barro. Por esta razão, a nossa visão anda sempre circunscrita ao mundo material. Falta-nos leveza, aquela mesma leveza que Dorothy MacLean, alega ter encontrado nos seus Devas, que a ajudaram realizar os prodígios agrícolas de Findhom. Ao mesmo tempo, ainda sabendo que temos capacidade para perceber por todos os lados, fixamos os olhos num ponto só, tornando-nos hipnotizados. O médico cardiologista costuma ver o coração como uma bomba, e aprende a fazer reparos nele com pedaços de safena. O negociante se concentra no lucro, o matemático nos números, o embriologista no embrião e há aqueles que nascem, vivem e morrem analisando apenas os reflexos dos olhos conjugados com a língua da rã, na biônica.

Que é o homem? Ninguém sabe, pois, na tentativa de conhecê-lo dissecaram-no, dividiram-no em inumeráveis pedacinhos, dando-lhes nomes extravagantes e difíceis.

Se há a indicação de um caminho que nos leva para o interior, para nos conhecermos, por outro lado, há o vôo da alma, que nos coloca como um satélite. E do alto podemos ver e, vendo, compreender melhor, onde estamos, quem são esses bípedes implumes que caminham conosco, como entendemo-nos reciprocamente.

O Espiritismo apela para que nos reconheçamos como cidadãos do Universo, daí ensinar a Pluralidade dos Mundos Habitados, faz mais de cem anos. Dá-nos lição de espaço incomensurável, e de tempo sem fim, mostrando-nos o Espírito, que não surgiu na maternidade, mas que vem de séculos e séculos, viajando, ou seja, o “Homo Via-tor”. Conhecemos experimentalmente a nossa imortalidade e Allan Kardec fez crescer a nossa dimensão, com uma ampla visão tão importante, que não podemos nunca mais ser míopes ou cegos.

19 - PRECE PARA AS VÍTIMAS DE CRISES FINANCEIRAS

Nos embates da existência, são muitos aqueles que se deixam abater inapelavelmente. Via de regra, prestamos solidariedade e temos palavras consoladoras para aqueles nossos irmãos atingidos por doença insidiosa, por morte de entes queridos ou implicações passionais. No entanto, não atendemos com o mesmo amor aquele que foi vítima de empreendimento comercial desastrado, que se vê à beira da falência e perde tudo que conseguiu em largos anos de trabalho honesto, até mesmo o fogão e as camas.

Ainda, poucos dias atrás, encontrei em São Paulo, um homem extraordinário, trabalhador, combativo, eficiente e, sobretudo, cheio de amor, membro respeitável da nossa seara espírita. De repente, complicações com um sócio fizeram-no combalir. Não entregou os pontos, e continuou com a empresa. Não calculou bem o capital para continuar sozinho, e o estabelecimento foi-se enfraquecendo. Buscava suprimentos em empréstimos e caiu nas redes da usura. Sem poder pagar os títulos nos vencimentos, tornou-se insolvente. Resultado, falência.

Caiu de borco do pedestal, em que sempre esteve merecidamente. Quando se aproximava de alguns irmãos, habilitados financeiramente a ajudá-lo, estes desapareciam como peixes espertos diante da chegada de um tubarão.

Ainda permaneceu no Centro, no qual fora majestade, por algum tempo, mas, logo olhavam-no de soslaio e lastimavam que diante da pureza doutrinária, estivesse este cidadão pretendendo misturar negócio com religião.

Mas, para falar a verdade, quantos destes nossos irmãos arruinados, por crises financeiras, sofrem duras provações e dores mais agudas que a de uma cólica renal. Forma-se-lhes um buraco na boca do estômago, o coração bate em taquicardia, um suor pegajoso lhe desce pela fronte, um desejo intenso de desistir da vida lhes sobe à cabeça, os seus olhos olham, mas não vêem coisa alguma, prelibando uma faixa de demência. São ou não dignos de compaixão? No entanto, não são portadores de nenhum câncer pelo que possamos nos condoer.

Uma noite, em que nos preparávamos para a nossa costumeira reunião espírita, em nossa residência, eis que se apresenta um senhor de aspecto bem rústico, mal trajado, ainda mais, sujo de terra de lavoura. Acompanhava-o a sua esposa, marcada pela miséria e uma filharada miúda desnutrida. Perguntei-lhe que desejava e ele me respondeu: “Desculpe, meu senhor, mas, eu vim aqui porque me disseram que esta era a Casa dos Espíritos. E eu queria que os Espíritos me ajudassem a encontrar o meu burro, que sumiu”. Naquele momento, fiquei indignado, pelo absurdo da solicitação. Onde se viu - pensava eu - desejar transformar Espíritos de Luz, em laçadores de animais? Controlei-me, porém, e esclareci o campônio: “Em nossos trabalhos espirituais, não tratamos de tais assuntos materiais. Procurar burro? Não é possível!” O cidadão, muito triste e desenhado, pediu-me desculpas, e me estendeu a mão para se despedir. Senti a mão forte, de homem sincero e trabalhador. Era toda calos. Quando a apertei, parei um pouco e obtemperei: “Afim, que burro é esse?” Ao que esclareceu: “Sabe, Dr. Mário. É o meu único instrumento de trabalho. Sem o burro, a minha família passará fome”; e, em dizendo isto, mostrou as crianças e a esposa, já bastante judiadas pela vida. Entendi, de pronto, que o problema, para ele, era grave e importante. Furando uma enorme fila, levei-o a conversar com um Guia Espiritual, espírito bondoso que o atendeu carinhosamente, prometendo-lhe auxílio. Ele e os seus irmãos da espiritualidade iriam procurar o burro.

No dia seguinte, de manhã, o campônio apareceu sorridente em casa, com a sua carrocinha e fiquei conhecendo pessoal mente o burro serviçal. Desde então, passei a ter paciência com aqueles que têm título apontado, perdem tudo nos negócios e podem ter até os seus instrumentos de trabalho penhorados pela Justiça que, infelizmente, não tem coração.

TEMA PARA REFLEXÕES: Não só uma obra é caridade - O encorajamento do que caiu - A piedade - O calor humano - A compreensão. QUE É CARIDADE?

- Há milhões de formas de dizer o que é caridade. Ela, sem dúvida, é apanágio do amor. Onde existir amor, a caridade se manifesta “Amai-vos uns aos outros e fazei aos outros o que querieis que voz fizessem”. “Toda a religião, toda a moral se acham encerradas nestes dois preceitos.” E o maior dos preceitos cristãos. Daí que Kardec tenha também tomado o preceito como básico para o próprio exercício da fé: “Fora da caridade não há salvação”. Que nos adiantaria alcançarmos o pináculo do conhecimento, se esse conhecimento não fosse útil a ninguém.

Temos de dar luz aos que não a têm e servir a quem necessita. Uma sugestão faz-nos o Divino Mestre: “Aquele que receber um destes meninos em meu nome, a mim é que recebe; e aquele que me receber, recebe não a mim, mas aquele que me enviou”. (Marcos, 9:36)

Ele sabiamente reunia o caridoso, à Sua pessoa e a Deus. Queria significar que os homens, pelo amor, podiam alcançar a Ele e a Deus. E esta seria a finalidade do mundo.

A CARIDADE É SEMPRE MATERIAL?

- Não, pelo fato de que então seria inacessível ao que não tivesse bens e nem condições de angariá-lo. A humanidade cobriu os territórios ocupados pelo cristianismo de templos monumentais, e os homens iludidos com isto procuraram homenagear Deus com obras de pedra. A partir de alguns séculos, a caridade cristã foi esquecida. O Espiritismo veio para lembrar o esquecido. Por esta razão, ele coloca no coração toda fortuna a ser amealhada. Isto é, buscamos recursos, não para nós, mas para exercer o nosso ministério de servir. Sobretudo, se somos fraternos, devemos sê-lo a toda prova “A caridade moral consiste em suportarem-se uns aos outros, e isso é o que menos fazeis nesse orbe inferior onde vos encarnastes provisoriamente.” (“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Irmã Rosália, Cap. 13.)

Temos de procurar o pobre envergonhado, o qual não se encontra nas filas como pedintes; fazemos-lhe a caridade sem exibição, enfim, exercermos a prescrição de Jesus.

20 - AS PEDRAS DO CAMINHO

Da janela de um apartamento à beira-mar, eu observava os moleques numa pelada animada. O campo escolhido era um trecho de rua de areia, destas muitas que se perdem na praia. Para assinalar a meta, utilizaram quatro pedras enormes. Empenhei-me, assim ao longe, de corpo e alma, no *match*, a que hoje se dá o nome de “racha”. A partida terminou ao escurecer, e todos os guris de repente se foram, como que por um toque de mágica.

O tempo virou durante a noite, e a visibilidade, por ali, caiu a zero. No dia seguinte, do mesmo jeito. Por se tratar de domingo, o trânsito aumentou sobremaneira. As quatro pedras, assinalando a meta, continuaram incólumes. Os carros, em disparada, passavam tirando lascas das mesmas. Outros, eram obrigados a manobras difíceis, quase que trombando com o veículo que vinha em direção contrária. Dois deles, manobrando com infelicidade, caíram numa faixa de areião e ficaram atolados.

Ninguém, daqueles que passavam por ali, ou mesmo dos que enfrentavam o problema, se dignou de tirar tais pedras do caminho. Até que, por fim, um turista, secundado por sua esposa e filhos, com dificuldade, rolando tais pedras, colocaram-nas amontoadas à margem da rua. A barra estava aberta. Dali por diante, todos continuaram a transitar, sem risco algum, mas, ignorando que apenas um coração generoso, acompanhado dos seus familiares, havia lhes servido de anjo de guarda.

A cidade grande faz aumentar em nós a irascibilidade, a impaciência, a truculência, e passamos uns a espezinhar os outros, para que o inferno venha a nós, mais rápido do que o “reino dos céus” que pedimos na oração dominical.

Todavia, Deus, através dos seus filhos de boa vontade, assiste-nos de algum modo. E um velho aposentado, chamado Castilho, foi inspirado a este tipo de tarefa angélica. Frequentava o supermercado, excessivamente congestionado, e guardava na longa fila, pacientemente, um lugar para qualquer pessoa cega, aleijada, ou portadora de problemas físicos ou psíquicos. Não só, ali, mas ajudava uma criança a atravessar a rua de movimento, segurava alguns pacotes para uma senhora que necessitasse subir no ônibus. Tomava conta de qualquer carro cujo dono tivesse largado aberto e, algumas vezes, teve de tomar conta de bebês, cujos pais entraram no cinema. Quando um forasteiro lhe vinha ao encontro, perguntando onde ficava tal casa, em determinada rua, prazerosamente, acompanhava-o até o local. Mil e um servicinhos úteis prestava ao semelhante, de tão bom coração, sem ganhar um centil sequer, que à noite dormia bem, sentia um acolhimento cheio de ternura por parte da esposa, dos filhos e netos. É muito difícil que uma família tenha muita paciência com um velho, pois, passam a tratá-lo, inconscientemente, como um traste inútil, que ocupa lugar e até atravança a passagem dos familiares que têm muita ocupação. “Ninguém responde perguntas de velho” - diz um cômico. Tampouco, gostam de ouvir as suas lengalengas em tom de hora da saudade. Então, é fazer o que ensina Dale Carnegie: “Se lhe derem um limão, faça uma limonada.”

Numa pequena cidade dos Estados Unidos, os seus moradores desenvolveram uma mentalidade altamente acolhedora, de tal forma que, ao chegar um novo morador, todas as dificuldades lhe eram sanadas. Um levava-o a conhecer o clube, outro emprestava-lhe a máquina de cortar grama, este facilitava-lhe a matrícula dos filhos, aquele outro airanjava-lhe um carro ou lhe procurava a faxineira. Por que, afinal de contas, não levamos o filho do vizinho ao Colégio e não poderia ele trazer o nosso?

Se Deus nos colocou no mesmo barco, fez isto para que nos suportemos reciprocamente, equilibrando-nos um no outro, constringendo-nos a tal necessidade, a fim de que, na escolinha da vida planetária, aprendamos a ser humildes servidores.

TEMA PARA REFLEXÕES: O cuidado - a desatenção - o desleixo - nós e a comunidade ou o Governo.

COMO ENTENDER O PROCEDIMENTO DO HOMEM CORRETO PERANTE A COMUNIDADE?

- Bastaria ele estudar a vida das abelhas e saberia como deveria ser o indivíduo em relação à comunidade. Há tão derramado espírito de sociabilidade que as abelhas se parecem com as células do nosso corpo e a colméia um ente coletivo, cada qual no seu trabalho individual, mas, todas substituindo, socorrendo, limpando e combatendo. Mas, os homens são diferentes: cumprem a sua função, geralmente a contragosto; por isto ou aquilo que os desagrada, tornam-se desleixados. Esperam tudo do Governo. Um buraco na rua não os move a providência alguma; se a ponte está para cair, deixam que caia; se os ratos estão lhe invadindo o quintal, não os matam, pois, preferem telefonar à Saúde Pública; consentem que o belo jardim, no qual passeiam, seja depredado diante dos seus olhos, e não dizem uma palavra de condenação.

Temos de transmitir, às novas gerações, um conceito diferente de indivíduo e Estado, evitando que os jovens concebam duas entidades contrastantes e até inimigas. O Estado é simples figura para fins administrativos com certas competências legais, enquanto que a Nação somos todos nós. Aquele cidadão teórico de Rousseau inexistente. Somos pais, irmãos, motoristas, jardineiros, comerciantes, médicos, advogados, funcionários públicos, professores e, sobretudo, brasileiros. Se alguém polui uma praia, está estragando um patrimônio de todos nós e criando situação para a proliferação de doenças epidêmicas. A própria segurança não é só da Polícia, mas, também, de nós que devemos auxiliá-la. No Trânsito, a mesma coisa. Na conservação dos rios e matas, outro tanto. Tudo então se tomará mais fácil, quando nos conscientizarmos disto: que o Estado, realmente, ao contrário da famosa exclamação de um rei absolutista, somos nós.

21-0 PARAÍSO DAS LESMAS

Conta uma crônica publicada nas “Seleções do Rea- deKs Digest” que, um capitão de indústria e empresário de nome internacional, acostumado a ser acatado e recebido com deferência, onde andasse, até mesmo pela casa imperial, vítima de um insulto cardíaco, morreu instantaneamente. Foi recebido no Além com honras e salamaleques. Colocaram-no em rico palácio, cheio de candelabros e colunatas de mármore. Havia mordomos e criados para atender o magnata nos mínimos desejos. Se pensasse no charuto de Havana, a que se habituara, logo traziam-lhe, não só dessa qualidade, mas de muitas outras. Os mais genuínos e puros uísques escoceses sabiam-lhe bem ao paladar, tanto quanto o champagne Pomery, de idade provecta.

No princípio, como já era exaltado, acreditava até mesmo na sua prosápia, sentia-se mais ainda elevado, pois que, se dominara o mundo material, espalhando-se através das suas multinacionais, agora, sentia que, além de ser rico, deveria ser um homem que agradava a Deus.

Com o tempo, ele foi se enfasiando daquela solicitude, daquele estilo de vida, na qual tudo lhe vinha às mãos, sem que tivesse que determinar qualquer coisa. Aquela rotina vazia, sem objetivo e preocupações, foi-lhe fazendo mal. Começava a sentir-se derreado. Até a sua

mente parecia agora congelada. Foi, então, que chamou o mordomo, e ainda arrogante determinou: Arranja-me algo que fazer. Necessito trabalhar. Sem ocupação alguma, acabarei louco varrido." O mordomo, então, polidamente lhe explicou: Meu senhor, trabalho neste lugar é justamente a única coisa que não encontramos." O poderoso homem que se julgava no céu, usou de mais energia: Se eu não posso trabalhar, aqui, prefiro ir para o inferno." O mordomo sorriu maliciosamente e redarguiu: Mas, meu senhor, onde pensa que está?" - Onde?" - insistiu. Ao que o mordomo, secamente esclareceu: No próprio, inferno, na *dura*..."²

Pelos relatos que nos chegam, pelas vias medianími- cas, as regiões de inatividade ou indolência ficam no astral inferior e não superior. O céu seráfico, modorrento, com todos aqueles querubins e anjos tocando harpa, é uma quimera. E real mente, com o tempo, ninguém agüentaria mais uma nota só da harpa de Santa Cecília. As almas de eleição e nobreza trabalham pelo seu e pelo progresso dos outros, daí que Terezinha do Menino Jesus exclamasse: "Quero passar o meu céu, fazendo o bem sobre a Terra"

Um dia, perguntei ao espírito daquela que foi minha mãe carnal, falecida faz muitos anos, qual a razão por que ela não ficava descansando no Além, se na vida física trabalhara exageradamente, criando onze filhos e ajudando, no trabalho árduo, o meu pai, e ainda estendendo o seu manto protetor, a sua solicitude, as suas providências e auxílios a todo e qualquer deserdado da sorte. Qual era essa de, pouco depois da desencamação, estar metida nas campanhas do Grupo Espírita e, da mesma forma, nos entusiasmando para uma ação desenvolvida no campo da caridade? A tais indagações, respondeu: "Quando aqui cheguei, puseram-me num lugar aprazível, para descansar. Não demorou para que eu ficasse enfadada e pedi ao mentor para voltar à crosta e, ombro a ombro com os seareiros, distribuir palavras de consolação e ativar a caridade *"

Eu acredito e sei que assim é: Somente os espíritos menos edificadas constroem, no Além, verdadeiras cidades de gozo e usufruição. Existem Sodomas e Gomorras onde se juntam ociosos e vivem em permanente sonho voluptuoso.

A inação é um estado de ânimo que contraria a vida. Nem mesmo Deus podemos concebê-lo na inação.

Através de uma crônica, Irmão X, em sua obra "Luz Acima"³, conta-nos a história de um cidadão chamado Joaquim Pires, religioso íntegro que dava o bom combate não só às suas paixões, como demonstrava uma caridade sincera e desinteressada, inspirando-se no Evangelho.

Não obstante não tivesse sido provado em situações de vida realmente difíceis, ele não tinha medo algum de morrer. Morreu, pois, e lá se foi para uma cidade celeste resplendente. Um simpático mensageiro veio recebê-lo no limiar e Joaquim Pires lhe manifestou a sua estranheza. Aquele lugar lhe parecia mais uma colméia de trabalho, do que lugar de descanso para os que tinham labutado na Terra. Ao que foi informado de que, ali havia chefia e subalternidade, servidores melhores e piores, estudos e provas, e conseqüentemente reparações e punições, desequilíbrios e dificuldades.

Joaquim Pires não se deu por vencido, e insistiu: ■— Procuro o repouso inalterável— Quem sabe resplandece em esfera mais elevada o céu que busco?" O mensageiro muito paciente e de bom humor esclareceu-o: Parece-me que o paraíso, sonhado por você, é o éden da espécie 'Umax ar- borum*. Essas criaturas, que no fundo são igualmente filhas de Deus, organizam o próprio lar, através de folhas e flores. Aquietam-se e dormem descansadas sob a claridade do firmamento. Nada perguntam. Não riem, nem choram, desconhecem os enigmas. Não sabem o que vem a ser aflição ou dor de cabeça. Alimentam-se daquilo que encontram nas árvores preciosas da vida. Ignoram se há guerra ou paz, dificuldade ou pesadelo entre os homens. Vivem alheias aos dramas biológicos, aos conflitos espirituais e, sem um cataclismo fulminasse o Universo em que nos achamos, não registrariam grandes diferenças..."

Só assim Joaquim Pires se animou, pois, aquele mundo correspondia ao seu ideal, pelo que indagou: "- Quem são esses seres privilegiados?" Ao que o mensageiro lhe respondeu: São as lesmas e se você descer, suficientemente, encontrará o paraíso delas—"

Assimilando a lição, Joaquim, finalmente, resolveu entrar na cidade celeste...

TEMA PARA REFLEXÕES: A inação - contemplatividade - mortificação - a carne é do diabo? - a fuga para alcançar santidade.

PODERÁ O ESPÍRITO PROGREDIR LIMITANDO-SE A NÃO FAZER O MAL?

- Muitos homens de saber criticam o Decálogo pelo fato de ter sido redigido só no negativo: "Não fareis isto, não fareis aquilo". Alguns pedagogos consideram que até mesmo a educação da criança, principalmente no lar, viciou-se, por tradição, à prática da repressão, e a religião enfatizou este aspecto negativo, a ponto de, na adolescência e juventude, o rapaz tomar Deus como figura repressiva, os pais, também, e até os governos. Com isto, na menoridade são levados ao Culto ou à Missa, pelas mãos dos pais, mas, depois, não querem saber de religião alguma.

Educação é ensinar a *viver*, crescendo; entretanto, na ânsia de conquistar o céu, passaram a fomentar o culto à *morte* e o profundo desprezo à *vida*. Houve um tempo, o da Idade Média, que todo o planeta Terra se cobriu de crepe. Os homens valorosos, sadios e fortes se ocultavam nas grutas, para fugir ao pecado. Certos lamas budistas chegavam a ser emparedados. Os conventos e eremitérios povoaram o mundo. A carne se tomou coisa do diabo. O pecado original ferre- teou o homem, desde o seu primeiro vagido. A conjunção carnal, uma obscenidade. A castidade e a virgindade se constituíram em signo indispensável à santidade. Tudo foi diabolizado, até mesmo o amor entre enamorados e a manifestação mais bela de Deus, a natureza.

O Espiritismo nos dá um entendimento diferente. Não existe nada de mal intrínseco na matéria. O mal maior está na cabeça do maldoso. O berço que Deus nos conferiu é digna oferta de um Pai amoroso: tão esplendidamente belo e capaz de nos alimentar e agasalhar a todos. O egoísmo humano é que o deturpa com a posse e a avareza. A mulher nunca foi, nem poderia ser amaldiçoada por Deus. Ela é a companheira do homem. Os filhos são frutos dessa união bendita por si mesma, sem necessidade de sacramento. Estamos todos, homens de diferentes raças ou credos, metidos na mesma barca, e nenhum é eleito ou, tem passaporte especial. Temos de chegar a um Porto, e essa barca deve ser conservada, consertada, embelezada, musicalizada; a viagem deve ser alegre, descontraída, em convivência amável. A alegria sã nunca foi pecado. Os próprios pássaros saltitantes nos mostram, e para este fato Jesus nos chamou a atenção: "eles não tecem, nem fiam". "Por que vos preocupais demasiado?"

22 - A MALEDICÊNCIA

Não sei de nada mais funesto para a harmonia comunitária do que a maledicência. Em compensação, não conheço nenhum instinto mais desperto na criatura do que este de levemente referir-se aos outros. Com que entusiasmo e alvoroço os co-participantes de uma reunião se põem a debicar à maneira de pardais um motivo de escândalo. Uma roda morta se torna viva, se nela sopra tal vento, revelando que, em baixo das cinzas, dormitam brasas crestantes de malignidade agressiva em cada um de nós. "Fulano de Tal é excelente criatura., bom mesmo... gosto muito dele, mas, vocês sabem...". E, daí, em diante, começam a debuxá-lo a carvão.

O extraordinário autor espiritual, Emmanuel, nos diz que, todas as vezes que diminuimos um semelhante, caímos na mesma faixa do denegrado, donde verificarmos à miúdo que temos a tendência de praticar os mesmos erros e abusos que, com tanta paixão, condenáramos antes.

O pensamento emitido, denso e inferior, volta em ricochete ao emitente. Como energia plasmante de tremendo conteúdo vibratório, o pensamento se torna causa e efeito, como o símbolo da serpente que morde a própria cauda. Quando o homem pensa mal, ele também se torna mau.

A criatura tem um pensamento cruel e o pensamento cruel lhe cria um automatismo de crueldade. A pessoa que se iniciou na crueldade por invigilância, às vezes, na qualidade de um comando ou subalterno para cumprir as ordens do chefe, poderá se tornar presa dessa teia de aranha, geralmente invisível, aparentemente frágil. Isto não é digressão gratuita. Um amigo meu, jovem de inteligência promissora e caráter sem jaça,

² (*)0 presente relato, evidentemente, se trata de ficção do articulista Alex F. Osborne, incluído no repertório das "Seleções", 1944.

³ O Psicografada por Francisco Cândido Xavier, Editora FEB, Cap. 32.

formando-se em advocacia, ingressou na carreira policial, sendo lotado em setor violento de furtos e crimes, no qual devia ser duro como aço. Ele tinha excelente formação de tolerância e bondade, mas, tanto simulou dureza para arrancar dos indiciados as confissões, e se ambientou àquele modo de ser grosseiro que, esposa e filhos, parentes, amigos, não o reconheciam mais. Tornara-se rompante e áspero, ele que fora dócil e educado.

É de se ver que tanto no mundo físico, quanto no espiritual, nada estaciona Ou cresce ou diminui. Assim, a maledicência que começou como prática passageira, apenas para que pudéssemos fazer média com os nossos companheiros, a fim de vitalizar o bate-papo ou porque houvéssemos pretendido alargar a nossa intimidade com os interlocutores, mostrando-nos mais interessantes de prosa e assunto, acaba se nos tornando hábito arraigado.

Todavia, pior do que tudo isto é o estado do maledicente no pós-morte. Os males que semeou contra alguém se assemelham às gotículas de um pulverizador que se espalham no ar e, depois, nem sabemos mais identificá-las, ou então, à poeira que levantamos, vem o vento e assopra-a para todas as direções, sem que possamos reunir os grãos e impedi-los de continuar a sua ação nefasta.

TEMA PARA REFLEXÕES: A maledicência - lei de ação e reação - A maldade espalhada como poeira é difícil de ser anulada.
QUE VEM A SER A MALEDICÊNCIA?

- É o mal praticado através da palavra escrita ou falada. Está quase sempre ligada à difamação e o autor revela leviandade. No entanto, ela pode ser cometida por falta de vigilância. Comum é ela nascer do estímulo de conversas banais, principalmente em reuniões sociais.

Sob a inspiração do Espiritismo, não importa que a vítima da nossa maledicência tenha tais defeitos, vícios ou falhas, pois significa falta de caridade expô-la à execração ou simples julgamento público, primeiramente, pelo fato de que não é fácil julgar; segundo, pela razão de que não nos cabe assumir uma função para qual não recebemos nenhuma delegação; terceiro, pelo fato de que um magistrado sabe a pena que aplica ao indiciado, segundo o capitulado no Código Penal, enquanto que o maledicente ignora quais os males que advirão ao seu réu.

A maledicência pode levar a vítima ao suicídio, à falência, à desintegração da família e até mesmo ao crime.

Há um outro aspecto terrível. Se tiramos um objeto de alguém, podemos restitui-lo; se o machucamos fisicamente podemos pedir-lhe perdão e ajudá-lo no tratamento; se omitimos em nosso trabalho, podemos trabalhar dobrado e corrigir os erros, mas, a maledicência equivale ao ato de jogarmos poeira no ar. Vem o vento e leva-a por toda parte. Não há mais condições de juntá-la de novo. E mesmo, no tempo, a maledicência contra a mãe, poderá desgraçar filha e até a neta, muitos anos depois! As vezes intoxica por muitas gerações. Sobretudo, nesta questão de maledicência, nela entra sempre uma terceira pessoa anônima, inqualificável, sem identificação, à qual nos reportamos com a expressão: “disseram”, “comentaram”, etc. E isto deve nos levar à prudência de nunca transmitirmos fatos que denigram o próximo, apenas por “eles terem falado”. Eles quem?!

23 REFERÊNCIA À VIDA

Aquela singular criatura humana que se chamou Albert Schweitzer, que granjeara fama na *Europa* pela sua grande cultura, conhecimentos científicos e, sobretudo, como o maior intérprete de Bach, um dia deixa a civilização, interna-se nas florestas da África Equatorial Francesa e, ali, não dispondo de meios essenciais, começa a cuidar dos negros doentes, principalmente leprosos. Ele foi cognominado “O Profeta das Selvas”. A sua própria vida, inspirando os seus pensamentos, tinha um profundo significado na decifração da palavra de Deus, que podemos ler no semblante do homem sofrido e de quem busca aliviar-lhe o sofrimento.

Naqueles cenários de abandono, solidão e despedaçamento do ser humano, na mais absoluta miséria e sob o guante da hanseníase, numa comunidade chamada Lambaré, ele, na escuridão, luzia como a estrela-d'alva. Lutava com todo empenho para salvar uma vida que fosse, enquanto que, no mesmo instante, na Europa, estavam destruindo estas mesmas vidas aos milhões, na Grande Guerra de 1914. Foi, então, que enunciou a sua filosofia. Fê-lo quando recebeu um chamado de N'Gomo, que distava rio acima, a 250 quilômetros, para socorrer a esposa de um dos missionários. Enquanto a barca singrava as águas, no entardecer do terceiro dia, lhe nasceu na mente, uma expressão significativa, a qual buscara, até então, sem encontrá-la: *Reverência à Vida*. E monologava: “Eu sou vida que deseja vida, no meio da vida que quer viver.”

Afinal, a vida não era um simples caleidoscópio, homens andando, seres engordando ou emagrecendo. O mundo não podia ser unicamente notícia, confecções e consecuições. O mundo para Albert Schweitzer continha vida, e isto era o principal. Então dizia: “O mundo não consiste só de acontecimentos, contém vida também, e eu tenho de estar em relação não só passiva, mas também ativa, com a vida do mundo, na medida em que ela se põe ao meu alcance. A ética da *Reverência à Vida* é a mesma do Amor, ampliado até à universalidade. É a ética de Jesus, agora reconhecida como uma necessidade do pensamento.”

Tempos atrás, da janela do pavimento superior de um edifício, na Cidade Ocian, pus-me a contemplar a Praia Grande de dezenas de quilômetros, coalhada de gente e comecei a refletir sobre a razão de ser de tantas criaturas, bípedes implumes, que tomavam de assalto aquela orla banhada pelo Atlântico. Tantos rostos, tantas pernas, tantos corpos enxutos ou flácidos, uns morenos, outros tostados, moços, mocinhas, meninos, crianças, estas correndo atrás de uma bola, o velho saltando exageradamente como se tivesse vindo ao mundo ainda ontem, a beldade espreguiçando-se ao sol, como um jacaré modorrento.

Alguns homens empurrando pesados carrinhos, senhoras carregando cestas, ofertando milho verde, quitutes, paçocas e amendoim aos turistas! E um som cavo, enorme, ligando outros sons entre si, de mole humana, e a voz, também, rouca e misteriosa do mar, querendo, sem poder, nos dizer alguma coisa.

Trinta anos atrás, eu havia percorrido aquela praia, e ela era coalhada de aves, insetos e outros pequenos animais que se escondiam ao menor ruído dos meus passos. Sentia, naquela vastidão de areia, de sol e de água, uma atmosfera romântica como se fosse, de repente, deparar com Iracema, a virgem dos lábios de mel.

Qual o sentido desta invasão? Homens por toda a parte, ocupando todos os espaços, o que havia causado estupefação a Ortega y Gasset, em “La Rebelión de las Masas”.

Aquela gente toda, disputando um espaçozinho diante do Pai-Mar ou da Deusa-Mar, Netuno ou lemanjá, era a mesma Vida que impusera o seu domínio, milhões de anos passados, manifestando-se em formas inferiores, mas que, agora, se exibia como homem feito. A Vida viera do mar e exibia-se exultante diante dele, como se fosse o filho crescido, de que se orgulhava, voltando ao lar antigo.

A *Reverência à Vida*, por esta razão, mereceu de Albert Schweitzer todo o seu saber e dedicação. No entanto, nós kardecistas, que temos a felicidade de possuir uma ótica mais vasta, que abrange a *evolução em dois mundos*, apalpamos campos de vida em planos pluridimensionais, estamos mais capacitados a compreender que, além deste painel, que contemplamos com os olhos físicos, outros painéis se desenrolam, e neles a Vida toda é meio de manifestação do Espírito, para que a seiva se alambique, se torne cada vez mais essência.

Todo animal é sagrado e o homem mais ainda, porque foi uma conquista trabalhosa, através de mil e um tentáculos da natureza, nesta estrada ascensional a Deus.

TEMA PARA REFLEXÕES: A vida - A Reverência à vida e aos seres vivos, nossos irmãos, ao homem e a Deus - Dela decorre o zelo pelo meio ambiente - a ecologia.

QUE DIZER DA REVERÊNCIA À VIDA?

- Importa no reconhecimento de uma verdade importante: a de que somos um ser vivo e de que atrás de nós, numa feira que se perde nos confins da história natural, se situam todos outros seres vivos. O estofado da vida à qual chamamos pelo nome de biosfera se constitui numa camada à qual pertencemos, como homens. Para explicar a gênese, isto é, o começo do mundo, em linguagem poética da mais remota antiguidade e própria do oriente, Deus criou Adão e Eva, o primeiro casal, como entes à parte, de forma especial. Lê-se, na Bíblia, que o próprio

animal foi feito para sujeitar-se e servir ao homem!

Só mais tarde, com o progresso da ciência, se constatou que a vida surgiu simples, e do protozoário unicelular, foi se desenvolvendo, unindo-se uns a outros, até chegar à formação de todos os animais, até ao homem. Por esta razão dizemos que a árvore da vida, que contém o desenho de todos os espécimes, tem semelhança com a árvore comum, a qual nascendo de uma simples semente, plantada pelo Grande Jardineiro Celeste, foi crescendo, crescendo, cada vez soltando mais galhos, encorpando e se diversificando. A linha de desenvolvimento filogenético não se deu por acaso, mas, de acordo com uma idéia-matriz, o Pensamento Divino em processos de materialização.

O Espiritismo contém em si um aspecto religioso, mas, como nenhuma outra experiência antecedente em tal sentido, é aquela que olha o enigma e o decifra *pari passu* com a ciência, e ainda acima dela Daí que Kardec pondere:

“Não dissemos que tudo se encandeia na Natureza e tende à unidade? É nesses seres, que estais longe de conhecer totalmente, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e ensaia para a vida. E, de alguma sorte, um trabalho preparatório, como o da germinação, em seguida ao qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se toma Espírito.”

Se estamos vivendo corporalmente, embora com a nossa contra-parte espiritual, somos filhos da Terra e irmãos de toda a criação, e devemos muita reverência à vida, pois, se a destruímos, fazemo-la a nós mesmos e perturbamos os desígnios de Deus. Dupla falta essa, a de destruir as florestas, poluir os rios e matar indiscriminadamente os animais.

24 - CONSELHOS ANTIGOS AOS JOVENS MODERNOS

Se fosse chamado a dizer alguma coisa aos jovens, eu repetiria o que Sêneca disse a Galion, na “Bem-aventurada Vida”, que resumiríamos assim: “Não siga o jovem aqueles que não ligam para nada, blasonam do próprio caráter leviano e irresponsável. Todo o tempo que vivermos vagando debaixo das cargas sugestivas destes tipos, seguindo-os e ajuntando-se a outros, debaixo de inspirações menos nobres, estamos sujeitos a praticar tantos erros na existência, que possivelmente a vida toda será pouca para que nos arrependamos.”

E é conselho valioso que tem mais de dois mil anos! Raramente, o moço exemplar, aplicado, honesto e fiel aos seus elevados ideais, insiste para que os colegas, o sigam. Preocupado em crescer e trabalhar, ou estudar duro, para tanto, não tem horários vazios, para bancar madrinha de tropa. Cumpre o seu dever e não se imiscui na vida dos outros. Mas, já os bagunceiros, contestadores e desafiadores, geralmente complexados, têm a necessidade de dar demonstrações de força e prestígio. Insistem muito, e geralmente convencem os demais.

Quando garoto ainda, havia na cidadezinha em que me criei, um jovem deste tipo que se fazia sempre seguir por um bando. Às tantas saía na calada da noite, ele na frente e os outros atrás, armados de estilingues para a excitante aventura de quebrar todas as lâmpadas elétricas. Na noite seguinte, programava acostrar animais nos pastos, judiando tanto destes que os mesmos se atiravam pelas barrocas e de cima de pontes, rebentando-se todo.

Já tendo alcançado a adolescência, conheci um rapa- zelho, em minha terra natal, que exercia estranha liderança sobre os jovens. Com extraordinário poder, arrastava os comparsas para bordéis, levava-os a curras e até lhes dava aula prática de gícolô. Nesse tempo, eu vivia inteiramente voltado para os livros. Não me lembro de um jovem sequer, embora convivesse com eles, organizássemos serestas, que tivesse sido atraído por mim a exercícios literários ou para o lado sério da vida. O homem é mais facilmente contagiado pelo seu lado fraco. Daí que os nobres de alma tenham de trabalhar duro o solo para nele vicejar a virtude e a sabedoria.

Sêneca, na obra citada, fornece aos jovens, diretrizes para que não fiquem no meio do caminho e se vejam decaídos e lastimados. Diz aquele notável filósofo, que foi preceptor de Nero: “O jovem deve se conscientizar ou deixar bem claro, na sua mente, o alvo que deseja atingir. E para fazê-lo, deve estudar o caminho a ser trilhado. E manter firmeza de propósito. Quando estamos seguindo uma estrada de terra, objetivando alcançar uma cidade, podemos nos dar ao capricho de sair da via larga convencional e seguir por um trilho, caso verifiquemos que esse trilho encurta a distância e se encontra bem batido. No entanto, quando se trata da nossa vida moral, se ansiamos para alcançar a felicidade, quase sempre o caminho mais cômodo é o que engana mais. Não deve o jovem fazer como as ovelhas que seguem as que vão adiante, sem cogitar de que caminham inconscientes para a tosquia ou para o matadouro. Nada nos leva a maiores males do que nos deixarmos guiar a opinião, tomando por bom aquilo que é aprovado e seguido por muitos. Seguir a maioria não significa escolher o melhor.”

De fato, a sabedoria antiga é sempre sabedoria, ontem como hoje. A mim, me tem acontecido de receber pais aflitos, em minha atividade espírita, aos quais se encontram derruídos, pelo fato de o filho ter sido preso pela Polícia e levado ao xilindró por prática de atos reprováveis. No fundo, vão verificar que se trata de más companhias e de modismo: “Todo mundo puxa fumo, vamos puxar também.” Assim, com a jovem que, logo, fica mal falada e desacreditada, em virtude de ter a cabeça feita pelas amiguinhas que lhe sugerem insistentemente: “Todo mundo hoje pratica o amor livre, vamos, também, praticá-lo.”

Por tudo isto, este eminente filósofo da antigüidade, Sêneca, insiste num ponto em que raramente insistimos: “Não nos apartemos nunca da razão, pois Deus nos deu cabeça para pensar e não para que nos sentemos em cima dela”

TEMA PARA REFLEXÕES: O caminho e os descaminhos.

As más companhias - O modismo - Lideranças inconvenientes.

PORVENTURA É NECESSÁRIO QUE, ALÉM DOS CONHECIMENTOS DO CURRÍCULO ESCOLAR E PROFISSIONAL, INOCULEMOS NO JOVEM UMA PROPÍCIA E ELEVADA FILOSOFIA DE VIDA?

- Sem dúvida alguma, apenas o conhecimento das ciências, das artes e Lecnologia não são suficientes para fazer um homem de verdade. Na antigüidade, os alunos eram discípulos do professor, a quem chamavam por mestre e lhe tinham elevada consideração. Assim Platão foi discípulo de Sócrates. Mesmo os reis entregavam os seus filhos para que os preceptores, não só lhes ensinassem as letras, como aprendessem a viver. Com o crescimento demográfico, cada vez mais, foram alterando os métodos de educação e, dada a quantidade de alunos, surgiu a necessidade de reuni-los em grandes classes escolares. Também, para facilitar o ensino em massa, estabeleceram-se programas para aprendizagem mais rápida, a fim de que se formassem em série. Atualmente, substituíram o exame pelo método de computação, *sim* ou *não*, nos chamados testes! Por outro lado, eliminaram dos programas todas as matérias referentes à educação, principal mente, no tocante ao caráter do aluno. Como os pais, na vida moderna, passaram a viver mais fora do lar que dentro dele e as antigas religiões perderam a eficácia, eis que o homem, na sua mais importante fase, que é de assimilação, apropriou-se de tudo, menos de educação.

Daí o paradoxo deste fim de século, cheio de ciência e manifestações extraordinárias da inteligência, mas, nos mostrando quadros deploráveis, em que junto a uma juventude brilhante, corre outra verdadeiramente perturbada e em descaminhos.

QUE CONTRIBUIÇÃO O ESPIRITISMO TEM PARA ESCURECER OS PEDAGOGOS?

- A de que, ao contrário do que se afirma, os homens não são todos iguais. Cada homem se constitui em uma auto-realização através de inúmeras vidas sucessivas. O Espírito que anima cada um de nós pode ser velho, de meia idade ou novo, isto é, ter já muitas virtudes asseguradas, estar a meio do caminho ou permanecer ainda no limiar da Escola Cósmica Sendo, pois, por natureza, mais adiantados, atrasados, comportados, levados, responsáveis ou irresponsáveis, eis que importava se descobrissem métodos de ensino diversificados, em forma adequada, no ensino normal e moral.

25 - A LUZ POR DUROS CAMINHOS

São muitas as criaturas, que profundamente traumatizadas pela perda dos seus entes queridos, nos buscam desesperados. Trazem o coração despedaçado. Isis, a grande deusa, andava pelo Egito atrás dos pedaços do seu filho Osiris, assim como o coração de Maria deveria gotejar

sangue, seguindo os passos de Jesus.

A morte, por contra-senso, leva o homem a conjecturar acerca da vida. Passa a cogitar do que nunca o preocupou antes, imerso nas águas da fantasia e da ilusão. Indaga, então, se aquele seu filho, um rapagão simpático, inteligente e afetuoso, será carne putrefata na voragem da morte, em apenas um instante fatídico. Ainda ontem um casal comparecia em nossa casa, que é minha residência, e também dos espíritos consoladores. Por todos os cômodos predisusemos lenços mediúnicos para enxugar as lágrimas dos que sofrem, sem que ciência, filosofia, escola, políticos, e mesmo religiosos possam dar-lhes a Esperança do Reencontro e a certeza da imortalidade. A mãe na calçada, o filho de seis anos brincando atrás do veículo de sua propriedade; o pai dá marcha- ré na enorme jamanta e passa por cima do garoto. Estoura-lhe o corpo e as vísceras se despedaçam. Haveria palavras de simples consolação para um caso tão trágico e cruel? A gente não tem palavras, mas os espíritos consoladores, da grande legião dirigida pelo mais amante dos amantes, Jesus, têm a palavra sedativa própria Sabemos, só depois, que é outra ótica daqueles, agora redivivos que saem da cabina E mais do que consolação, esclarecimento. Abre-se-lhes o re- posteiro. O enigma se esclarece. É necessário fortaleza. E o próprio amargor se transforma em gotas de sabedoria e compreensão.

Não só os humildes e simples buscam a verdade; também, os grandes nomes do saber. Cesare Lombroso, grande nome da ciência se referia com desdém aos que diziam acreditar na sobrevivência da alma e sua comunicabili- dade com os vivos. Um dia, porém, assistindo uma sessão de materialização, na Itália eis que a sua mãe se materializa e lhe fala com o seu maneirismo inconfundível e no seu dialeto. Isto abriu uma enorme fenda na couraça de Cesare Lombroso, que se encontrava encerrado na masmorra do corpo sólido, apalpável, carnal, e ele passou a enxergar outras dimensões do Infinito, onde moram as almas dos nossos irmãos que transpuseram o vale da morte.

O mesmo sycedeu a Oliver Lodge, corifeu da ciência da Inglaterra, que havia perdido o seu filho Raymond, na batalha de Flandres, na primeira guerra mundial. Acostumado a pesquisar, Oliver Lodge fez um soberbo trabalho, de que dá conta na obra à qual deu o nome do próprio filho "Raymond". E, mais tarde, perante a humanidade toda, até mesmo os seus pares na Academia de Ciência, deu o seu testemunho da sobrevivência da alma, numa obra condensada que traz o título sugestivo; "Porque creio na Imortalidade".

Mesmo quando alguém pertença a Credo fechado que ensina a ressurreição do corpo no "Dia do Juízo Final", a perda de um ente querido, leva-o a perquirir sem mais constrangimento ou medo. Assim aconteceu com James A. Pike, Bispo da Igreja Episcopal que, de tanto procurar e sondar, reencontrou o seu filho, exclamando para toda gente: "Comuni- quei-me com meu falecido filho James, por intermédio de um médium, numa sessão de Espiritismo realizada em Toronto, sessão essa que foi gravada para a Televisão do Canadá."

Amanhã é outro dia. Amanhecerá nossa alma e debaixo de outra luz, abraçaremos de novo nossos entes queridos. E agradeceremos todo o sofrimento que nos elevou à compreensão, à aceitação e à integração em comunidades espirituais, onde já não exigem tais provas.

TEMA PARA REFLEXÕES: A consolação - todas as religiões cristãs a têm - O Espiritismo tem, a mais, os fatos. A provação esclarecida. EM QUE O ESPIRITISMO SE DISTINGUE DE TODAS AS OUTRAS RELIGIÕES CRISTÃS, NO TOCANTE A CONSOLAÇÃO?

- Embora o Espiritismo possua uma linguagem carregada de amor, a sua força consoladora, em muitos casos, provem do fato e o fato é a mola mestra da Doutrina codificada por Kardec. Quando, pois, a pessoa sente-se profunda- mente abatida pela perda de entes queridos, principalmente os pais pela perda de filhos, eis que arrazoados metafísicos, o argumento de imortalidade que sé será constatada no dia do Juízo Final, em nada refrigera o coração do sofredor. É uma promessa que se torna tênue, como aquela da Volta de Jesus, em novo advento, que tinha força extraordinária no começo do cristianismo. Bem diferente é, rio entanto, se a pessoa chega a ouvir ou ier uma mensagem do ente amado, recebida através de médiuns de absoluta confiança, como por exemplo Chico Xavier ou Divaldo Franco. Adicione-se a isto as lições e evidências da sobrevivência da alma, em outros planos, a lei de ação e reação, que esclarecem os problemas do destino humano, eis que aquele pesado ônus da dúvida, no tocante à Justiça Divina, se resolve à luz da razão.

Entretanto, além dessa consolação religiosa, digamos assim, por não possuímos outra palavra mais adequada, temos de considerar a consolação em seu sentido comum: o de lenitivo à aflição. A simples consolação não cura o mal de ninguém; funciona como sedativo, mas, quando a pessoa sente dor lancinante, bem que se lhe torna bendito o analgésico ou mesmo um calomelano. Assim todos nós devemos ter pronta a palavra consoladora para o que sofre. Às vezes, mais do que a palavra própria que, de pronto, não encontramos, vale o gesto ou até mesmo o silêncio compungido que indica solidariedade.

Não devemos pensar que só o doente ou o atingido pela separação, através da morte, são os necessitados de consolação. Há os portadores de paixões amorosas, que os levam a gestos tresloucados; os que se encontram trancafiados numa cadeia, os perseguidos pela Justiça, os caçados pelo chantagista, os desprezados pela família, os desempregados, os despejados, os arruinados financeiramente, os violentados por agressores, os torturados e os traídos. O sofrimento campeia por toda parte, e chega a ser universal. Sejamos dignos de ser seguidores do Divino Mestre Consolador, estendamos a mão e transmitamos a palavra carregada de eflúvios refrigerantes e de imagens mentais que possuam dons miraculosos de transportar o aflito ou desanimado, de um painel de sombra para outro de sol.

26 - POR QUE JESUS NAO NOS FALOU EM ARTE?

Quando jovem, eu me atrapalhava mentalmente no tocante ao Evangelho, por não encontrar nas palavras de Jesus a mínima alusão á arte. De um lado eu me ligava a Jesus por profundo elo de amor, que condizia com um outro lado da minha natureza: a de servir, com todo empenho, os meus semelhantes, ^u morava em Guarulhos, nas adjacências de São Paulo, para onde vinham rolando ondas de gente pobre, atacada por doenças insidiosas, sem mesmo um lugar para se recolher, que diremos receber tratamento. Mormente a tuberculose os matava cruelmente, numa época em que não existia específico, tampouco hospitais. Obtendo a cooperação do médico Paulino Filho, e do fornecimento de remédio pela Prefeitura, fazíamos o máximo possível. Era tão alta a percentagem de morte que, a certa altura, contando com o idealismo e decisão do então Delegado de Polícia, João Ranali e outros companheiros, foi reformada uma casa velha, no centro da cidade, e transformada em estabelecimento original: As pessoas eram recolhidas ali para, ao menos, terem um lugar para morrer. Evidente, que Cristo Amor me caísse em cheio no coração.

Mas, por outro lado, embora tivesse pouca idade, era atraído irresistivelmente para o Belo. Qualquer coisa bela, para mim, equivalia à mais linda prece pronunciada pelos lábios humanos. Para eu crer em Deus não necessitava de sermão, tampouco de silogismos; apenas uma flor, um arrebol, até mesmo a chuva em tarde estivai. Sobretudo a música era, para mim, algo transcendente que fazia o meu coração juvenil palpitar e mentalmente regredir a uma vida longínqua na esteira do tempo, enlevando-me sobremaneira.

Ainda nada sabia de Kardec. Só mais tarde, vim a conhecer uma comunicação dada pelo Espírito de Rossini, em sessão na Sociedade Espírita de Paris, na qual discorre sobre a Música Celeste. O autor de "O Barbeiro de Sevilha" esclarece: "Uma dissertação sobre a música celeste! Quem poderia de tal coisa encarregar-se? Que Espírito sobre-humano poderia fazer vibrar a matéria em uníssono com essa arte sublime? Que cérebro humano, que Espírito encarnado poderia apanhar-lhe os matizes, infinitamente variados? Quem possui a esse ponto o sentimento da harmonia? Não, o homem não está feito para tais condições!^. Mais tarde!_ muito mais tardeL." ("Revista Espírita", Ano XII, 1869)

A música não é onomatopaica quando profunda, e vem lá de dentro dos insondáveis arcanos. Schumann reclamava que não pudesse passar para o papel todas melodias que os seus ouvidos interiores ouviam. Um desperdício de beleza harmônica, logo dissolvida ali, no limiar do sensorio, tornando-se, o belo, nada. Ele então compunha apenas com o eco. Beethoven, certamente ouvia por dentro, pois, era bastante surdo por fora A magistral Nona Sinfonia, a coral, que escreveu inspirado na Ode à Alegria, fê-la, no final, completamente surdo.

No entanto, neste mundinho chamado Terra qual a utilidade da música? Com ela não se constroem estradas, tampouco se erguem arranha- céus ou fazem-se automóveis. A Casa da Moeda não precisa de música para coisa alguma!

Foi graças a Kardec que esse grilo se resolveu em minha cabeça. Segundo "O Livro dos Espíritos", a abundante bibliografia através de médiuns de grande gabarito, as mensagens soltas por toda parte, o colóquio com os nossos irmãos do lado de lá da vida, vim a saber que o céu

não é ponto de reunião exclusiva das criaturas puras e angélicas, mas que a vida continua noutros páramos, em outra dimensão, após a nossa morte e que o nosso patrimônio artístico vai conosco. Aí estão, no “Parnaso de Além-Túmulo”, os poetas presentes com o estilo próprio, as imagens e sortilégios peculiares a cada vate, dando uma prova inequívoca dessa perpetuidade da arte. Através da médium londrina Rosemary Brown, os grandes músicos, que passaram por aqui, compõem e executam as suas composições. Nas páginas da sua obra “Sinfonias Inacabadas”, dizem “presente*”: Beethoven, Schumann, Chopin, Bach, Brahms, Grieg, Berlioz, Rachmaninoff, Debussy, Schubert e outros mais, liderados por Liszt, uma espécie de “public-relations” destes *big*s da arte deste e de outro mundo.

A evolução do Espírito se dá de forma integral. Assim, não só o Amor, mas, também a Arte e a Ciência que, de certo modo, prestam serviços e elevam os homens espiritualmente, são exercícios do Amor com outro nome. Entendi, principalmente através de Emmanuel, transmitido pela psicografia de Chico Xavier, que, naquela época, em que o Divino Mestre se dignou de nos visitar pessoalmente, o homem precisava mais de Amor do que de outra faculdade qualquer. Ou, talvez, possamos dizer que até hoje vivemos assim, fraco de coração, em penúria de afeto, correndo risco de provocar uma hecatombe planetária Jesus tinha razão, e terá sempre, enquanto o homem persistir vivendo egoisticamente, em desamor.

TEMA PARA REFLEXÕES: A arte - o Belo - a Beleza em outros páramos - Jesus veio para o Amor.

TODA CRIATURA BELA É BOA?

— Sabemos que o belo deve estar intrinsecamente na natureza de Deus. Platão dizia ser Ele o Sumo Belo. Existe uma associação mental entre o feio e a maldade, o bom e a beleza, tanto que os seres evoluídos no Amor são vistos pelos videntes como seres radiosos de rara beleza. Os hinduístas pintam os seus Devas, espíritos da mais alta hierarquia, como portadores de singular formosura e esplendor, sendo que a palavra Devas quer dizer *os refulgentes*.

No entanto, no plano físico não existe relação necessária entre o Belo e o Bom, talvez pelo fato de que aquilo que consideramos bonito advém de um estado de sensibilidade, em “rapport” com o objeto, a que estamos condicionados. Isto explica que o índio caiapó, que se desfigura, colocando grossas argolas no beijo, para os seus povos e as suas donzelas, represente um verdadeiro Adônis. Para a raça negra, nas tribus africanas, um branco é o que de mais feio possa existir, e a maioria dos jovens casadoiros, fugiam de Elizabeth Taylor como o diabo à cruz.

Mas, afora isto, em planos espirituais mais elevados, a beleza começa a se libertar da matéria. O Espírito elevado então se manifesta em plenitude. A música deve ter uma expressão mais etérea, empregando esta palavra com sentido de evanescência ou transcendência. A escultura não fica na dependência de que o artista use o cinzel e outras ferramentas de metais, arrancando lascas dos materiais. A pintura, por certo, não se sujeitará ao manuseio de materiais plásticos grosseiros. Só poderão os Espíritos criar diretamente, sem os duros impeços da Terra, desde que sejam evoluídos e estejam mentalmente disciplinados. Se na Terra o artista pudesse criar diretamente, através da ideoplastia, teleplastia e psicocinesia, seria um desastre. Aliás, o artista se matricula na Escola Planetária Terrena para aprender a imaginar e a pensar com pleno autocontrole. Torna-se habilitado a imaginar e fixar a sua imaginação na matéria; em seguida confere o que imaginou com aquilo que esculpiu ou pintou, aprendendo a dosar os seus impulsos. A isto os hermetistas chamam pelo nome de correspondência. E, persistindo, a correspondência entre o pensamento, a ação e o *meio*, produzindo um efeito que pode se sujeitar à lei de causa ou em sincronismo, eis que é quase certo que, em esferas superiores à terrena, tudo que é belo deve ser bom. Na Terra, ao contrário, existem flores que se engalanam para devorar os insetos e mulheres famosas que desgraçam homens e impérios.

Das notícias do Além-Túmulo, descrevendo zonas inferiores, nos mostram criaturas horripilantes, e um Espírito, desvestido da carne, apresenta-se-nos como verdadeiramente é, sem conseguir ocultar a sua deformidade mental. Na Terra, o julgamento sobre o caráter de alguém é difícil, pois, o vestuário da alta costura, a maquilagem, e até mesmo a cirurgia plástica dão a uma dama medíocre, aspecto cheio de encantamento e divindade venusiana.

27 - EM BUSCA DA SERENIDADE

A inquietação é característica dos tempos atuais. A angústia ferreteia hoje os homens mais do que nunca. Na obra “O Mundo que eu vi”, Stefan Zweig estremecia, contemplando as transformações pelas quais o mundo tinha passado. Agora, a civilização lhe parecia gigantesca. Veneza construída sobre um tremedal. As valsas vienenses, retinindo nos pingentes de cristal, tinham se metamorfoseado em cacofonias ou silvos de serpentes. Os bate-papos nos bulevares tinham desaparecido, diante da presença de horrendo duende, chamado Medo. O céu começava a tomar-se fuliginoso de poeira física e de detritos da psicofera. Por esta razão, erudito, mas sem fé, suicidou-se, justamente na aprazível Petrópolis.

Sem dúvida, a enfermidade do fim do século, é de natureza psíquica, e o enfarte, que mais mata os homens, se origina da falta de ritmo nas emoções. A filosofia da angústia adquire importância, e um esquecido Kierkegaard é ressuscitado por Sartre.

Quem souber protestar, consegue um lugar proeminente no teatro de arena. A própria arte expressa desafogo de histerismo incontido. Ingerese mescalina, porque a necessidade de fuga se torna conseqüente. Não possuindo mais asas religiosas para voar, nenhuma *fé verdadeira na sobrevivência da alma*, o homem lança mão de drogas psicotrópicas. Qu então descamba para a superatividade do “business man” norte-americano e fica neurótico. Aquilo que nesta civilização parece vitalidade, dinamismo e tenacidade, esconde a fragilidade do ser. Só fica-se sabendo dessa fragilidade quando Marilyn Monroe ingere um vidro de tranquilizantes e morre, ou quando Elizabeth Taylor se torna vítima do alcoolismo. Muita gente boa caminha assim, inconscientemente, para o suicídio ou psicopatias graves.

O delicado motor psíquico entra em alta rotação, sem que ninguém mais consiga pará-lo. Com os nervos à flor da pele, tudo então nos inquieta, coisas que, anteriormente, não chegavam nem mesmo a roçar o nosso sensorio. E a humanidade é uma termiteira de irritados. Irritado o motorista. Irritado o funcionário. Irritado o capitão de indústria. Irritado o banqueiro e o bancário. O patrão e o operário. O rico e o pobre.

A serenidade é o oposto de tudo isto. Conquistar a serenidade é desamararr-se do suplício da roda, permitindo que ela gire, sem que a nossa alma a acompanhe e se creste. É uma libertação que se conquista com a reeducação mental. Que, sobretudo, nos habituemos a selecionar os influxos que repercutem em nosso aparelho psíquico ultra-sensível.

Não é porventura assim que fazemos com o nosso aparelho de televisão, virando o botão, quando o canal não nos agrada ou está nos fazendo mal?

Que tenhamos, pois, botões seletores para cada momento: O momento do comando, o momento da obediência, o momento da conformação, o da providência, o da festividade, o do trabalho árduo, o do esparecimento, o da esportividade. E, finalmente, um momento todo especial: Aquele em que desligamos todas as estações e penetramos silenciosamente dentro de nós mesmos, descobrindo o nosso Eu Maior, aquele algo transcendente que reside em nós que é o próprio Deus conosco. Assim, vivendo no mundo, elevar-nos-emos acima dele. Que os objetos se queimem, a fumaça se enovele ao nosso redor, estejamos confiantes de que nós não podemos ser queimados, nem envelados, porque a divindade, que reside em nosso interior, é superior a todas as contingências e anseios.

Por isto Jesus, simplesmente, disse aos apóstolos agitados e inseguros: “Não vos inquieteis^.”

TEMA PARA REFLEXÕES: A serenidade - calma - tranquilidade - confiança em Deus.

PODEMOS ALCANÇAR SERENIDADE NESTE MUNDO TÃO TUMULTUOSO E INTRANQUÍLO?

- Não vemos muita vantagem no fato de uma pessoa alcançar a serenidade dentro do seu *ashram*, convento, ermitério, cavernas, lugares ermos, onde não exista vida de relação. Se isto devesse ocorrer, Jesus não andaria pelas ruas de Cafarnaum seguido pela multidão. A casa de Maria, Marta e Lázaro, na Betânia, andava sempre cheia de gente, com muito movimento e alegria Jesus gostava de ali estar. Nela, Marta era

levada aos cuidados e trabalhos; Maria, a cogitações transcendentais, mas, todos naquele ambiente encontravam momentos apreciáveis para troca de impressões.

Isto não impede de um homem extraordinário, um Sidarta Gautama, preparar-se, atingir o samadi ou a iluminação, para depois sair pelo mundo fazendo a sua pregação. Em termos de vida normal, o certo é estarmos juntos, misturando suor, ajudando-nos mutuamente, e até mesmo divergindo, caminhando rumo ao Infinito.

Se devesse ser diferente, não haveria evolução. O homem segregado não assimila o progresso, não realiza a metemorfose, isto é, não absorve as idéias do semelhante para fixar as boas em si mesmo. O próprio fato de que devamos deixar o Mundo dos Espíritos, onde estávamos vivendo em harmonia, com nossos irmãos afins e numa comunidade constituída de criaturas com as mesmas tendências nossas, a fim de reencarnar num Planeta Terra, de incrível heterogeneidade e promiscuidade, indica a intenção de Deus.

Na Terra somos provados. Somos diariamente sacudidos em nossos brios e alvo de verdadeiros petardos que atingem o nosso campo emocional. Somos então obrigados a aprender a ser serenos, calmos e reflexivos.

Existe, no entanto, uma apreciação mais elevada do que seja Serenidade, que tem um sentido um tanto metafísico. Neste caso, serenidade quer dizer um estado de Espírito transcendente em que nos conservamos leves e de paz inexprimível pelas palavras humanas.

28 - ARREPENDER-SE, ATE QUE PONTO?

O arrependimento é tema desenvolvido pelos grandes mestres de espiritualidade. Jesus não só o colocou em parábolas, como deu exemplo da maneira como devemos tratar os arrependidos. O filho pródigo é recebido com festas e Maria de Magdala, arrependida da vida luxuriante, torna-se figura destacada na história do Cristianismo. Quando ressurge da campa, é a esta arrependida que o Divino Mestre se revela, fato que se constitui na revelação mais importante do Novo Testamento: O da continuidade da vida além da sepultura, a derrota da morte, a possível presença dos chamados mortos junto aos chamados vivos, enfim, o esplêndido fato do "Túmulo Vazio", a que tanto alude Emmanuel.

Nunca, em momento algum, vimos Jesus rejeitar uma lágrima de arrependimento. Abaixa-se humildemente para recolhê-la dos olhos da mulher adúltera "Vai e não peques mais". O próprio batismo era um ato formal e público de arrependimento.

Se alguém, pois, errou e repudiou o caminho do erro, ele deve ser perdoado, abrindo-se-lhe uma porta para o refazimento. Se, no entanto, uma pessoa apenas finge integrar a equipe dos Emissários da Luz, mas não faz o efetivamente, fica parado à margem da estrada, sem demonstrar o mínimo pesar, para nada lhe serve a nossa condescendência.

Entre os que erram, há aqueles cuja obtusidade os impede de arrepender-se. Estes não gravam na consciência as suas faltas. Alguns são obstinados no erro, opacos e impenetráveis à luz, por se julgarem mais inteligentes e capazes do que os humildes. A própria descrença na existência de uma Lei Superior de Justiça lhes advém dessa prepotência e arrogância. Uma senhora, tendo participado das tertúlias espíritas, em minha residência, ficou tão entusiasmada que um dia trouxe o marido, grande engenheiro especializado em Informática. Depois dos trabalhos, vi-o com semblante desprazeroso e perguntei-lhe que havia achado das luzes kardequianas, ao que me respondeu: "É o que digo para minha esposa, isto tudo, nesta como noutras religiões, se constitui em muletas, que colocam nas criaturas frágeis para que possam andar. Mas, eu, por exemplo, não necessito de muletas, logo, vivo muito bem sem religião." - Até quando?" - redargui. Um dia chega para baixar-nos a cerviz.

Em sentido contrário, vamos encontrar vida afora, criaturas que transformam, no laboratório mental, pequenas falhas cometidas em verdadeiros pesadelos. Não se conformam com a queda, mesmo que seja um simples tropeção. Erguem diante de si mesmas um verdadeiro muro de lamentação. O remorso exagerado lhes transforma a existência num verdadeiro inferno. Encontramos muitos quadros, assim, na vida dos santos que escolhem o caminho do ascetismo. Em certos conventos, os cilícios eram abundantes e umas irmãs azoragavam outras.

Uma jovem se me apresentou para uma avaliação espiritual. Estava profundamente combatida, olhos apagados, compleição linfática, cheia de enfermidades psicossomáticas. Não se tratava de obsessão como pensavam, mas, de monoidismo, idéia fixa, que lhe causava uma auto-vampirização. Havia anos cometera uma falta grave, e nunca mais viu o sol inundá-la de luz. Toda alegria se lhe tomou estranha.

Daí que Emmanuel nos advirta: "Há que prevenirmo-nos não só contra o fingimento que nos impele a exhibir superioridade imaginária, como também, contra aquele outro que nos induz a parecer piores do que somos. Efetivamente é muito difícil assinalar qual deles é o mais ruinoso aos interesses do Espírito, porque, se o primeiro coagula a vaidade, favorecendo o desequilíbrio e obsessão, o segundo se define por sorrateiro agente de fuga, retardando o serviço a fazer."

Certo. Ninguém deve parar e olhar para trás, como a mulher de Ló que, por isto, se converteu em estátua de sal.

TEMA PARA REFLEXÕES: Arrependimento - Tribunal de Consciência - A reforma interior. - Tecla batida nas páginas bíblicas.

EM QUE SENTIDO O ARREPENDIMENTO É ÚTIL À EVOLUÇÃO DA ALMA?

- O arrependimento é um voltar-se sobre si mesmo e o conscientizar-se de que errou, gerando um estado de compunção, reprovação e dor. Parece que dentro de cada um de nós existe um Tribunal que nos julga, implacável e automaticamente. Sem esse Tribunal de Consciência, seríamos como bichos. Somos acusados, julgados e, ao mesmo tempo, penalizados, sem que haja juizes togados, promotores e soldados. Esse estranho Fórum da Justiça, dentro de nós, parece-nos uma fogueira cujas línguas de fogo nos lambessem a carne, dia e noite. Possui, portanto, caráter depurador. No entanto, o seu grau de ardume varia em relação à gravidade do nosso erro e à sensibilidade do nosso coração. Há faltas que nos levam ao arrependimento, mas não chegam a provocar remorsos. Apenas lastimamos ter agido incorretamente. Outras levam a criatura a remorsos tão lancinantes que a enlouquecem.

Todavia, esse Tribunal de Consciência não funciona de modo igual para todos. Há pessoas que, mesmo cometendo toda sorte de vilanias, não se arrependem. Conhecemos muitos criminosos na cadeia, que praticaram crimes revoltantes, sem qualquer arrependimento; e quando saem, em livramento condicional, logo na primeira esquina reincidem, voltando à agressão. O melhor lugar para se analisar tais pessoas é a penitenciária ou o Palácio da Justiça. Todavia, mesmo a nível social, e até familiar, notamos que a consciência não funciona de modo uniforme em todas as pessoas. Aliás, tudo que pertence à faixa espiritual é refratário a qualquer codificação, donde terem sido ridículas as confissões auriculares, nas quais o padre confessor dava ao fiel uma série de penitências para cumprir. Ocorre que, à luz do Espiritismo, cada ser humano possui um grau de desenvolvimento espiritual, segundo o caminho percorrido em inúmeras vidas pregressas. Uns nem mesmo atingiram o grau de infantilidade; outros são crianças inconscientes, que só conhecem a dor e o prazer; outros, já em degrau mais elevado, entendem o que é certo e o que é errado, mas confusamente, assim, por diante. Dessa forma, aquele estado de contrição pela prática do mal, depende do grau evolutivo do ser. A Justiça Divina é perfeita, mas a Justiça Humana, imperfeita, aplica pena igual para seres desiguais, usando um absurdo código inflexível.

O que constatamos, ao menos em nosso trabalho de ouvir e aconselhar, é que nenhum doente da alma se cura sem que esteja arrependido dos seus descaminhos e abusos contra si mesmo. Isto se dá com aquele que se queixa de que a esposa não mais o aceita, os bancos não lhe abrem mais as portas, certas enfermidades não o deixam, ou então, não consegue deixar a bebida e os tóxicos. Sem arrependimento sincero, é difícil haja milagre. Assim, embora, nos pareça que as pessoas mais delicadas e espiritualizadas sofrem mais, elas se curam mais depressa, enquanto o empedernido não se curará nunca.

Dizem que o arrependimento tarda mas não falha; e isto é uma verdade, pelo fato que sendo todos nós, filhos de Deus, somos atraídos, mesmo inconscientemente, para Ele, para o lado positivo, para o crescimento. No momento em que começamos a crescer, permitindo brilhar a luz cristica em nós, mesmo que bruxuleante, aprendemos a nos examinar. E verificaremos que estamos vestidos de andrajos!

29-0 PAPEL UTIL DOS MAUS

Que fazem os maus nesta existência? Eles lixam os semelhantes tomando-os brilhantes. No dizer de um simples professor de piano, Leschetizky, citado por Norman Peale: “Aprendemos muito mais com as coisas desagradáveis que as pessoas dizem, porque nos fazem pensar, ao passo que as coisas boas, apenas fazem ficar contente.”

Evidente que não poderíamos ser atezados a vida inteira e que tenhamos necessidade de boas palavras, até mesmo mentirosas a nosso respeito, para que, à maneira da plantinha acalentada pelo sol, sintamos estímulo de crescimento. No entanto, como preleciona Toynbee, a civilização tem avançado em virtude do desafio. Enquanto houver desafio, haverá progresso. Quando não houver mais pico a escalar, o alpinismo se tornará monótono. Se, pois, a nossa psique se relaxa inteiramente e nos julgamos plenamente bons e inteligentes, acomodamo-nos. Um profissional torna-se vencido desde o momento em que se julgue acima de qualquer crítica e que pense saber tudo. Assim, também, no campo da realização espiritual. Talvez o homem mais criticado da sua época tenha sido Jesus. Chamavam-no o feiticeiro, o baixo, o chefe dos belzebus, o ímpio, o herege, o subversivo e até o bêbado ou admirador de mulheres fáceis.

O motivo, pois, de não sermos na Terra todos anjos é que realmente não somos anjos. Somos seres perfectíveis, mas não perfeitos. Existimos, partindo da estaca zero, e temos de aprender muito no campo moral, estético e intelectual. Se somos assim imperfeitos, o erro vem com a gente e está dentro da nossa própria psico-estrutura. Se Deus nos colocasse num planeta homogêneo, onde todas as almas fossem iguaizinhas, nas virtudes e nos vícios, poderia haver progresso, mas seria lento. A cocção se faz mais rápida, na medida em que o fogo é mais forte, se bem que as chamas poderão, ao invés de cozinhar, queimar a comida. Mas é este nosso risco na sociedade humana e este o nosso mérito. Os ensinamentos que nos trazem os Espíritos é de que ao morrer, experimentamos geralmente no Além algum tempo de vida em ambiente homogêneo, de almas semelhantes à nossa, mas que, de novo, nos vemos na contingência de viver com e amar dessemelhantes, voltando à Terra pelas vias da reencarnação.

TEMA PARA REFLEXÕES: O mal e o bem - O sentido dialético na evolução do ser.

COMO PODEREMOS REFLETIR NO TOCANTE AO MAL, CUJA EXISTÊNCIA CHEGA A NOS PERTURBAR O CONCEITO QUE TEMOS DE DEUS-AMOR?

- O conceito que temos de Deus é quase nada diante da suprema realidade da sua natureza. Emprestamos a Ele muitas qualidades e defeitos que são nossos, e efetivamente não poderíamos falar d'Ele e entendê-lo senão dentro da nossa miopia. Quem se dê ao trabalho de estudar a linguagem dos povos primitivos, verá que atribuem a Deus qualidades de valentia, usando a mesma que serve para designar um chacal. A Jeová se atribuíam determinações próprias de um deus zeloso e cruel, como se lê no Deuteronômio.

No entanto, existe uma palavra que pode ser expressa até pela matemática, e ela se chama “Amor”. Amor é soma. Amor é atração. Amor é princípio unitivo. Facilmente veremos que a palavra Uno é uma das que usam para significar o Todo, que constitui o Cosmos. Essa força poderosa que une todas as pecinhas do Cosmos, desde o átomo ao portentoso Antares, às imensas galáxias, as células entre si, bilhões dentro dos seres, um homem a outro homem, aquele instinto procriativo que predomina nas espécies, isto tudo, podemos considerar Amor do Pai. Evidente que esse Amor vai se apresentando com aspectos diferentes conforme o nível da existência seja mineral, vegetal, animal ou hominal. Quando, então, passamos a conhecer o Amor, na dimensão seguinte a esta, no Mundo dos Espíritos, o Amor Divino incide mais diretamente sobre nós, desvestidos da roupagem carnal, equipamento pesado que na Terra nos envolve, à maneira do que faz o escafandro ao mergulhador. Como se fôssemos limalhas soltas, os espíritos mais desligados da Terra, desconicionados, como diríamos, são atraídos para diferentes centros polarizadores superiores. Tais centros deixam de ser magnéticos, como ocorre no universo estelar, para se tornarem de magnitude espiritual. Assim, Cristo atrai e coordena a população espiritual, como entidades outras, de Espíritos Co-Criadores, numas expressões angélicas, se integrando no propósito de Deus-Pai, no sentido da harmonia e do bem. No entanto, em sentido contrário, constituem-se coletividades que fomentam a desordem e o mal. Formam reinos satânicos. Perturbam a Ordem Divina.

Sempre que semearmos a cizânia, advogarmos a maldade, a crueldade, o desamor, seja a que título for, mesmo na Terra, tornamo-nos diminutos satanases. No entanto, a força centrípeta de Deus-Pai acaba por anular todas as resistências. Daí que a Senda do Amor Crístico seja a mais segura e que Allan Kardec tenha nos legado “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, como guia básico à nossa evolução.

COMO ENTENDER OS MALES COTIDIANOS QUE NOS AFLIGEM?

- Em nosso plano terreno, não conhecemos o progresso do espírito em linha vertical. A água do mar evapora-se e sobe, mas sua ascensão já está limitada pela sua própria natureza e chega, no espaço, apenas a certo ponto, de onde despenha-se para a terra. Em caindo, exerce importante ministério de vivificar a planta e todo o estofamento planetário. Assim, também, nós homens morremos, e nosso Espírito se despreza da matéria. Cada Espírito, em virtude da sua própria natureza, como acontece com o vapor, “subirá” também até certa altura no Espaço espiritual, a que dão o nome de plano, esfera, etc. Conforme ainda seja a sua densidade, acabará “descendo” à Terra pela porta da reencarnação e, morrendo, de novo “subirá”, devendo alcançar, no entanto, uma marca já superior à em que esteve. Nesse vai-e-vem, se alambica, utiliza-se, aproxima-se do Ômega, ponto conceptualmente final ou que dele se aproxime. Então não necessita mais voltar à Terra.

Quando estamos “subindo”, consideramos um bem, quando descendo, um mal. No entanto, a nossa falta de discernimento na carne, leva-nos a fazer confusão, entendendo que o êxito econômico, o amor carnal, as aventuras, tudo que nos causa prazer humano, seja uma ascensão, enquanto que a dor, a amargura, o desengano, a falta de sorte seja um mal, quando poderá estar se dando o contrário. De qualquer forma o refrão é verdadeiro: “Não há mal que sempre dure, nem bem que nunca se acabe.” Neste processo dialético de crescimento, Deus-Pai não permite que o homem perca o mínimo sacrifício que tenha feito para alcançar a Luz.

30-0 BILHETE DO MENINO “RICARDO CORAÇÃO DE LEÃO”

Todos os dias, e principalmente aos domingos, depois da missa, o sacristão encontrava no altar-mor uns papéizinhos contendo dizeres assim: “O meu neto Luiz está muito doente; permita, meu Deus, que ele se recupere até o dia das provas, para não perder o ano. Agradeço, Pai Misericordioso”. Às vezes, eram longos e a pessoa pedia: “Cuide do Sebastião da Faustina. Deu prá beber, Senhor. Ele é muito bom. O João da Venda anda desesperado por não poder pagar as suas dívidas. Não deixe que ele perca o seu negócio. Sempre vendeu fiado aos pobres, por esta razão ficou assim.” Depois vinha ainda uma relação de pessoas a serem amparadas.

O sacristão pegava os bilhetes e mostrava para o padre. Este pediu que vigiasse bem para descobrir o autor de tais inusitadas solicitações. Por fim, descobriu: Era uma velhinha muito simpática de cujo semblante se irradiava muita bondade. Era simples e desataviada. O reverendo mandou chamá-la na sacristia e lhe fez severa reprimenda: “Isto que você está fazendo é manifestação de deplorável credulidade. Ademais, não fica bem chegar a Deus como quem chega ao patrão, pedindo favores.”

A velhinha humildemente respondeu: “Porventura, não está escrito que devemos entregar os nossos problemas a Deus? Então, eu faço isto. E não calcula como tenho sido atendida.”

O padre se comoveu. Era também honesto e pensou consigo próprio: “Afinal, que sabemos nós da maneira como Deus atende os homens? Não serei eu aquele que estabelecerá o limite até onde chega a misericórdia divina?” E permitiu que a velhinha continuasse, desta forma, entregando a Deus os seus problemas.

Em minha casa, também, encontro muitos papéizinhos assim, depois das reuniões espirituais. Não tenho o hábito, nem tempo, para passar os olhos nos mesmos. Um dia destes, no entanto, encontrei um, para o qual a minha atenção foi chamada, talvez devido à caligrafia bem primária. Era de um garotinho de sete anos, chamado Ricardo Muniz, muito ligado a mim, e a quem chamo, brincando, pelo nome pomposo de

“Ricardo Coração de Leão”. Ele escreveu no bilhete algo tão diferente dos outros, que me comoveu: “Pai, sabe o que eu quero é a vida. Obrigado pela vida. Muito obrigado. Muito obrigado.”

* **TEMA PARA REFLEXÕES:** Ação de Graças - Reconhecimento - Gratidão e Ingratidão.
O HOMEM DEVE RENDER GRAÇAS A DEUS?

- Sim, tanto quanto ser reconhecido aos pais pelo que tiveram paciência de animá-lo, alimentá-lo, ensiná-lo a falar, conduzi-lo à escola, suportá-lo em seus arduos juvenis e tratá-lo nas enfermidades.

Deus nos ofereceu esta gigantesca tenda luminosa cheia de coisas tão belas, a terra miraculosa e tão humilde que, silenciosamente, faz nascer o trigo, acolhe no regaço o lume do petróleo, a energia do urânio e o brilho das pedras preciosas. Sem ruído algum, Deus, através da natureza, bombeia a água dos mares e dos rios para o alto e, por lei de gravidade, fá-la cair e, para que não destrua, usa o crivo fino como de um regador. Deu-nos a luz e o calor, sem nos pedir por empréstimo uma pilha sequer ou uma acha de lenha. Fá-lo utilizando o sol que realiza o maior milagre da vida, sem qualquer ostentação, a fotossíntese, fabricando substâncias orgânicas indispensáveis à vida material. Sem qualquer rasgo de ufania, dessa maneira tão simples, alimenta as plantas com drágeas de sol e os animais, comendo as ervas, transportam para si as mesmas drágeas! Dotou-nos de inteligência, utilizando um mínimo de elementos, na fabricação de nossa massa cinzenta, prodigiosa sede também da memória, sem fazer alarde de sua Informática! Podemos fazer cálculos, inventar, induzir, deduzir e, sobretudo, algo que é maravilhoso, propiciou-nos a intuição, a imaginação e o sonhar. Por fim, deu-nos o coração que as máquinas não têm. Com ele podemos amar.

Sinceramente, digam-nos se não é para vivermos sempre em Ação de Graças!

Você agradece a vida que Deus lhe deu? Garanto que não. Nem eu. E muita gente boa não o faz. Pois bem, “Ricardo Coração de Leão” o faz.

Geralmente, as pessoas pedem graças e proteção para si ou forças para superar os seus problemas. Mas, casualmente, certo dia encontrei, de uma jovem chamada Cynthia, um bilhete também comovente: “Peço-lhe, Jesus, muita paz e saúde a todos que me cercam, e peço que dê aos pobres e doentes alimento, abrigo e agasalho. Acabe, Senhor, com as guerras e com os crimes; dê amor a este mundo. Desde já lhe agradeço, pois sei que me atenderá. Ilumine os meus passos, faça com que o meu caminho esteja certo. Guie-me, Senhor. Obrigada.”

Não sei quem é Cynthia, mas tenho certeza de que Jesus, lendo o seu bilhete, abriu-se em amplo sorriso.

31-0 TIME DO MIOLINHO

Conta-nos Carlos Imbassahy que um dia se encontrou com o seu amigo Vaz de Carvalho o qual começou a discorrer entusiasmado sobre um quadro do Cristo sem barbas, quadro esse que pretendia expor num *vernissage*. Neste ponto da conversa, Imbassahy obtemperou:

- Você está doido?

- Doido por quê? Afinal, quem sabe lá se Cristo teve ou não barba?

- O caso - aduziu Imbassahy com ponderação - é que logo se formarão partidos e haverá luta acirrada: O partido do Cristo com barba e o do Cristo sem barba. Velhos amigos se separarão por causa da barba do Cristo. Muitos pais não quererão ver os seus filhos considerados heréticos e aliciarão elementos, uns da ala conservadora barbuda e outros da ala avançada sem barba. E, por fim, em virtude da barba do Cristo, ninguém mais prestará atenção nas palavras e nos ensinamentos do Divino Mestre.

Na humanidade, em quase todas as uniões, sociedades piadas, benemerentes, esportivas, ligas, clubes de serviços, ou empresariais, tem aparecido menos do que uma grande barba, mas, simplesmente, uma barbicha, para provocar inacreditáveis e imprevisíveis dissensões.

Muitas vezes, passei por amarga experiência neste sentido, e isto quando estávamos realizando belíssimo programa assistencial e irmanados por princípios religiosos. Certa ocasião, um grupo de seareiros, inspirado pelo que de mais nobre possa existir entre o Céu e a Terra, edificou um estabelecimento para abrigar ampla frente de trabalho assistencial. Todos os integrantes da equipe comiam o pão que o diabo amassou para conseguir aquilo que, depois de pronto, expressava verdadeiro milagre da fé e do serviço inspirado por Jesus. Tudo montado. Tudo funcionando à contento. Tudo maravilhoso, até o momento em que se formaram dois partidos: um, que fazia questão de que a palavra “espírita” figurasse no nome da obra com letras destacadas; outro, que se opunha, baseado no princípio de que a caridade é do Cristo, e não desta ou daquela religião. Como sempre, surgiram dois cidadãos, A e B, cada um liderando uma ala, dividindo o movimento uno em dois. De certo ponto em diante, já não se sabia perfeitamente bem como começou a discórdia. O fato é que onde se semeia a cizânia, uns prestam muita atenção no erro dos outros. E como em quaisquer organizações, se dão sempre erros e acertos, haverá sempre com o que se preocupar e alimentar o desentendimento. Não foi assim que a Guerra de Tróia se tornou interminável, em virtude da vaidade dos deuses do Olimpo?

Certa ocasião, consegui para a minha terra natal, Cotia, uma dúzia ou mais de instrumentos de sopro, sax, bom-bardino, trombone, etc., atendendo a apelo do Prefeito Municipal. Como acontece em cidades pequenas, fui recebido, na inauguração, com a própria banda tocando nos ditos instrumentos. Rojões, discursos, harmonia e beleza! No entanto, à maneira de um fungo venenoso, brotou da terra uma questão: “A quem pertenciam aqueles instrumentos doados?” A Prefeitura achava que era dela; uma ala da banda entendia que lhe pertencia, enquanto outra se negava a tocar já que, a seu ver, cada instrumentista era proprietário do seu instrumento e devia levá-lo para casa. A política entrou no meio. Tanta foi a celeuma que várias comissões se dirigiram até mesmo à Câmara dos Deputados Federais em busca de solução.

Numa outra modelar sociedade de serviço, o Rotary Clube de Ribeirão Preto, ao qual eu pertencia, deu-se, também, e de repente, uma desinteligência que se iniciou num miolo de pão. Um dos mais destacados membros do Rotary viajou para os Estados Unidos e trouxe uma novidade: “O Rotary Clube estadunidense não era assim solene e sisudo como o do Brasil. Os rotarianos, depois do ágape, brincavam, arrelivavam e jogavam miolinho de pão uns nos outros!” E ele mesmo, como Secretário do Clube, iniciou na primeira reunião do almoço semanal, a brincadeira. Mas, o primeiro miolo de pão atingiu quem não devia, um companheiro abespinhável. Iniciou-se, então, a guerra da “Turma do Miolinho”, avançada, e a ortodoxa “Turma da Compostura”. Conflito declarado. O Rotary Clube só não se acabou, em virtude da atuação feliz e pronta do Rotary Clube de Campinas, padrinho daquela entidade.

Que estejamos, pois, prevenidos contra tais tipos de envolvimento, sem nunca nos esquecermos de que este ou aquele detalhe, numa obra, pouco valor tem no conjunto, a não ser que a mesma seja tão insignificante que um pingote de água entorne o líquido fora do recipiente. Importa aprendamos a ter grandeza, como Deus que não destrói o mundo por causa das nossas quizilas.

DE QUE MANEIRA EVITAR QUE NOS INFLAMEMOS NAS DISCUSSÕES?

- Seguir aquilo que o Espírito de Dona Maria João de Deus, vendo o seu filho Chico Xavier passar por longas irritações sem conseguir explicar e nem ser compreendido, disse-lhe: “Meu filho, para curar essas inquietações você deve usar a água da Paz.”

Debalde o médium procurou nas farmácias a água da Paz que lhe fora receitada. Dando conta à sua progenitora do seu fracasso, esta sorrindo esclareceu: “A água da Paz pode ser água do pote. Quando alguém lhe trouxer provocações, beba um pouco de água pura e conserve-a na boca. Não a lance fora, nem a engula. Enquanto perdurar a tentação de responder, guarde a água da paz banhando a sua língua”⁴

TEMA PARA REFLEXÕES: A desinteligência - Conflitos - A emoção no lugar da razão — Kafred: o bom senso encarnado.
COMO CONSIDERAR A DESINTELIGÊNCIA?

- Certo que a palavra desinteligência já significa ausência de inteligência. Como se entender que, no meio de pessoas altamente desenvolvidas intelectual e moralmente, se dêem conflitos, alguns tão exacerbados que conduzem os litigantes à forra física? Não é difícil de compreender, porque, em certo momento, o homem deixa de usar o raciocínio, a razão, ponderação, análise fria do acontecimento, tomando-se um boneco de energia emotiva que o envolve inteiramente, como o cavalo que toma a rédea pelo bridão e se atira ao abismo. A razão pouco tem a ver com a emoção. O homem, apaixonado por uma mulher, assassina-a brutalmente num gesto tresloucado de “amor”. São, por esta razão, os inflamados

⁴O “Lindos Casos de Chico Xavier”, Ramiro Gama, LAKE, 15^ª ed., 1987, pg. 55.

aqueles que mais convulsionam os meios. Pedro, o Eremita devia ser um grande tribuno, pois, andava de cidade em cidade, na Europa, a mando da Igreja, convocando reis, príncipes, o povo em geral, para assaltarem Jerusalém e tomarem-na dos muçulmanos, aventura verdadeiramente quixotesca, tendo quase todos os participantes da I Cruzada sido inteiramente dizimados. O mesmo podemos dizer de Hitler, levando um povo intelectualizado à prática do genocídio e crueldades inauditas. A palavra com carga emocional eletriza a massa, e pode levar mulheres pacatas, como na Revolução Francesa, a uma audácia e ardor sangüinolento incrível, pois dançavam com as cabeças decepadas pela guilhotina espetadas na ponta de um varapau.

Por esta razão, os grandes guerreiros nunca foram escolhidos entre a classe do magistério, isto é, dos professores. A própria religião, de modo geral, não evolui, está sempre ultrapassada pela ciência, pelo fato de crescer e se manter, em nível sentimental, exclusivamente, sem interferência do raciocínio. A crença mais generalizada não quer dizer que seja aquela mais próxima da verdade. O fiel jamais indaga das razões de isto ser assim ou assado. Não precisa de lógica para ter fé.

Acreditamos que o primeiro professor e pedagogo que o Alto enviou à Terra, para liderar um movimento espiritual novo, foi Allan Kardec, aluno e assistente do grande Pestalozzi, bem como autor de obras didáticas. Este Mestre lionês insigne não pôe, naquilo que escreve, um pingote de emoção, mas, apela para tudo o que dispõe de raciocínio lógico. Dal tenha recebido do grande astrônomo Flammarion o epíteto de “o bom senso encarnado”.

32 - CONCEITOS FALAZES SOBRE O BOM E O MAU

Lin Yutang conta-nos que um velho vivia com o seu único filho, em um forte abandonado. Certo dia, perdeu o seu cavalo, que lhe constituía arrimo de vida valioso.

Os vizinhos condoídos vieram expressar-lhe o pesar pelo infortúnio. “Como sabeis que é má sorte?” - obtemperou o ancião aos visitantes.

Aconteceu que, poucos dias depois, o cavalo fujão regressou e trouxe na sua companhia uma verdadeira cavallhada. E os vizinhos vieram felicitá-lo por ter surpreendentemente ganho tantos cavalos, quando houvera arriscado a perder unicamente o seu. “Como sabeis que é boa sorte?” - redarguiu o velho, tomando-se frio às efusivas felicitações.

Pois bem, o seu filho, excitado diante de tantos cavalos, desejou experimentar todos, com ansiedade, e fez tantas artes que caiu e quebrou uma perna.

Apareceram novamente os vizinhos, apresentando-lhe os sentimentos por tão desagradável acontecimento. “Como ainda sabeis se se trata de má sorte?” - vociferou o velho.

Eis que, poucos dias depois, estourou a guerra. E, como o seu filho estava com a perna quebrada, não foi convocado, deixando de padecer nas frentes de batalha e de morrer estupidamente.

Não temos necessariamente capacidade para ajuizar se os chamados eventos desagradáveis, que se dão em nossa existência, são efetivamente maus. Um magnata que se tomou meu amigo, em São Paulo, contou-me que o que lhe abrira as portas do êxito, fora terem-lhe negado um emprego público na mocidade, cargo para o qual havia feito concurso difícil, mas, preterido por candidato melhor apadrinhado. Sofreu tanto a injustiça que adquiriu ojeriza ao emprego público, passando a lutar, com ardor, na atividade empresarial, do que lhe adveio a posição invejável que ocupava.

Se, pois, os males não são perfeitamente aquilatáveis, por outro lado, os bens e sucessos aparentemente felizes, nem sempre se constituem em bênçãos para nós. Conheci uma senhora que dizia ter imensa saudade do tempo em que, casada de novo, ela e o marido, trabalhavam juntos em fazer doces e salgadinhos até altas horas da noite, para simplesmente ter com o que pagar as despesas essenciais de um lar. O seu marido tinha um terno só, e era de uma simplicidade admirável. O lar era-lhes um verdadeiro ninho de ternura recíproca. Quanto mais lutavam, mais se ajustavam e se amavam. Elevando-se, ele, no mundo dos negócios e engajando-se em atividades políticas, o lar se lhe tomou apenas um ponto de pouso nas contínuas andanças, do que resultou complicações afetivas fora do lar. O êxito e a fulguração social, que a jovem esposa tanto desejara com grande empenho e que invejara nas outras mulheres, eram, agora, mananciais de dores e lágrimas.

Infelizmente, nossa mente deixa magnetizar-se por um evento qualquer negativo, prendendo-se a pequeninas coisas ou outras que falsamente nos parecem grandes demais, tais como uma nota baixa no boletim do filho, um desleixo do serviçal, uma transação infeliz, um comportamento ingrato de amigo ou sócio, uma falta de consideração em determinada recepção ou festa familiar, serviço imperfeito do profissional contratado, uma crítica injusta ou considerações desairosas de alguém à nossa pessoa.

Temos a mania de arranjar cilfçjos para o nosso suplício permanente, pela incapacidade de neutralizar a nossa própria emoção. E conforme vamos aprimorando essa infernal arte de sofrer, as nossas mágoas aumentam por um fator negativo importante: aquele de entendermos que só nós passamos por isto, os outros, não. No jardim do vizinho não vicejam espinheiros, nem os mosquitos assentam nos seus bolos.

A lição da vida, no entanto, é exatamente apropriada à nossa evolução. Seja qual for o tormento, o importante é ter fé absoluta na interferência daquela poderosa Força Superior que transformou o caos terrestre dos primeiros dias, no atual Planeta Azul, e que segura os astros como se fossem plumas, pois, se é que cremos em Deus, toda criatura rica, pobre, remediada, boa, má, inteligente ou medíocre forçosamente deve entrar como elemento da sua respectiva ponderação matemática, com o componente de valor nesse prodigioso universo do Espírito, que começamos, só agora, a conhecer um pouco melhor, através de Kardec.

TEMA PARA REFLEXÕES: Felicidade - Está dentro ou fora de nós - Competição ou Cooperação?

TEMOS, DE FATO, A MEDIDA EXATA DO QUE NOS SEJA UM EVENTO FELIZ OU INFELIZ?

- A felicidade está dentro do sujeito, tanto que o mesmo evento representa prazer para um e desgosto para outro. Um clássico de futebol, entre Palmeiras e Corinthians, gera, ao terminar, estados diferentes na torcida, morrendo uns de parada cardíaca por alegria e outros por tristeza, segundo o placar.

A vida, muitas vezes, nos sugere ser escrita pelo método das partidas dobradas, nas quais infalivelmente há um título devedor para outro credor. Se numa cidade grassa uma enfermidade, as farmácias ficam tão movimentadas quanto uma sorveteria em dia de calor, e os seus proprietários se rejubilam. Conta Montaigne, em seus “Ensaaios”, que um governador grego mandou prender um negociante de umas funerárias, pelo fato de que ele, no entusiasmo de ganhar cada vez mais dinheiro, torcia demais para que morresse mais gente, alegrando-se com a desdita dos outros.

Na área econômica isto é muito comum: se a broca ataca o cafeeiro do país concorrente, o produtor brasileiro manifesta-se eufórico, assim, como os plantadores de laranja quando um frio intempestivo provoca a baixa produtividade dos laranjais americanos.

Todavia, essa situação é gerada pelo fato de vivermos em regime competitivo uns com os outros, quando o certo é que vivéssemos em regime cooperativo. O “mutirão” que os antigos usavam na colheita e a Prefeitura na construção de estradas vicinais, juntando-se todos no mesmo propósito, deveria ser o emblema do homem. E o cooperativismo tem a vantagem de caber em qualquer sistema político.

Por outro lado, como dizia o poeta: “colocamos a felicidade sempre onde não estamos”. Andamos atrás dela como dementados. Isto nos advém de nossa permanente insaciedade. Sempre temos algo mais a desejar. De fato, somos entes incompletos, como se estivesse ainda nos fazendo; por conseguinte, só o encontro com Deus, nos tiraria de vez essa separatividade que nos defrauda. Ao menos, a chamada Filosofia Perene aceita esta tese de unitismo que, por sinal, é substancial para os budistas que crêem numa plena integração com Deus, no Nirvana.

33 - A RESPOSTA FINAL DE KARDEC A MAURIAC

Num patético artigo para o "The Saturday Evening Post", denominado *A Resposta Final*, François Mauriac, uma das maiores glórias das letras mundiais, confessa: "Minha angústia muito singular, que não aprendi de ninguém, atormentou-me no momento em que comecei a tornar-me cõns» cio da tragédia contida no fato de ser homem; isto é, uma criatura condenada à morte e que vive sob a suspensão da execução por tempo desconhecido. Esta suspensão toma-se cada ano mais curta, e minha vida parece aquela 'humanidade infeliz' que um dos heróis de Balzac contemplou com horror ao vê-la encolher até o tamanho de uma moeda em sua mão trêmula."

De certa maneira, o imortal Maurício Maeterlink, havia dito quase o mesmo: "Para nós, em nossa vida e çm nosso universo, há apenas um acontecimento de monta: É a nossa morte. Quanto mais os nossos pensamentos anseiam por se afastar dela, mais se lhe aproximam*."

Vida e Morte, eis um tema para todos os tempos, e que tem inspirado as mais diferentes reações no homem. Quando o ser nasce, ou mesmo na fase pré-natal, a natureza mobiliza inúmeros recursos para que a vida seja vitoriosa. Somos, de pronto, dotados de um complexo equipamento de defesa que funciona, automaticamente, para que sobrevivamos. Quando, depois, passamos a racionalizar nossos atos, submetendo-os à análise, fazemos questão de viver, embora possamos não saber para quê. No *struggle for life*, na luta pela vida, quando e onde funciona a feroz lei do jângal, na falta da força física de Nenrod, apelamos para a simulação e dissimulação, que guardamos ainda, agora, em elevado nível de existência comunitária. Um grande capitão de indústria, ou figura de relevo no mundo econômico mundial, é criatura dotada da habilidade de um jogador de cartas, bastante adestrado a simular e dissimular.

Conforme o ser humano progride socialmente, vai adicionando, em sua personalidade, habilitações e conhecimentos que o inflam; mas, não só inflam-no, como também, criam-lhe uma couraça defensiva e ativista. Conforme o tempo passa, a civilização se agiganta, o homem toma, mais e mais, a rédea do mundo. Isto nos causa a impressão de que Deus deixou de dirigir o nosso pequeno orbe planetário, largando todo o negócio nas mãos de seu filho homem, propiciando o aparecimento de um ciclo novo na faixa da vida, a que denominamos hominal. O homem ilumina a noite escura, vence a gravidade e vôa, dá um pulo à Lua, examina "in loco" o chão de Marte, desloca os rios, barrá-os, fazendo as águas ociosas lhe produzirem energia, aumenta a sua potencialidade, a ponto de Hércules tornar-se um pigrieu; penetra nas entranhas da matéria, descobre o seu grande segredo, estoura o átomo, predispõe elementos interatômicos, inventa engenhos mortíferos capazes de destruir a própria casa planetária, descobre o raio *laser*, fabrica robôs e incrementa a informática.

Não obstante esta e outras notáveis aventuras da inteligência, o homem singularmente falando, por mais que tenha se agigantado, permanece debaixo da mesma lei que se destina ao seu gato ou cachorro. Não obstante possa ser um Prêmio Nobel de Literatura, como Mauriac, conhece o homem apenas corporalmente e, conseqüentemente, envelhecendo, sente-se como animal, sob a lei inclemente que lhe rege o destino. Nascer, viver e morrer, e talvez uma continuidade biológica através da reprodução. Nenhuma outra abertura, senão essa do sêmen, que afinal é a mesma do orangotango.

Sobretudo, nosso grande homem do mundo civilizado, alta expressão da ciência, da tecnologia, da literatura e da arte, começa a envelhecer. É-lhè fatalidade cruel, pois tudo aquilo que armazenou no cérebro, em sessenta anos de dedicação porfiada, geralmente fechado dentro de uma biblioteca ou de um laboratório, dias mais, ou dias menos, será jogado dentro de uma cova.

Él Assim, a vida não poderia fazer sentido para ninguém! No entanto, se Mauriac fosse humilde e seus colegas também, bastaria que olhassem a vida através dos ensinamentos de Kardec, principalmente, através da sua obra fundamental "O Livro dos Espíritos". Em linguagem didática, sem carga mística alguma, aprenderiam que a vida continua além da sepultura. "Nascer, morrer, renascer ainda, progredir sempre tal é a lei." - é um dos enunciados básicos da Doutrina Espírita. Por outro lado, quando este homem tivesse qualificação de cientista ou pesquisador, encontraria obras e mais obras, na bibliografia espírita e paralela, com soberbos fatos comprobatórios da sobrevivência.

Morte é uma simples palavra para descrever aquilo que desaparece diante da nossa percepção sensorial, principalmente, a vista. No caso do ser humano, o que é Espírito volta ao seu estado anterior, antes do renascimento, passando a sobreviver noutra dimensão, naquele estágio a que Kardec chamou pelo nome de "Mundo dos Espíritos". O progresso é contínuo até o ponto máximo da convergência: Omega. O gelo nos morre como sólido, se transforma em água, portanto, líquido e este se evapora.

Por esta razão, caro Mauriac, e a esta altura você deve já ter conhecimento disto, onde se encontra no plano espiritual, a sua bagagem cultural, tanto quanto a de um Einstein ou a arte de Toscanini não se perde, e jamais se perderá.

TEMA PARA REFLEXÕES: Que é a morte?

QUE É A MORTE?

— É o perecimento de um ser vivo ou o seu desaparecimento em nossa dimensão, fugindo aos nossos sentidos. Se pisamos numa lagarta ela se converte numa porção de massa esverdeada repugnante. Eis que ela pereceu, ou digamos, morreu. Mas, se a deixarmos viver, se transformará numa linda borboleta. Então, ela simplesmente desapareceu como lagarta e reapareceu como outro animal. Se o observador não soubesse que lagartas viram borboletas, entenderia que a lagarta tinha morrido e que a borboleta tinha nascido, como ser à parte.

O mesmo ocorre com o homem. Ele morre para os nossos sentidos, deixando de existir como ser humano. Mas, isto é simplesmente uma impressão para os nossos sentidos, principalmente da vista e do ouvido. Do casulo de carne, se tivéssemos desenvolvida e adequada vidência, veríamos o seu Espírito sair para outra vida, como ocorreu com a borboleta.

POR QUE OS HOMENS DE CIÊNCIA OU DE LETRAS, VIA DE REGRA

TÊM DIFICULDADE EM ACEITAR A IMORTALIDADE DA ALMA?

- Pelo fato de que ser homem de ciência de letras, detentor de Prêmios Internacionais, não significa desenvolvimento espiritual. Jesus procurou os apóstolos entre os humildes, e lastimava que aqueles outros preparados, estudados, de categoria elevada na comunidade israelita, estivessem vendo, mas, não entendendo coisa alguma. O motivo geralmente é a prevenção que o doutor tem pelo sobrenatural, receando que ele seja tido como ignorante e supersticioso.

AFORA ISTO, EXISTEM OUTROS EMPEÇOS?

- O pavor da morte é generalizado em toda a humanidade. Nasce de um vácuo tremendo que sentimos quando nos colocamos diante do não-ser. Deus nos criou dentro de leis naturais, defendidos por um vigilante instinto de conservação. Sem tal instinto não se teria dado a evolução das espécies. Mas, depois, que nos tomamos homens, importava que esse instinto se atenuasse em nós, substituído pela razão. É o que deveria acontecer e, por certo, acontecerá depois de um estágio para frente, em que estivermos maduros e mais espiritualizados. Por enquanto, mesmo em nós, espiritualistas, esse instinto é forte e dominante, e vemos isto quando uma pessoa está morrendo afogada e poderá afogar todos os que forem salvá-la. Muitos atos anti-sociais do homem que, insensível, deixa crianças morrerem de fome, enquanto possui a despensa cheia e reservas enormes, se ligam ainda a este instinto primário. Tem-se a impressão que o ser racional, com que se encontra dotado, não se desenvolveu de todo.

A importância do Espiritismo é considerável neste dealbar do III Milênio, pois que cabe a ele missão, bem difícil, de demonstrar por "a + b" que a morte é vida que continua se manifestando noutra forma. Kardec por isso enunciou a Fé Raciocinada que nos levaria à descoberta dos Mundos dos Espíritos.

BIBLIOGRAFIA

"Que é um santo?", J. Douillet, 1940, Editora Flamboyant.

“Ensayos”, Miguel de Montaigne, 1956, El Ateneo Editorial, Argentina.

“Compêndio de Economia Política”, 1942, Livraria

Globo.

“O Dom de Curar”, Ambrose e Olga Wforral, Editora O Pensamento.

“Ninguém está só—”, Catherine Marshall, Editora Cul- trix.

“Evolução Criadora”, Bergson, Editora Cultrix.

“Novo Catecismo”, Instituto Superior de Nijmegen da Holanda, Editora Herder.

“Jesus, o Filho do Homem”, Gibran Kalil Gibran, Editora Civilização Brasileira.

“As Novas Religiões”, Jacob Nedleman, Editora Arte- nova.

“Edison”, William A. Simon, Editora Flamboyant.

“Perfil de Goethe”, Pedro de Almeida Moura, Editora Melhoramentos.

“Remotos Cânticos de Belém”, Wallace Leal V. Rodrigues, Editora O Clarim.

“O Ramo de Ouro”, Sir James George Frazer, Editora Círculo do Livro.

“Decadência e Regeneração da Cultura”, Albert Sch- weitzer, Editora Melhoramentos.

“El Porvenir dei Hombre”, Teilhard de Chardin, Editora Taurus, Madrid.

“Obras”, L Anêu Sêneca, Atena Editora.

“O Conceito de Angústia”, Sören Kiekegaard, Editorial Presença.

“A Conduta da Vida”, Ralph Waldo Emerson, Cia. Brasil Editora.

“Raymond”, Oliver Lodge, Gráfica e Editora Edigraf, São Paulo, SP.

“Meu Filho Vive no Além”, Walter Wynn, Editora O Clarim.

“A Morte”, Maurício Maeterlink, Livraria Clássica Editora, Portugal.

“Schumann, sua vida e sua obra”, Camille Mauclair, Editora Cultura Brasília.

“Sinfonia Inacabada”, Rosemary Brown, Gráfica e Editora Edigraf .

“O Mundo que eu vi_”, Stefan Zweig, Editora Delta.

“É fácil viver bem”, Norman Vincent Peale, Editora José Olímpio.

“Importância de Viver”, Lin Yutang, Editora José Olm- pio.

“O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec.

*0 Evangelho Segundo o Espiritismo”, Allan Kardec. *0 Céu e o Inferno”, Allan Kardec,

Nosso Lar, Os Mensageiros, Missionários da Luz, Obreiros da Vida Eterna, No Mundo Maior, Agenda Cristã, Libertação, Entre a Terra e o Céu, Ação e Reação, Conduta Espírita 9 obras todas de André Luiz, psicografadas por.Fran- ciscò Cândido Xavier, Ed. FEB.